



Naguib Mahfouz

Prémio Nobel de Literatura 1988

# Em Busca

Caminhos de África







Naguib Mahfouz

Prémio Nobel de Literatura 1988

---

**Em Busca**



Naguib Mahfouz

Prémio Nobel de Literatura 1988

---

# Em Busca

Caminhos de África



Título: *Em Busca*

---

Título original: *The Search*

---

Autor: Naguib Mahfouz

---

Tradutor: Estefânia Vicente Duarte

---

Capa: Secção Gráfica da Editorial Caminho  
sobre foto de Luís Silva

---

Revisão: Secção de Revisão da Editorial  
Caminho

---

© 1987, by The American University  
in Cairo Press

---

Direitos de tradução em língua portuguesa,  
excepto Brasil, reservados por Editorial  
Caminho, SA Lisboa, 1989

---

Realização gráfica para INALD — Instituto  
Nacional do Livro e do Disco, Luanda,  
RPA, de Editorial Caminho, SA, Lisboa,  
Portugal, 1989

---

Tiragem: 7500 exemplares

---

Composição: Secção de Informática da  
Editorial Caminho

---

Impressão: Gráfica da Venda Seca

---

Data de impressão: Julho de 1989

---

## Primeiro capítulo

Lágrimas rasaram-lhe os olhos. Apesar do controlo de emoções e da repugnância que sentia em chorar perante aqueles homens, deixara-se vencer. De olhos húmidos fitou o cadáver a ser retirado do caixão e transportado para a cova aberta, o corpo morto aparentando leveza envolta num sudário branco. Oh, como te gastaste, mãe.

A cena dissipou-se e ele só via escuridão e a poeira fazia-lhe cócegas nas narinas e o desagradável fedor dos homens à sua volta inundava o ar.

A choradeira das mulheres, misturada com o ardor da poeira, fê-lo sentir-se mais desgostoso e deu um passo em frente, debruçando-se sobre a campa aberta, mas uma mão puxou-o para trás e uma voz disse: «Lembra-te do teu Deus.»

Sentiu repulsa por lhe tocarem e amaldiçoou o homem no seu íntimo. Aquele homem é um porco, tal como todos os outros. Mas a gravidade do momento logo fez emergir nele uma dor de remorso, e disse: «Um quarto de século de amor, ternura, carinho, tudo se foi, engolido pela terra como se nunca tivesse existido.»

Um coro de lamúrias anunciou a chegada de um grupo de cegos que rodearam a campa e se sentaram de pernas cruzadas. Sentia os olhos constantemente pou-



sados nele, outros lançando-lhe relances ocasionais. Sabia o que significavam estes olhares e empertigou o corpo esguio em renitente defesa. Deviam estar a pensar por que razão ele se apresentava tão estranho de aparência e indumentária, como se não fosse um deles. Por que o tinha a sua mãe afastado do meio dele para depois o abandonar?

Não vieram aqui para prestar condolências, mas antes para se regozijarem com a tua má sorte.

O coveiro e o ajudante apareceram, vindos de baixo e procederam a encher vigorosamente a cova com terra. Os cegos entoavam um refrão às preces do seu chefe.

Ela vai sentir-se mesmo só. O que têm a dizer estes porcos? Reverência, cobrindo-lhes os rostos como uma nuvem de Verão. Ficou impaciente, ansiando pela solidão da sua casa, no desejo de meditar sobre a sua situação. Questões embaraçosas serão postas a sua mãe no negrume do túmulo. Nenhum destes diabos lhe poderá prestar qualquer auxílio nessa altura. «Mas o teu tempo virá!»

Os sons morriam, indicando o fim da cerimónia e o coveiro avançou uns passos na direcção dele, mas foi detido pelo homem que estava à sua direita. «Deixa-me tratar disso. Conheço esta gente.» Sentiu de novo revolta, mas apercebendo-se que tudo terminava, o seu sentimento de solidão superou tudo o mais. Lançou um último olhar à cova, sentindo-se em paz com a aparência ordenada desta. Através das barras da janela via os insectos a crescer na parede do túmulo. A sua mãe, Deus desse repouso à sua alma, gostava da boa vida, mas, agora, tudo o que lhe restava era a cova.

As pessoas avançavam devagar para lhe prestarem condolências. Primeiro as mulheres que, apesar dos choros, das lamentações e dos trajes de luto, não conseguiam ocultar o jeito licencioso do olhar; depois

os homens, traficantes de droga, bandidos, proxenetas, chulos, todos resmoneando palavras incoerentes de condolências. Fitou-os a todos, friamente, tendo plena consciência de que o sentimento lhe era reciprocamente devolvido.

No caminho de casa uma brisa refrescante acalmou-o, trazendo com ela a fragrância da Primavera. A sua casa, na Rua el Nabi Danial, fora o cenário de um período feliz e confortável da sua vida. Contudo, os únicos sinais de conforto que restavam eram a entrada ampla e um cano de água abandonado debaixo da cama vazia de sua mãe.

Sentou-se na varanda que dava para a confluência das Ruas el Nabi Danial e Saad Zaghoul, fumando um cigarro. Um apartamento do outro lado da estrada atraiu-lhe a atenção; viviam ali estrangeiros e estavam a ser feitas preparações para uma festa. Conseguia ver uma mulher e um homem a beijarem-se, coisa bastante despropositada para se fazer a horas tão prematuras.

Decidiu que a partir deste dia havia de conhecer a vida tal como ela era. Estava só, sem amigos, nem trabalho ou família e tinham-no deixado sem nada a não ser uma esperança quimérica. A partir deste momento ele tinha de se defender sozinho; isso fora antes algo que coubera a sua mãe e ele tinha sido livre para gozar a vida ao máximo. Ontem mesmo, pensamentos de morte não podiam estar-lhe mais longe da ideia. Tinha sido ontem, também, mais ou menos àquela hora, que a carruagem chegara, trazendo-lhe a mãe. Ele conduzira-a para dentro de casa, a casa que ela tinha preparado para o filho. Estava fraca e macilenta, parecendo trinta anos mais velha que os seus cinquenta e tal. Era assim que ele se lembrava de Basima Omran, tal como ela estava quando viera para casa no dia anterior, depois de ter passado cinco anos na cadeia.

«A tua mãe está acabada, Saber.»

Levando-a sem esforço nos braços, ele disse: «Que disparate, a mãe está no auge da juventude.»

Ela deitou-se na cama, completamente vestida, debruçou-se para se olhar no espelho e repetiu: «A tua mãe está acabada, Saber. Quem iria acreditar que este é o rosto de Basima Omran...»

Se era verdade! Um rosto redondo e belo e a cor rosada de uma maçã a amadurecer. O riso dela, que tinha ressoado em todos os salões de Alexandria, agora mal conseguia causar a mais leve vibração no seu corpo volumoso e anafado.

«Que Deus amaldiçoe os males e a doença.» Limpando o rosto, apesar do tempo frio, ela disse: «Não é da doença, mas sim da cadeia. Adoeci na cadeia. A tua mãe não foi feita para cadeias. Eles diziam que era do meu fígado, da tensão, depois era o coração, raios os partam. Posso alguma vez voltar a ser o que era?»

«E ainda melhor, com descanso e medicamentos.»

«E dinheiro?»

Ele retraiu-se e não disse nada.

«Quanto é que te resta?»

«Muito pouco.»

«Foi um gesto avisado eu ter registado a casa de Ras el Tin em teu nome; senão eles também ficavam com isso.»

«Mas eu vendi-a quando se me acabou o dinheiro. Na altura contei-te.»

Ela soltou um resmungo e levou a mão à testa. «Ah, a minha cabeça, quem me dera que não tivesses vendido a casa. Tinhas bastante dinheiro; queria que levasses uma boa vida, que vivesses como um aristocrata. Queria deixar-te uma fortuna sem limites, mas...»

«Ficou tudo perdido de um só golpe.»

«Sim, que Deus os perdoe, uma pérfida vingança

de um homem pérfido, um homem que gozou da minha riqueza e que depois me deixou por uma reles pega. De repente ele lembrou-se do chamamento do dever, da lei e da honra e abandonou-me, o patife. Cuspi nele, no tribunal.»

Pedi-lhe um cigarro; ele acendeu-lhe um, dizendo: «É preferível que não fume agora. Fumou lá dentro?»

«Cigarros, haxixe, ópio, mas sempre me preocupei contigo.» Susteve a respiração para chupar o cigarro, limpou o rosto e o pescoço húmidos e disse: «E o teu futuro, meu rapaz?»

«Como hei-de eu saber? Não me resta outra coisa senão tornar-me bandido, proxeneta ou chulo.»

«Tu?»

«Eu sei que me criou para uma vida melhor, mas desconfio que isso não me vai trazer nada de bom.»

«Não foste feito para esse tipo de vida.»

«Que outra coisa posso eu fazer neste mundo?», perguntou, para logo de seguida exclamar, com raiva súbita: «Como os meus inimigos gostaram que a mãe estivesse longe!»

«Saber. Evita a ira. Foi a ira que me mandou para a cadeia; teria sido mais fácil acalmar aquele salafrário, que me traiu.»

«Por todo o lado só encontro gente que gostaria de esmagar.»

«Deixa-os dizer o que quiserem, mas não uses os punhos.»

Cerrando os punhos, ele ameaçou: «Se não fossem estes punhos tinha sido humilhado por toda a parte onde fosse; ninguém se atreveu a proferir uma única palavra sobre si enquanto estive na prisão.»

Zangando-se, ela soprou uma baforada e disse: «A tua mãe é muito mais honrada que as mães deles. E estou a falar a sério. Eles não sabem, mas, se não fossem as mães deles, o meu negócio tinha ido por água abaixo!»

Saber sorriu, apesar da atmosfera opressiva. A mãe continuou: «São muito espertos quando enganam as pessoas com as aparências, carros, roupas, cigarros caros. Bem-falantes, a cheirar bem, mas eu conheço-os como eles são na verdade, conheço-os no quarto, despojados de tudo à excepção dos defeitos. Deles sei eu de histórias sem fim, aqueles porcos, aqueles safados filhos da mãe. Antes do julgamento muitos deles contactaram-me e pediram-me com a maior insistência para eu não revelar os nomes deles no julgamento e em troca prometeram-me a liberdade. Tal gente não tem o direito de dizer mal da tua mãe, pois ela é muito mais honrada que as mães, as mulheres e as filhas deles. Acredita-me, se não fossem elas eu não tinha trabalho.»

O sorriso voltou aos lábios dele.

«Para onde foram aqueles dias cheios de gozo e livres de problemas?», suspirou ela. «Eu amava-te de todo o meu coração; tudo o que eu possuía estava ao teu dispor. Deixei-te viver aqui, nesta linda casa, longe do meu mundo. Se alguma vez te fiz mal foi sem querer. A tua beleza e elegância não têm par, mas debes procurar não perderes a cabeça nem te preocupares com o que me aconteceu.» A tristeza dela era contagiosa.

Ele disse suavemente: «Tudo vai voltar a ser o que era.»

«A ser o que era... estou acabada. A Basima dos dias de outrora nunca mais voltará; a minha saúde não o permitiria, nem a Polícia.»

Ele pôs os olhos no chão. «Resta muito pouco do dinheiro da venda da casa.»

«O que fazer? Tens de viver ao mesmo nível a que te habituei.»

«Nunca a vi perder a esperança nenhuma vez.»

«Apenas desta vez.»

«Então tenho de trabalhar ou matar.»

Ela apagou o cigarro e fechou os olhos como para tentar concentrar-se numa só ideia.

«Tem de haver uma saída», continuou Saber.

«Sim, pensei muito no assunto, na prisão.»

Pela primeira vez, a confiança que tinha na mãe foi abalada.

«Sim», continuou ela, «pensei muito nisso e agora estou convencida que não tenho o direito de te deter aqui, uma vez que já não é bom para ti.»

Ele fitou-a com um ar de interrogação nos seus olhos escuros.

Então, num tom de derrota, ela murmurou: «Não compreendes. O governo confiscou-te de mim ao mesmo tempo que confiscou a minha riqueza. Também não tenho o direito de te possuir. Compreendi isso no dia em que me condenaram.» Ficou silenciosa por um instante, com um total desespero estampado no rosto. «Saber, isto significa que tens de me deixar», disse.

«E ir para onde?», perguntou ele, ressentido.

«Para junto do teu pai», respondeu ela numa voz quase inaudível.

Ele ergueu as sobrancelhas de espanto e exclamou: «O meu pai...»

Ela acenou a cabeça.

«Mas ele está morto. A mãe disse-me que ele morreu antes de eu ter nascido.»

«Eu disse-te isso. Mas não era verdade.»

«O meu pai, vivo... É incrível... O meu pai... vivo...»

Ela olhou-o com um súbito desdém enquanto ele continuava: «O meu pai, vivo... Por que é que escondes isso de mim?»

«Sim, chegou a hora da confissão», suspirou ela.

«Não, não. Mas eu tenho o direito de saber.»

«Qual era o pai que teria feito por ti tudo o que eu fiz, a tua felicidade...?»

«Não nego isso de forma alguma...»

«Então não me censures e começa a procurá-lo.»

«A procurá-lo?»

«Sim. Estou a falar de um homem com quem casei há trinta anos e agora não sei nada dele.»

Com uma disposição mais calma, mas ainda perplexo, ele perguntou: «Mãe, o que significa isto tudo?»

«Significa que estou a tentar mostrar-te a única saída para o teu dilema.»

«Mas ele podia estar morto.»

«Ou vivo.»

«Então tenho de desperdiçar a minha vida à procura de alguém de cuja existência eu nem tenho a certeza?»

«Nunca terás a certeza a não ser que o descubras. De qualquer modo, é melhor do que ficares como estás, sem trabalho e sem esperança.»

«É uma situação muito estranha e nada invejável!»

«A tua única alternativa é tornares-te um proxeneta, um vigarista, um chulo ou um assassino. Portanto, tens de fazer o que tem de ser feito.»

«Como posso eu encontrá-lo?»

Ela suspirou e uma tristeza ainda mais profunda apossou-se dela. «O nome dele está na tua certidão de nascimento, Sayed Sayed el Reheimy.» O olhar dele enevoou-se à medida que ela prosseguia: «Ele apaixonou-se por mim há trinta anos. Foi no Cairo.»

«Cairo... então ele nem sequer está em Alexandria.»

«Sei que o teu verdadeiro problema será encontrá-lo.»

«Por que não tentou ele encontrar-me?»

«Ele não sabe da tua existência.»

Um ar de ressentimento e indignação espelhou-se-lhe nos olhos. «Espera», disse ela, «não me olhes dessa maneira e ouve o resto. Ele é um homem de posses em todo o sentido da palavra. Naquele tempo

ele era um estudante, mas mesmo nessa altura já dispunha de meios e prestígio consideráveis.»

Ele olhou-a com crescente interesse, porém com um certo distanciamento.

«Ele amava-me. Eu era uma rapariga bela e perdida. Ele guardou-me em segredo, num cofre de ouro.»

«Ele casou consigo?»

«Sim, ainda tenho a certidão de casamento.»

«Ele divorciou-se de si?»

Ela suspirou: «Eu fugi.»

«Fugiu?»

«Fugi ao fim de uns dias. Estava grávida. Fugi com um zé-ninguém.»

«É inacreditável», murmurou ele, abanando a cabeça.

«Daqui a pouco vais deitar sobre mim a culpa do teu problema.»

«Não a estou a acusar de nada. Mas ele não procurou por si?»

«Não sei. Fugi para Alexandria e nunca mais ouvi falar dele. Muitas vezes esperei vê-lo num dos meus estabelecimentos, mas nunca mais lhe pus a vista em cima.»

Ele soltou uma risada gélida e disse: «E trinta anos depois manda-me procurá-lo.»

«O desespero leva-nos a fazer coisas ainda mais estranhas. Terás a certidão de casamento para te ajudar. E também a fotografia de casamento. Verás a flagrante semelhança.»

«É estranho que a mãe tenha guardado a certidão e a fotografia.»

«Estava a pensar na fotografia. Eu era uma pobre rapariga que vivia com um chulo e quando me tornei famosa as minhas intenções de te vingar ficaram realizadas.»

«E mesmo assim nunca se conseguiu livrar do resto das suas recordações.»



Ela limpou impacientemente o rosto e o pescoço e disse: «Tencionei fazê-lo muitas vezes, mas mudei de ideias, como se tivesse um pressentimento do que viria a acontecer.»

Ele pôs-se a passear de um lado para o outro, depois deteve-se em frente da cama dela: «E se ele me negar depois de todos os meus esforços?»

«Quem te poderá negar depois de ver a fotografia?»

«O Cairo é uma grande cidade e eu nunca lá estive.»

«Quem está a dizer que ele está no Cairo? Podia estar em Alexandria, Assiut ou Damanhour. Não faço ideia. Onde está ele hoje? O que faz ele? Está casado ou solteiro? Só Deus sabe.»

Ele agitou o braço, zangado. «E como devo eu encontrá-lo?»

«Sei que não vai ser fácil. Mas também não é impossível. Conheces alguns oficiais da Polícia e advogados. Nenhuma personalidade proeminente é desconhecida no Cairo.»

«Receio que o meu dinheiro se esgote antes que eu o encontre.»

«É por isso que deves começar imediatamente.»

Ele ficou um instante a pensar e depois perguntou: «Ele valerá todo esse esforço?»

«Sem sombra de dúvida. Encontrarás ao lado dele a vida que queres. Não sofrerás as indignidades do trabalho nem te verás forçado a levar uma vida de crime.»

«E se eu o encontrar pobre? A mãe não foi extremamente rica?»

«Asseguro-te que o dinheiro é apenas um dos seus trunfos. É verdade que eu fui rica, mas nunca te ofereci uma vida honrada e tudo o que fizeste foi andar por aí usando os teus punhos para defenderes a honra da tua mãe e de ti próprio.»

Devo estar a sonhar, pensou ele. «Acredita mesmo que o venha a encontrar?»

«Alguma coisa me diz que ele está vivo e que, se não desesperares, hás-de encontrá-lo.»

Ele abanou a cabeça, dividido entre a confusão e o desespero. «Devia realmente começar a procurá-lo? Se os meus inimigos souberem disto, não me vão tratar como um louco?»

«E que te dirão eles se te descobrirem numa vida de chulo? Não tens outra alternativa senão procurá-lo.» Ela fechou os olhos, murmurando que estava exausta e assim ele pediu-lhe que tentasse dormir, dizendo-lhe que resumiriam a conversa no dia seguinte. Tirou-lhe os sapatos e cobriu-a, mas ela rejeitou o cobertor com um gesto nervoso e caiu num sono profundo, compassado de um leve ressonar.

Ele acordou às nove horas da manhã seguinte, após uma agitada noite de insónia. Foi ao quarto dela para a acordar e encontrou a mãe morta. Teria morrido durante o sono ou teria chamado durante a noite? Um grito que passasse despercebido. Já não interessava. Ali estava ela, morta, com as mesmas roupas com que saíra da prisão no dia anterior. Ele olhou atentamente a fotografia de casamento. A única prova da existência de um pai havia trinta anos. Era bem verídico. Ele era a imagem do pai. Um homem belo e viril, de tarbuche ligeiramente inclinado para a direita, engrandecendo uma figura já de si impressionante.

Os convidados tinham começado a chegar a casa dos vizinhos, os sons de música confundindo-se com os cânticos do Corão no quarto da mulher morta.

Onde fica a realidade e onde fica o sonho? A tua mãe, cujas últimas palavras ainda ecoam nos teus ouvidos, agora jaz morta. O teu falecido pai busca a ressurreição. E tu, sem um tostão, atormentado, fraco

de crime e pecado, em busca de um milagre que te conduza a uma vida de honra, liberdade e paz de espírito.

## Segundo capítulo

De momento era preferível deixar o assunto permanecer em segredo. Caso ele desesperasse da busca, podia procurar ajuda entre os seus conhecidos. Ia começar por Alexandria, embora fosse improvável que alguém como o seu pai se encontrasse em Alexandria sem que a sua mãe soubesse.

A lista telefónica, para começar. A letra S. Sayed el Reheimy. Aha... se ao menos a sorte estivesse do seu lado. Sayed Sayed el Reheimy, proprietário da livraria el Manshiya. Muito improvável para uma pessoa do nível social do seu pai. De todos os modos, el Manshiya era uma área trabalhada pela sua mãe há mais de um quarto de século. Mas apesar disso talvez fosse uma pista útil.

O dono da livraria era um homem de cinquenta e tal anos, não aparentando nenhuma semelhança com a fotografia. Cobrindo o rosto da mãe, mostrou-lhe a fotografia.

«Não, não conheço este homem», disse o dono da livraria.

Saber explicou que a fotografia tinha sido tirada havia trinta anos.

«Não me lembro de o ver.»

«Talvez ele seja um parente?»

«Somos alexandrinos e todos os meus parentes

vivem aqui. Alguns dos meus parentes do lado da minha mãe vivem no campo. Por que motivo anda à procura deste homem?»

Ele hesitou por um instante, depois disse rapidamente: «É um velho amigo do meu falecido pai. Nenhum dos Reheimy vive noutra sítio?»

O homem olhou-o desconfiado e disse: «El Reheimy é meu avô e só há a minha irmã e eu.»

Só resta ser paciente. Tinha apenas duzentas libras e estas diminuíam a cada hora que passava. Quando acabassem, assim também se iria a esperança de uma vida honrada. Os olhos doíam-lhe de tanto escrutinar cada transeunte. Consultou um advogado seu conhecido, que sugeriu que o seu pai podia não ter o número na lista. «Pergunte ao xeque el Hara\* local», sugeriu.

«O meu pai é um homem importante», retorquiu Saber, indignado.

«Trinta anos podem ocasionar coisas estranhas. Eu ia sugerir-lhe que inquirisse sobre ele nas várias prisões.»

«Prisões!»

«Por que não? Uma prisão é como uma mesquita, aberta a todos. Às vezes as pessoas vão para a prisão por nobres motivos.» Com uma breve risada, o advogado prosseguiu: «Vamos começar pelas repartições de registos, depois as prisões e os registos de propriedade. Se não houver aí rasto dele, não temos outra alternativa senão perguntar aos xeques locais.»

Saber rejeitou a ideia de um anúncio no jornal. Isso daria aos seus inimigos uma oportunidade de troçarem

---

\* Literalmente «o mais velho da rua». Trata-se de uma pessoa que viveu durante muito tempo num determinado quarteirão da cidade e em quem as autoridades confiam para atender à manutenção de registos de nascimentos, óbitos e moradas nesse quarteirão.

dele. O anúncio teria de esperar até que ele saísse da cidade. Fez a ronda dos xeques locais, de uma ponta de Alexandria à outra.

«O que faz ele?»

«Não sei nada sobre ele, a não ser que é uma personalidade conhecida e de meios amplos. Esta é uma fotografia dele, tirada há trinta anos.»

«Por que razão anda à procura dele?»

«É um velho amigo do meu pai e pediram-me que o procurasse.»

«Tem a certeza que ele ainda está vivo?»

«Não tenho a certeza de nada.»

«Como é que soube que ele está em Alexandria?»

«É só um pressentimento, nada mais.»

Então a resposta final ressoava como o estampido de uma porta de cela: «Desculpe, não o conhecemos.» Não cessava a escrutinação de cada pessoa que passava, num turbilhão contínuo de busca, sem sucesso. As gotas de chuva forçaram-no a retroceder da beira-mar e a dirigir-se para Miramar. Olhou para cima, para o céu de fim de tarde, com as primeiras sombras de crepúsculo marginalizando paulatinamente a réstia de luz do dia. Uma voz exclamou, dando as boas-vindas: «Vem.»

Trocou um aperto de mão e sentou-se.

«Não pude prestar-te as minhas condolências, mas esperei até que viesses ao Le Canard. Toda a gente tem perguntado por ti.» A chuva tinha parado. Ergueu-se, dando uma desculpa sobre um encontro. Ela ergueu-se e disse, melíflua: «Estás em apuros financeiros?»

Então começaram a falar!

Tentadoramente, ela continuou: «Alguém como tu nunca devia sentir falta de dinheiro.»

Ele deu-lhe um frio aperto de mão e saiu. Alguém como tu nunca devia sentir falta de dinheiro. A conversa da Madame! É só o que os inimigos querem. Preferia estar morto. O que resta em Alexandria?

A quiromante; mas nada de novo.

O xeque talvez soubesse de tudo. Visitou-o no seu quarto de rés-do-chão, fechado e húmido. O xeque, sentado no chão de pernas cruzadas, imerso em pensamentos, disse: «Procurai e encontrareis.» O som das ondas parecia augurar um começo prometedoro. «Uma busca longa como as noites de Inverno», acrescentou o xeque. Cada dia é como um ano e a que preço! «Obterás o que procuras.»

Com uma voz sobressaltada: «De que ando eu à procura?»

«Ele espera-te impacientemente.»

«Ele sabe da minha existência?»

«Está à tua espera.»

Talvez a sua mãe não lhe tivesse dito tudo.

«Então, ele está vivo!»

«Graças a Deus.»

«Onde posso eu encontrá-lo? É isso que quero saber.»

«Paciência.»

«Não posso ser infinitamente paciente.»

«Mal começaste.»

«Em Alexandria?»

O xeque fechou os olhos. «Paciência, paciência», murmurou.

«Não me disse nada», replicou Saber, irritado.

«Disse-te tudo», respondeu-lhe o xeque.

Saiu a praguejar e foi recebido pelos rumores introdutórios de uma tempestade de relâmpagos. Decidiu vender a mobília e partir para o Cairo. Já tinha vendido os objectos valiosos de modo a manter os seus gostos dispendiosos e vida extravagante. Detestava que os negociantes e compradores de objectos em segunda mão viessem ao seu apartamento, por isso fez uma visita a Madame Nabawiya, uma amiga íntima de sua mãe e a única desse círculo de quem ele não desgostava.

«Terei muito gosto em comprar-te a mobília, mas por que partes?», perguntou-lhe ela, oferecendo-lhe uma cachimbada do seu narguilé.

«Vou construir para mim uma vida nova no Cairo, longe disto tudo.»

«Que Deus tenha dó da alma dela. Ela amava-te e arruinou-te para qualquer outro tipo de vida.»

Ele compreendeu o que ela queria dizer e disse: «Já não sirvo para este tipo de vida.»

«O que farás tu no Cairo?»

«Tenho um amigo que prometeu que me ajudaria.»

«Acredita-me, o nosso trabalho só serve para os orgulhosos.»

Ele cuspiu num grande recipiente de incenso. Era aquela a sua resposta.

Alexandria sumia-se à distância, enquanto o comboio seguia veloz rumo ao sul, na direcção do Cairo. Um quarto de século de recordações desvaneciam-se no crepúsculo outonal, envolvido em nuvens escuras, arautos de Novembro, que viria com os seus ventos gélidos soprando pelas ruas semidesertas. Despediu-se da cidade em silêncio, perguntando-se o que o futuro lhe teria reservado. Os seus únicos companheiros de viagem foram os seus pensamentos, pensamentos sobre o pai. As perguntas que tinha feito, a resposta evasiva da mãe. Sempre assumira que fora o produto de um momento de prazer num dos numerosos bordéis. Um bastardo.

O barulho súbito da estação do Cairo interrompeu-lhe os pensamentos. O seu impulso imediato foi entrar no próximo comboio para Alexandria. Mas, pensando melhor, deixou a bagagem na estação e saiu para o sol da tarde. Ficou impressionado com todos os aprestos de uma grande cidade, os automóveis, autocarros, peões, vendedores de rua, ruído, ruas largas, ruído, ruas estreitas, ruído. Contradições e contrastes por toda



a parte. Até o tempo, os raios escaldantes de um sol que labutava até ao último instante antes do poente e uma agradável brisa fresca que o substituía, depois da labuta se dar inevitavelmente por terminada.

Por fim encontrou-se numa rua de arcadas, diante do Hotel Cairo, um estabelecimento que parecia ser conforme às suas posses. E como que para sublinhar este facto, um mendigo estava sentado perto da entrada, de pernas cruzadas, entoando uma canção religiosa. A rua era repleta de lojas dos dois lados e havia pilhas de mercadorias espalhadas ao longo dos passeios.

O hotel era um velho edifício com paredes cor de areia, erguendo-se quatro andares acima dele. Uma entrada em arcada conduzia a um longo corredor com uma escada ao fundo. A meio do corredor ficava a recepção, com uma secretária presidida por um velho sentado, com uma mulher de pé a seu lado. Mas que mulher! Sentiu o acordar imediato de desejos há muito adormecidos e de recordações perdidas na neblina do tempo. O som e o odor do mar e momentos de louca paixão inflamaram-se com o negrume da noite. Uma relação íntima surgiu entre ele e o hotel; era como se estivessem destinados a encontrarem-se.

Atravessou a estrada e entrou com uma curiosidade ardente. A bela rapariga morena, os olhos amendoados a luzir numa sedutora tentação. Um vestido justo de uma cor pálida, unhas compridas sugerindo um desejo excitante, animal.

Fê-lo recordá-la. Há dez, talvez há mais anos, o nome há muito esquecido, mas o momento relembra-do na sua inteireza. A rapariga desse passado remoto não tinha importância, mas aqui estava ela agora, trazendo o passado de volta, chamando-o, tal como lhe estava a fazer o seu pai. Um chamamento dos mortos, que o trazia do mar até esta cidade excitante e repleta. Ela lançou-lhe um olhar furtivo cheio

de significado e logo virou o rosto para o salão do hotel à sua direita. Saber dirigiu-se para a secretária onde o velho se debruçava sobre um enorme livro de registos, com uma lupa na mão trémula. O velho não reparou nele e assim ele olhou a mulher de soslaio e assegurou-se da promessa que tinha detectado a princípio. Ela devolveu-lhe o olhar com uma ponta de malícia e acotovelou o velho, após o que Saber o cumprimentou imediatamente. «Boa tarde.»

O velho ergueu a cabeça e mostrou uma cara sulcada de rugas, com um nariz curvo e proeminente. O aspecto dos seus olhos pálidos indicava uma falta de interesse total nas causas e razões deste mundo.

«Ando à procura de quarto», disse Saber.

«Vinte piastras por noite.»

«E se eu ficar duas semanas?»

«Vinte piastras não é nada hoje em dia.»

«É possível que eu fique cá um mês ou mais.»

O velho desistiu do regateio e resmungou: «Como queira.»

Saber deu o nome e local de origem e quando lhe perguntaram a ocupação disse simplesmente: «Disponho de bens privados.» Deu ao velho o bilhete de identidade, olhando a mulher de soslaio enquanto o homem se ocupava a ler e a escrever os pormenores. Os olhos de ambos encontraram-se, mas ele não conseguiu ler o significado que vira a princípio. No entanto, convenceu-se que ela era a mesma rapariga do passado. Uma vez mais o odor do mar aflorou-lhe as narinas, assim como o perfume dos cravos que tinham enfeitado o cabelo dela. De repente sentiu-se optimista quanto ao sucesso da sua missão e não duvidou um único instante de que esta mulher estivesse pronta e ansiosa. Ela parecia estar desinteressada, mas uma feiticeira ocultava-se sob aquela capa de desinteresse.

O velho devolveu-lhe o bilhete de identidade, dizendo: «É de Alexandria?»

Acenou afirmativamente, sorriu e disse, manhoso, olhando para a rapariga: «Certamente que gosta de Alexandria.»

O velho sorriu, mas a rapariga, contrariamente às suas expectativas, nem sequer parecia ter ouvido, e assim ele apressou-se a perguntar: «Alguma vez conheceu Sayed Sayed el Reheimy?»

«Não é improvável que o tenha conhecido.»

Saber tornou-se deveras interessado, esquecendo-se da rapariga: «Onde e quando?»

«Não me lembro; não tenho a certeza.»

«Mas ele é um homem importante.»

«Conheci muitos, mas agora não me recordo de nenhum.»

O optimismo de Saber aumentara. Lançou uma espreitadela rápida à rapariga e viu-lhe uma sombra de dúvida e um esgar de troça nos olhos, como se ela estivesse a perguntar por que motivo se alojaria naquele hotel um homem que dispunha de bens privados. Não se incomodou com isso. A verdade seria revelada quando ela descobrisse a razão da sua presença ali. E ela havia de o descobrir mais cedo ou mais tarde.

Seria que ela se lembrava dele? Sentiu as unhas compridas a enterrarem-se-lhe na carne depois da longa perseguição ao longo do Corniche, em Alexandria. A perseguição que terminara no escuro, com a brisa do mar soprando sobre os seus corpos nus. Mas onde estaria o pai dela nessa altura? E quando é que ele se tinha mudado para o Cairo para gerir este hotel?

A mulher chamou: «Mohamed al-Sawi.»

Um velho levantou-se de um banco perto da porta e respondeu à chamada. Era muito escuro, baixo e de

fraca constituição. Usava uma *galabiya* às riscas cinzentas e um solidéu branco.

Ela apontou para Saber e disse: «Quarto 13.»

Saber sorriu com o número. Desculpou-se por se retirar; devia voltar à estação para trazer consigo a bagagem. Quando regressou, seguiu Mohamed al-Sawi até ao seu quarto, no terceiro andar. Um porteiro de meia-idade, movendo-se demasiado rápido para a sua profissão, levou-lhe as malas. O porteiro tinha uns olhinhos e uma cabeça muito pequena que lhe dava um ar de ingenuidade.

«Qual é o teu nome?», perguntou Saber.

«Aly Seriakous.»

O modo como ele o disse fez Saber compreender que este era um homem que podia ser comprado.

«O velhote à secretária é o dono do hotel?»

«Sim, o Sr. Khalil Abul Naga.»

Ia perguntar sobre a mulher quando se avisou a si mesmo de que a ingenuidade pode ser uma espada de dois gumes.

Quando ficou só observou o ambiente à sua volta. A impressão imediata foi de antiguidade. Um tecto alto e uma cama com quatro pilares. Seu pai devia ter gostado de tal atmosfera ao fazer amor com sua mãe. Olhou pela janela, para um largo na extremidade norte da rua. Havia crianças a chapinhar na água da fonte, no centro do largo. Apagou a luz e sentou-se no velho divã, fechando os olhos. Fantasias sexuais, entremeadas com sonhos de encontrar o pai, varriam-lhe a ideia.

Escutava a chamada daqueles olhos amendoados. Ela podia estar agora a pensar nele e a tentar adivinhar a razão da sua presença. Não havia dúvida de que era ela a rapariga. Ouvia a voz dela através da fanfarra do festival, dizendo-lhe, cortante, que não se aproximasse dela daquele modo.

Tinhas-lhe retorquido, com autoridade, que nenhuma rapariga jamais te falara daquela maneira. Ela respondera que assim tinha feito e havia de o repetir. Ela partira com uma mulher de aspecto grosseiro, a brisa acariciando-lhe os cabelos. Onde estaria então o Sr. Khalil? Os vossos olhos encontraram-se hoje mais de uma vez e os olhares foram cheios de significado. Mas não havia indícios de recordações passadas. Não havia indícios de longos passeios à beira-mar, junto aos barcos de pesca virados na areia, conversas que disfarçavam paixão e desejos intensos. Um beijo roubado, seguido de uma carícia amigável. Depois exclamaste: «Um dia hei-de cortar-te essas unhas compridas!»

Quanto à longa perseguição que terminara no escuro, isso fora a vitória total, uma vitória a que se seguiu um desaparecimento e um longo silêncio. Depois o desgosto que perdurou muito tempo até que a tua mãe se mudou de um quarteirão a outro e acabou no elegante apartamento no distrito de Nabi Danial. Quem sabe? Este hotel podia ter uma ligação com aquela noite escura e a rapariga de cravos nos cabelos. Esta mulher provoca uma tempestade de paixão nas tuas veias. E certamente que necessitas de momentos de calor e paixão para compassar a tua busca e aliviar-te as dores de solidão. E depois, quando o milagre ocorrer, hás-de gritar: «Sou Saber, Saber Sayed Sayed el Reheimy! Aqui está a minha certidão de nascimento e aqui está a certidão de casamento e olhe bem para esta fotografia.»

Depois hás-de abrir os teus braços e todos os maus pensamentos e dúvidas desaparecerão para sempre.

Tornaste-te uma senhora em todo o sentido da palavra. O que é feito daquela rapariga coberta de espuma salgada? O que é feito daquele cheiro de virgem pura?

## Terceiro capítulo

Levantou-se cedo, ao fim de apenas três horas de sono, sentindo-se surpreendentemente revigorado.

Ao abrir a janela viu um mundo que nunca tinha visto. O familiar cenário alexandrino, os prédios e o espectáculo matinal do costume tinham sido substituídos por um mundo estranho. Até o ar que ele respirava era diferente. O estranho ambiente evocava uma imagem de seu pai, o objecto da sua busca. Aly Seriakous trouxe-lhe o pequeno-almoço, que ele devorou, esfaimado. Quando o criado regressou para levar a bandeja, Saber perguntou-lhe: «Quem era a rapariga que estava ontem sentada ao lado do Sr. Khalil?»

«A mulher dele.»

Isto era inesperado. Com o que parecia uma grande indignação, perguntou: «De Alexandria?»

«Não faço ideia.»

«Quando foi que o Sr. Khalil comprou o hotel?»

«Não sei. Só cá trabalho há cinco anos.»

«Ele já era casado nessa altura?»

«Sim.»

Não havia dúvida sobre isso. Ela era a rapariga do seu passado. O velho tinha-a trazido daquela mulher grosseira e tinha feito dela uma senhora. Mas ele devia concentrar-se na sua busca antes que o dinheiro se esgotasse. Saiu do quarto e desceu as escadas e encon-

trou o Sr. Khalil a conversar com Mohamed al-Sawi, o porteiro. Alguns dos hóspedes do hotel estavam no salão, a ler jornais ou a beber café e alguns simplesmente conversavam. Dirigiu-se ao Sr. Khalil, cumprimentou-o e pediu-lhe a lista telefónica.

Sayed... Sayed... Sayed... Sayed... Aha. Sayed Sayed el Reheimy. Aqui está... O coração bateu-lhe com mais força. Um doutor e professor da Faculdade de Medicina. Ora aqui está alguma coisa! Não conseguiu conter a sua alegria e exclamou: «Parece que o Todo-Poderoso está do meu lado.»

O velho acordou o olhar fraco e distante. «Parece que vou ter sucesso naquilo para que vim», prosseguiu Saber.

«O sucesso é uma coisa maravilhosa», murmurou o velho.

Tal como tiveste sucesso em possuir aquela bela rapariga!

O velho ainda estava a olhar para ele, com uma curiosidade crescente. «Ando à procura de um homem. Alguém que é tudo no mundo para mim», explicou Saber.

«Ninguém vem para este hotel para ficar. Eles têm sempre alguma missão específica ou um objectivo em particular que lhes leva um dia, uma semana ou um mês a resolver, depois partem», disse o velho.

«Isso é normal», retorquiu Saber.

«É por isso que, mesmo partilhando o mesmo tecto e tomando as refeições juntos, nunca se chegam a conhecer.»

«Imagino que o seu trabalho deve ser interessante», disse Saber, tentando manter conversa.

«De modo nenhum!»

Então e as vicissitudes do destino? A rapariga, por exemplo! Ouviu os passos por trás e ela apareceu, envergando uma saia preta e uma blusa vermelha e, em

volta da cabeça, um lenço de pintas brancas. O coração quase parou de lhe bater. O olhar dela exibia a promessa da terra virginal! O cheiro de brisa do mar excitou-lhe as narinas uma vez mais. O porteiro levantou-se e agarrou numa mala de viagem cinzenta e usada. O velho ergueu a cabeça do livro de registos do hotel.

«Vai sair agora?»

«Sim, vejo-o mais tarde. Adeus.» Ela saiu do hotel seguida por Mohamed al-Sawi, o porteiro. És realmente um mistério, Khalil! Essa tua cara, inexpressiva, como uma máscara de morte. Saber levantou-se com uma calma aparente, desculpou-se e saiu do hotel. Os seus olhos percorreram a rua. Ali vão eles! A caminho do largo. Correu-lhes atrás, apanhando-os rapidamente. O porteiro virou-se, intrigado. Com um sorriso de desculpas, Saber perguntou: «Desculpe, Sr. Mohamed, não me diz o caminho para o Largo Azhar?»

A mulher olhou-o surpreendida. O porteiro começou a indicar-lhe a direcção. Ele fingiu ouvir, lançando com frequência olhares para a mulher. A promessa provocadora estava nos olhos dela. Esteve para lhe perguntar sobre os cravos no cabelo, a brisa salgada do mar e a nua escuridão. O porteiro tinha parado de falar. Agradeceu-lhe e deixou-os. Para onde ia ela com aquele cão de guarda? Estaria ele a ser demasiado presumido? Sempre fora audacioso. Mas, desta vez, era possível que isso estragasse tudo.

Ao chegar à morada, deparou com o assistente do médico, que lhe disse que o médico aparecia normalmente por volta do meio-dia. Sentou-se e esperou. Era este o lugar onde o seu pai trabalhava? Receio, desespero, esperança, ansiedade, tudo se apoderou dele; que faria se seu pai o negasse? Havia de lutar pelos seus direitos até ao fim mais amargo! No meio da excitação lembrou-se de repente que não sabia qual era a especialidade do médico. Saiu da sala de espera e aproximou-se do assistente.



«Se faz favor, o médico é especialista em que ramo de medicina?»

«Em cardiologia, naturalmente.»

«Só queria confirmar. Sabe, venho de Alexandria.» Apercebeu-se que devia estar a fazer uma figura de tolo, mas não se importou. «Faz alguma ideia da idade do médico?», perguntou.

«Não faço ideia», replicou o assistente, surpreendido.

«Mas é capaz de adivinhar, mais ou menos?»

«Ele é professor na Faculdade de Medicina.»

«É casado?»

«Sim e tem um filho, que é estudante de medicina.»

Bem, aqui temos um obstáculo! Certamente que a família terá alguma coisa a dizer sobre o novo membro vindo dos bordéis. Mesmo assim estava decidido.

Os doentes começaram a chegar e a sala de espera encheu-se. Chegou a sua vez. Ansioso e cheio de dúvidas, entrou no consultório. A cara não mostrava parecenças com a fotografia. Sentou-se diante do médico e começou a responder-lhe às perguntas.

«O meu nome é Saber Sayed Sayed el Reheimy.»

«Então deve ser meu filho», disse o médico, com uma sonora gargalhada.

«Na verdade, não me encontro aqui pelos seus conselhos profissionais.»

O médico fitou-o interrogativamente.

«Ando à procura de Sayed Sayed el Reheimy.»

«Anda à minha procura?»

«Não sei. Mas, por favor, dê uma vista de olhos nesta fotografia.»

O médico olhou-a atentamente e abanou a cabeça.

«Não é a sua fotografia?»

«De modo nenhum», respondeu ele com uma gargalhada. «Quem é essa bela mulher?»

«Talvez seja um parente seu? Foi tirada há trinta anos.»

«Não, não. Nem ela.»

«Pertence à família Reheimy?»

«O meu pai é Sayed el Reheimy. Trabalhava nos correios.»

«Não há outros ramos da sua família?»

«Não. A minha família é muito pequena.»

Levantou-se, de desespero estampado no rosto. «Lamento tê-lo incomodado. Mas talvez tenha ouvido falar de alguém com este nome?»

«Não conheço mais ninguém com este nome. De que anda o senhor à procura, exactamente?»

«Ando à procura de Sayed Sayed el Reheimy, o homem desta fotografia tirada há trinta anos.»

«Ele podia estar em qualquer parte. De qualquer modo, não sou uma autoridade em pessoas desaparecidas», disse o médico, num tom que assinalava o final da entrevista.

Entrou no primeiro bar que encontrou e pediu uma aguardente. Tinha de começar tudo de novo. A lista telefónica não passava de uma cruel zombaria. O optimismo que lhe varrera o espírito quando vira a mulher de Khalil desvanecia-se agora rapidamente. Lembrou-se da sua busca infrutífera em Alexandria, as repartições de registo civil, os xeques locais. Mas aqui, no Cairo, não conhecia ninguém. Talvez fosse melhor publicar um anúncio no jornal. Olhou para o velho empregado de bar e perguntou: «Conhece um tal Sayed Sayed el Reheimy?»

«Sim, é médico numa casa não muito longe daqui.»

«Não. Não é esse. É uma pessoa importante. Um homem de posses consideráveis.»

O empregado de bar, um estrangeiro, repetiu o nome algumas vezes e então disse: «Não me lembro

«Já alguma vez experimentou andar à procura de alguém sem saber por onde começar?»

«Um filho perdido na guerra?»

Saber abanou a cabeça.

«Mas a guerra já acabou há muito tempo. E já se conhece o destino de todos.»

«Mais vale perdido que morto.» Saber interrogou o empregado sobre a *Esfinge*, um jornal, e foi informado de que ficava no Largo Tahrir.

O jornal situava-se num amplo edifício branco. Uma fonte gorgolejava no centro do pátio relvado. Lembrou-lhe uma vila pertencente a um grego rico, residente em Alexandria, um dos amigos de sua mãe. Transpôs a porta principal e ficou surpreendido ao ver uma mulher chamá-lo. Mas depressa percebeu que ela estava a chamar um moço de recados que se encontrava atrás de si. O rapaz entregou um embrulho à mulher e desapareceu por outra porta, deixando-o especado em frente dela. Elegante e esguia. Um rosto moreno e olhos de um azul penetrante, que o atraíam. Ela irradiava calor e confiança. Cumprimentou-a e perguntou pela secção de publicidade. Ela respondeu-lhe numa voz agradável e calorosa: «Venha comigo, eu mesma vou para lá.»

Seguiu-a numa confusão de sentimentos de admiração, desejo e respeito. Entraram no escritório de publicidade e ela apontou para um homem sentado a uma das secretárias. Uma placa tinha o seu nome, Ihsan el Tantawi.

«Procuro um tal Sayed el Reheimy.»

«O cardiologista?»

Abanou a cabeça, esperando ver o homem recitar uma longa lista de pessoas com esse nome. Mas tal não aconteceu.

«Não conheço mais ninguém a não ser o cardiologista Reheimy, mas não sabe nada sobre ele? O que faz, onde vive?»

«Absolutamente nada. Só sei que ele é um homem de posses, mas só encontrei o médico na lista telefónica.»

«Podia não estar inscrito na lista, ou talvez viva nos subúrbios. De qualquer modo, um anúncio é a melhor maneira de o encontrar.»

«Faça um anúncio pequeno, se faz favor. Faça-o sair diariamente durante uma semana. Peça que me contactem para o Hotel Cairo pelo telefone ou pelo correio.»

«Temos de divulgar o seu nome no anúncio.»

Ficou a pensar por uns instantes. «Saber Sayed.»

O homem começou a tratar do anúncio. Saber notou que a rapariga tinha estado a seguir a conversa. Sem dúvida que o anúncio lhe tinha despertado a curiosidade. Os colegas do escritório chamavam-na Elham.

«Deseja declarar o motivo do anúncio?», perguntou Tantawi.

«Não.» Após um breve instante, acrescentou: «Pensei que ele tinha muitos conhecidos, mas parece que ninguém o conhece.»

«O seu caso é mesmo estranho», disse Tantawi. «Como pode ter a certeza de que quem o contactar não é um impostor?»

«Tenho provas.»

A curiosidade apossou-se de Elham. «Isto é realmente misterioso. Tal e qual um filme.»

Saber sorriu, deliciado por ela estar interessada. «Quem me dera que pudesse ser resolvido como nos filmes.»

«Ao menos sabe que ele é um homem de posses. Como foi que soube isso?»

Saber ficou calado. Tantawi interpôs-se abruptamente: «Isto parece um interrogatório.»

Que rapariga encantadora! Talvez ela se enamo-

rasse dele. Era uma doce brisa comparada com a chama ardente do hotel. «Menina Elham, sou um forasteiro na sua cidade.»

«Um forasteiro.»

«Sim, acabo de chegar de Alexandria e tenho de encontrar este homem. Agora que a conheci, sinto-me optimista.»

Ela sorriu um sorriso caloroso e confiante. Ele lembrou-se do vinho que costumava beber na Taverna, ao som ambiente do violino.

## Quarto capítulo

Saiu do jornal à mesma hora a que os empregados saíam. Pensando que talvez pudesse voltar a ver Elham, demorou-se um tempo na paragem de autocarro. De momento, o anúncio prosseguia a busca por ele. Uma brisa fresca soprava levemente; viu-a numa conversa casual com um grupo de jovens diante do edifício. Ela despediu-se dos amigos e passou para uma rua transversal, entrando num pequeno café, chamado *Votre Coin*. Seguiu-a sem hesitar e, ao vê-la sentar-se a uma mesa, avançou em direcção ao balcão. Parou junto à mesa dela.

«Mas que agradável coincidência! Posso sentar-me junto de si?»

«Faça favor», disse ela, não sem um certo entusiasmo. O empregado tinha acabado de lhe trazer umas sanduíches e um sumo de laranja. Ele pediu o mesmo.

«Espero não ser um estorvo. Mas os forasteiros normalmente procedem assim.»

«Os forasteiros são do meu agrado.»

«Obrigado. O que eu queria dizer é que os forasteiros andam sempre extremamente ansiosos por fazerem amizades. Às vezes isso ofende as pessoas.»

«Não. De modo nenhum. Não fez nada para me ofender.»

«Talvez esteja para ir ao cinema?», perguntou ele, dando uma dentada na sanduíche.

«Não. Voltamos ao trabalho dentro de umas duas horas. Moro na parte mais afastada de Giza, e sabe como são os transportes. Prefiro tomar aqui o almoço.»

«Passa aqui toda a sua hora de almoço?»

«Às vezes vou dar um passeio a pé ao longo do Nilo.»

Comeram em silêncio, Saber fixando os olhos nela sempre que ela não o olhava. Os seus olhos azuis contrastavam extraordinariamente com o semblante moreno e atraente; no seu conjunto, era um quadro lindo.

«O que é que acha do anúncio?», perguntou ele. «Acha que vou alcançar o meu objectivo?»

«Consegue-se sempre», respondeu ela.

Ele estava a tentar excitar-lhe a curiosidade, mas ela não mordeu a isca. «O resultado é muito importante para mim.»

«Não sabe mesmo nada do homem de quem anda à procura?»

«Tenho uma fotografia e umas informações vagas.» Depois, após reflectir por uns instantes: «O meu pai mandou-me procurá-lo. Conheceu-o há muitos anos.» Viu o olhar interrogador nos olhos dela. «Um velho conhecimento», acrescentou, sorrindo. «Tiveram uns relacionamentos, há muitos anos.»

«Financeiros?»

«Isso também.»

Estás a tentar conseguir o impossível. Esta rapariga é do tipo que desperta paixões. «Nunca me senti assim», disse ele, mudando de assunto. Ela ergueu as sobrancelhas, com um ar de cinismo. Ele apressou-se a explicar: «Quero dizer, ser um forasteiro, viver de esperança e, naturalmente, a sua presença encantadora.»

«Já ouvi essas coisas.»

«No trabalho?»

«É um exemplo.»

«Está satisfeita com o seu trabalho?»

«Como?»

«Era capaz de o abandonar para ser dona de casa?»

«Considero isto a minha carreira, não simplesmente um entretém temporário.»

As ideias dele sobre o sexo oposto eram firmemente delineadas. Elas eram seres belos e selvagens, à procura de amor e paixão, sem princípios nem escrúpulos. A sua mãe e o seu círculo de amigas tinham reforçado esta ideia. Contudo, ele não a tinha despido mentalmente, tal como costumava fazer a todos os membros do sexo oposto. Havia mais qualquer coisa nesta rapariga. Um certo mistério, uma certa magia. Algum segredo que ele nunca tinha encontrado. Não seria capaz de a desfrutar tal como fizera com outras, selvaticamente, apaixonadamente, com volúpia e desejo animal. Ela era única. Algo completamente novo para ele.

«Mas veja só o cuidado que tem com as suas unhas, por exemplo.»

O rosto dela retratou indignação e ela disse secamente: «E o cuidado que você tem com o cabelo!»

«Peço-lhe desculpa», apressou-se ele a dizer, «estava meramente a exprimir a minha admiração.» E como que para se redimir, acrescentou: «Quando voltar a Alexandria vou levar comigo as mais doces recordações do nosso encontro.»

«Por que não publicou um anúncio em Alexandria?»

«Bem, pôr anúncios é apenas uma parte da minha busca.» Ia pagar a conta de ambos, mas ela opôs-se terminantemente. «Se se tivesse oferecido eu não me teria oposto», disse ele, rindo-se.

Reparou que ela estava a olhar para o reflexo dele no espelho da parede esquerda. Encheu-se de um



sentimento de satisfação. Talvez ele tivesse provocado nela a mesma impressão que provocava noutras mulheres. Levantaram-se, apertaram as mãos e separaram-se. Ele combateu o forte desejo de a seguir. Quando regressou ao hotel, informou o sr. Khalil Abul Naga, o dono, e Mohamed al-Sawi, o porteiro, que esperava uma chamada telefónica de um Sayed Sayed el Reheimy.

«Então anda à procura do seu pai?», disse o velho Khalil. «Como é que o perdeu?»

«Do mesmo modo como ele me perdeu. E aqui estou eu à procura dele.»

«Que história tão estranha», disse o velho.

«Não há nada de estranho nela», disse ele, irritado com as perguntas. «Por favor chame-me se me telefonarem.»

Um jovem à procura do seu pai, é o que eles dirão sobre ele. Pegou no jornal e sentou-se no salão. O telefone tocou. Sayed Reheimy, barbeiro de Bulaq, Reheimy o professor primário, o condutor de eléctrico, o merceeiro. Onde está Sayed Sayed el Reheimy? Por que não o contacta, como os outros? Se está morto, onde está o seu parente mais próximo? As suas economias gastavam-se rapidamente. Os outros hóspedes do hotel sentavam-se por ali, a fumar, a beber café, a conversar. Ninguém reparava nele. Graças a Deus. Não leram os anúncios. O teu dinheiro vai esgotar-se. Onde está o teu pai? Não passas de um chulo, um impostor. A vida era bela quando a tua mãeera viva. Dinheiro, prazer, mais dinheiro, mais prazer. Batendo-te pelo nome da tua mãe, talvez em vão. Mas mesmo assim, batendo-te. Dinheiro, prazer e batalhas sangrentas.

«Algodão... Agora tudo depende do algodão», disse um dos hóspedes, erguendo os olhos do jornal para o seu companheiro.

«Mas e esta guerra que ameaça? Não vai garantir o nosso algodão?», perguntou o companheiro.

«Não vai ser como as antigas guerras.»

«Isso é verdade. Nada vai permanecer.»

«E onde está Deus? O Criador e Protector de tudo isto?» Isso é verdade. Onde estava Deus? Conhecia o seu nome. E era tudo. Vivia num mundo sem religião. A vigília ao telefone continuava. Pensamentos de Elham e da mulher de Khalil vinham-lhe repentinamente à ideia. A brisa e a chama. Precisamos de ambas as coisas. Se o meu pai não aparece, volto para o medo, a fome e um passado manchado, repleto de crime e pecado.

O telefone tocou. Não era para ele. Mas, ao olhar para a cabina do telefone, viu-a. O coração parou-lhe de bater e a respiração tornou-se-lhe pesada. Com que então, ela está de volta. Aquele olhar outra vez. Uma conspiração de desejo e troça. Reheimy e Elham depressa ficaram esquecidos. Saiu do salão e subiu ao quarto, no terceiro andar. Passos aproximavam-se. Abriu a porta. «Seja bem-vinda outra vez.»

Ela fez um aceno de cabeça, sorrindo.

«Sentimos mesmo a sua falta.»

Ela soltou uma breve gargalhada e apressou-se a subir ao quarto andar.

«Alexandria», disse ele repentinamente, ganhando coragem.

Ela deteve-se. «Alexandria?»

«Sim.»

«Não compreendo.»

«Se se esqueceu, eu não consigo.»

«Está louco.»

Aquilo foi um golpe na coragem acabada de recobrar. «Mas você não é...»

«Não tente enganar-me com velhos truques», interrompeu-o ela, e prosseguiu escada acima.

«Bem, de qualquer modo, por favor aceite a minha admiração sem limites!»

Ela desapareceu escada acima. Ele encostou-se ao corrimão para recuperar o fôlego e deixar o ardor do desejo acalmar. A noite da perseguição voltou a avivar-se-lhe na lembrança. Aly Seriakous, o porteiro, vinha a descer as escadas.

«Creio que ouvi alguém chamá-lo», disse-lhe Saber, astutamente. «Talvez fosse a Madame.»

«A Madame?»

«A mulher do sr. Khalil.»

«Não. Não me parece. Pode ter sido o hóspede do quarto quinze. Acabo de ver a Madame a entrar no apartamento.»

«Ah. Talvez. A Madame vive num apartamento?»

«Os aposentos do sr. Khalil. No telhado.»

«Onde esteve ela nestes últimos dias?»

«Em casa da mãe. Vai lá todos os meses.»

Viu Khalil a descer as escadas. Subitamente encheu-se de ódio e ressentimento. A bela e o monstro! Não podia sequer suportar a ideia de ficar mais um minuto no hotel. O sol e o vento fresco dissipavam os seus sentimentos de depressão, ira e inveja. Como desejava ter mais tempo para passear! O anúncio não seria publicado a partir do dia seguinte.

«Nada de novo?», perguntou Elham quando ele entrou no escritório dela, no jornal.

«Telefonemas e encontros, tudo em vão.»

«Paciência.»

Observou os dedos dela saltando nas teclas da máquina de escrever. Um sentimento repentino de tristeza apossou-se dele, apesar da alegria de a ver.

Ihsan Tantawi estava ocupado a escrever um anúncio de necrologia. Lembrou-se da última noite de vida de sua mãe. Toda a sua felicidade e o seu futuro estavam agora presos por um belo fio perdido em

nevoeiro cerrado. Tantawi parou de escrever e ergueu os olhos. «Uma renovação?», perguntou ele a sorrir.

«Vi muita gente, mas ele não», disse Saber, com desespero na voz.

«Um anúncio assim requer paciência», disse Tantawi encorajadoramente.

«Mas ele é suposto ser muito conhecido.»

«Você só sabe o nome dele. O resto é patranha. Vivi em muitos distritos nos últimos anos e nunca ouvi falar dele.»

«Mas eu confio na pessoa que me mandou procurá-lo.»

«Então deve haver um segredo que só o tempo revelará.»

«Tenho uma fotografia dele. Foi tirada há trinta anos.»

«Podemos pô-la com o anúncio. Vai ajudar.»

Mostrou-lhe a fotografia.

«Não haja dúvida que ele tem um ar impressionante», murmurou Tantawi.

Saber esperou que Tantawi fizesse um comentário sobre as parecenças. Não o fez, e começou a discutir os custos do novo anúncio, com os quais Saber relutantemente concordou. O dinheiro diminuía-lhe e diminuía depressa. Dirigiu-se ao café e sentou-se à mesa de Elham, à espera dela. Ela entrou, viu-o, hesitou por um instante e depois sentou-se à mesa dele. Ele pediu almoço para dois.

«Vi a fotografia», disse ela.

«Ah sim?»

«A semelhança é espantosa.»

«Quer dizer, o homem?»

Ela fez um aceno afirmativo, fitando-o com ar inquisidor.

«É meu irmão», mentiu ele.

«Seu irmão! Por que não disse isso antes?»

Ele sorriu, mas não respondeu.

«Quem é a bela mulher da fotografia?»

«A falecida mulher dele.»

«Oh! E o seu irmão... quero dizer, como...»

«Desapareceu antes de eu ter nascido. Foi a sequência habitual de acontecimentos. Uma discussão, depois o desaparecimento. E agora, trinta anos depois, o meu pai mandou-me procurá-lo.»

«Que história mais estranha. Mas o que o faz pensar que ele é uma personalidade conhecida?»

«Disse-me o meu pai. Talvez seja mera suposição. Mas o que me parece estranho é que o sr. Tantawi não tenha reparado na semelhança. Ele comentou alguma coisa depois de eu ter saído?»

«Não. Mas Tantawi tem a cabeça cheia de números e estatísticas.»

O empregado trouxe-lhes o almoço. Começaram a comer. Ele parou e disse, desculpando-se: «Desculpe andar a incomodá-la desta maneira, mas sou um forasteiro só numa grande cidade.»

Ela sorriu-lhe. «Como é que passa os seus tempos livres?»

«À espera.»

«Que aborrecido. Mas procurar não pressupõe esperar.»

«Esperar é inevitável.»

«O que faz enquanto espera?»

«Nada.»

«É impossível!»

«Agora entende até que ponto necessito de um amigo», disse ele, com um ar de súplica nos olhos. A expressão apiedada no rosto dela encorajou-o. «Você é a amiga de que necessito.» Ela tomou um gole do sumo de laranja. «Então, o que tem a dizer?», perguntou ele.

«Podia ficar desiludido.»

«Não se preocupe com isso. Nestes assuntos, só o coração sabe responder.»

«Podíamos encontrarmo-nos quando viesse renovar o anúncio.»

Rindo-se, ele disse: «Nesse caso, quer que eu renove o anúncio indefinidamente.»

«Está tão empenhado em encontrá-lo.»

«E estou. Mas se o anúncio não o encontra, devo eu fazê-lo.»

Ela ergueu o copo. Ele ergueu o dele. «À sua!»

«Parece-me que é melhor eu acautelar-me consigo», disse ela, com um sorriso.

Beberam, trocando olhares e sorrisos. Ele não conseguiria persegui-la naquela noite, há muito tempo, mesmo que ela fosse a outra rapariga, a rapariga da praia com um sabor a sal e cravos no cabelo. Ela era-lhe muito querida. Estava apaixonado por ela.

Perguntas-me quem é a bela rapariga da fotografia. Não a viste na última noite na Terra. O seu corpo envolvido no sudário branco, gasto e velho. De repente ergueu os olhos e disse: «Estou muito grato!»

Ela reconheceu a armadilha, mas não fez objecção. Reinava um silêncio feliz. As sementes estavam plantadas. A busca é longa e árdua e requer um descanso ocasional, na sombra.



## Quinto capítulo

Olhos cansados de procurar, de escrutinar as ruas movimentadas do Cairo. As nuvens de Outono, navegando de Alexandria, dispersaram-se muito antes de chegarem ao Cairo. Mas as recordações da sua cidade natal permanecem. O salão do hotel tornou-se agora uma câmara de tortura desde o regresso dela. Quantas vezes a observaste sentada ao lado do velho, o marido. Os olhos dela a luzirem de promessas e desejo. Quantas vezes tentaste, mas em vão.

Elham perdera-se-lhe num recanto obscuro da ideia, envolta no seu desejo de fogo consumidor por esta mulher. A atmosfera do salão, cigarros, café, conversas triviais distraíam-no ocasionalmente dos seus pensamentos de louca paixão. Talvez esta gente também ande em busca de uma esperança. Perdido em pensamentos, foi abruptamente acordado pelo porteiro, Mohamed al-Sawi. «Sr. Saber... o telefone.»

Finalmente! Seria ele?

«Está?»

«É a pessoa de que fala o anúncio?»

De respiração cortada, respondeu, «Sim, quem fala?»

«Sayed Sayed el Reheimy?»

«Sim.»

«É a sua fotografia?»



«Sim.»

Era-lhe cada vez mais difícil respirar. «Onde posso encontrá-lo?», quase sussurrou.

«Por que motivo anda à minha procura?»

«Espere até nos encontrarmos.»

«Dê-me só uma ideia.»

«Pelo telefone não posso. Não há mal nenhum em esperar que nos encontremos.»

«Não pode ao menos dizer-me quem é?»

«O meu nome está no anúncio.»

«O que é que faz?»

«Nada; disponho de bens próprios.»

«Por que é que me quer ver?»

«Digo-lhe quando nos encontrarmos, a qualquer hora que lhe seja conveniente.»

Um curto silêncio do outro lado. «Venha agora. Vila 14, Rua Telbana em Shubra.»

Ninguém no hotel tinha ouvido falar dessa rua. «Vá a Shubra e pergunte», sugeriu Sawi.

Foi a Shubra. Não havia nenhuma Rua Telbana. Não existia. Nunca tinha existido. Talvez tivesse ouvido mal. Talvez estivessem a troçar dele. A mulher, sentada ao lado do marido, acirrou-lhe a negra disposição, conduzindo-o quase a uma paixão agressiva.

Alguém tinha telefonado várias vezes durante a sua ausência. A esperança veio-lhe outra vez.

«Conseguiu?», perguntou o sr. Khalil.

«Quase», respondeu, tentando parecer animado. Dirigiu-se para o salão, lançando rapidamente um olhar de revés à mulher. Tinham acabado de acender as luzes, adicionando um toque de melancolia à atmosfera, em que o seu estado de espírito tanto se enquadrava. O telefone tocou.

«Está?»

«Saber? Esperei o dia todo», disse a voz, acusadora.

«Não encontrei a rua!»

«Andou realmente à procura dela?»

«Todo o dia! Telbana, número 14.»

«Mas que burro que você é.» Uma rápida gargalhada, depois a linha foi cortada. Patife! Tenho de começar tudo outra vez, sem esperança.

Saiu do hotel e entrou num restaurante vizinho, pediu uma aguardente e uma refeição de peixe. Um dia inútil. Mais valia terminá-lo com o estômago cheio. Ingeriu várias bebidas, ignorando o custo. Tal como nos velhos tempos. Dias de vinho e rosas, podia-se dizer literalmente. Mas esta cidade não tem mais nada a oferecer senão males de coração e desespero. A cada hora que passa aproxima-se um final assustador. O que vem depois de se esperar e procurar, procurar no escuro?

Ele ainda ia ser objecto de escárnio em Alexandria. Golpes de punho, a única língua que sabia usar, agora iam virar-se contra ele. O que tinha ele a esperar? Uma vida de crime, e não de esperança, e inevitavelmente de castigo. A mulher voltou a ocupar-lhe os pensamentos; fogo abrasador e Elham, a suave brisa. Mas de que servia tudo isto, até que ele encontrasse o seu pai? Saiu do restaurante e caminhou pela rua de arcadas. A paixão era a única emoção que o dominava ao fim de um dia de fracasso. Uma paixão louca, tal como na noite de perseguição. Lembrou-se de sua mãe. Fumando o narguilé e governando os desejos dos homens. Toma atenção ao que gastas, meu filho. A pobreza é o verdadeiro inimigo. Ama muito, mas nunca sejas dominado pelos amores. Amor, dinheiro, cabarés, prazer, mulheres. Mas onde está Sayed Sayed el Reheimy?

Reheimy!... um grito na selva. A aguardente estimulou-lhe a imaginação. Aquela mulher dominava-lhe os pensamentos aos poucos. Ele esconjurava imagens de uma sedução selvagem. Voltou ao hotel. Passava da meia-noite e toda a gente se tinha recolhi-

do. Acendeu um cigarro no seu quarto antigo. Mais pensamentos da mulher. Depois, o sono. Foi acordado por um ruído. Ao abrir os olhos no escuro, ouviu umas batidelas leves na porta. Sentou-se, incrédulo. Podia lá ser! As batidelas outra vez. Saiu da cama e abriu a porta devagar. Mal estava aberta quando um vulto se precipitou para dentro, fechando-a rapidamente.

«Você.»

Ela olhou em torno de si, como que a tentar perceber onde estava. «Onde estou eu... Peço desculpa, parece-me...» Cingiu melhor o robe, cobrindo os seios quase visíveis. Estava a sorrir. Ele puxou-a a si num gesto selvático, com toda a fúria e frustração que se tinham amontoado dentro dele. Há cem anos que te espero...

Puxou-a para a cama e apagou as luzes. «Nem sequer sei o teu nome.»

«Karima.» \*

Os únicos sons audíveis foram o de duas criaturas tomadas de paixão, ânsia e desejo. Amar no escuro, como ele sempre soubera. O sonho estava a realizar-se num remoinho de paixão de quando em quando resfriada pela incredulidade, mas não de forma imperceptível. O cheiro da brisa marítima mais uma vez. Recordações que se desencadeavam, mas que eram relegadas pela paixão e volúpia. O rugido do mar acompanhando o amor violento que faziam. Respiração profunda, suspiros, depois a bonança reina.

«Acende-me um cigarro, por favor.»

«Nunca pensei que fumasses.»

«Só de vez em quando.»

O fósforo iluminou o corpo nu dela, mas ela soprou-o rápido. O cheiro do fósforo misturou-se com o cheiro do amor.

«Por que é que me resististe estes dias todos?»

«Nunca resisto. Não faço nada.»

«Dei a conhecer os meus sentimentos por ti desde o primeiro momento.»

Ela soltou um risinho e disse: «Quando te vi, há dez dias, pensei comigo mesma: é desta vez». Triunfante, ele exclamou: «Alexandria?»

«Não, não. Não quero dizer isso. Pensei: este é o homem que eu esperava.»

«E Alexandria?»

«E o quê sobre Alexandria?»

«Então? Deixa-te de brincadeiras.»

«Por que havia eu de te mentir?»

«É estranho que existam duas. Idênticas.»

«Não percamos tempo.»

«Como conseguiste vir até ao meu quarto?»

«Ele tomou os comprimidos para dormir. Todos os problemas e preocupações dele atormentam-no à noite.»

«Desiludiste-me. Disse a mim mesmo que se fosses a rapariga de Alexandria isso ia ser um bom presságio para a minha busca.»

«Queres dizer sobre o teu pai?»

«Sim.»

«Qual é a tua verdadeira história?»

«Sempre pensei que ele estava morto. Depois disseram-me o contrário. É só essa a minha história.»

«Talvez andes à procura de dinheiro?»

«Isso agora não interessa. Promete-me que virás aqui todas as noites.»

«Sempre que possa.»

Ele beijou-a apaixonadamente, o que conduziu a mais amor inevitável.

«Sempre que queira», disse ela num fôlego, quando ambos se tinham consumido.

Ele deitou a cabeça no peito dela, deliciosamente fatigado. «Não negues Alexandria.»

«Andas obcecado com uma imagem. Vê lá se a tua busca não passa de uma fantasia.»

«Quem me dera que fosse. Então podia descansar», disse ele tristemente.

«Tens mesmo preocupações. Mais do que eu pensava.»

«Sim, mas agora a minha principal preocupação é ficar aqui tanto quanto possível.»

«O que é que te detém?»

Reflectiu um instante, depois disse: «Se o meu dinheiro se esgotar antes de eu encontrar o meu pai, vou ter de regressar a Alexandria.»

«E quando voltavas?»

«Tenho de procurar emprego.»

Ela acariciou-lhe a mão devagarinho. «Não», disse ela numa voz suave, mas firme. Subitamente ele apercebeu-se do pendor que a conversa estava a ganhar. Ela perguntou: «Por que não procuras um emprego aqui?»

«É impossível!»

«És muito misterioso. Mas deixa-me dizer-te que dinheiro não é problema!»

O coração dele sobressaltou-se. «Deves ser uma milionária.»

«O hotel, o dinheiro, está tudo no meu nome.»

«E o teu marido? É um mero empregado?»

«Não. Enquanto ele viver, ele dirige o negócio.»

«Mas isso não me diz respeito!» Ele próprio sentiu-se corar com a manhosa alteração.

«Bem, vamos esperar que encontres o teu pai. É uma solução muito melhor.»

«Sim, é muito importante. Mas de agora em diante a minha principal preocupação vai ser esperar por ti.»

Tentou beijá-la, mas ela esquivou-se para fora da cama.

«Está a amanhecer. Tenho de ir.»

Ele voltou para a cama. Os lençóis desordenados e a recordação dos beijos dela eram provas de que tudo tinha acontecido.

Sentia que agora podia passar sem o pai. O telefone tocou.

«Está?»

Uma voz séria disse: «É Saber Sayed, o do anúncio?»

«Sim, sim.»

«Sou Sayed Sayed el Reheimy. O que deseja?»

«Tenho de me encontrar consigo.»

«Espero-o no café Votre Coin, perto do jornal.»

«Lá estarei dentro de poucos minutos.»

Olhando em torno do café, viu um homem sentado à mesa habitualmente ocupada por Elham. Não havia dúvida, era ele. Não mudara em trinta anos. Alguns cabelos brancos e umas rugas na cara. Nada mais. Avançou para ele e foi tomado de um novo receio.

O homem sentiu-o aproximar-se e levantou-se: «Sr. Saber?»

«Sim. E o senhor é o homem da fotografia!»

O homem sentou-se. «Você é muito jovem; tenho a sensação que já o vi em algum lado. Onde é que terá sido?»

«Sou de Alexandria e estou hospedado no Hotel Cairo. Percorro as ruas o dia todo. Vim aqui várias vezes, para esta mesma mesa.»

«Talvez o tenha visto numa das ruas. Eu próprio vou ocasionalmente a Alexandria. Também venho aqui de vez em quando.»

«Quando foi que leu o anúncio?»

«Logo no primeiro dia.»

«Ah, sim? Bem, por que não me contactou?»

«O seu anúncio mostrava que não tinha conseguido achar-me por outros meios. Mas sou muito conhecido e

não é difícil encontrar-me. Decidi contactá-lo quando reparei na persistência do seu anúncio.»

«Mas é muito estranho. Ninguém que eu tenha visto alguma vez ouviu falar de si.»

«Não falemos disso agora. Diga-me o que deseja.»

«Desejo-o a si! Mas não nota nada?» Saber olhou insistentemente o rosto do homem, esperando encontrar uma luz de reconhecimento.

Não havia sinais disso no rosto do homem. «Olhe para a minha cara», disse ele quase gritando.

«O que há de errado nela?», perguntou o homem.

De repente uma voz suave chamou-o: «Saber!»

Virou-se e viu Elham. Levantou-se para a apresentar a seu pai quando de repente, para sua surpresa, o homem ergueu-se e disse: «Elham. Como estás?»

Para seu enorme espanto a rapariga beijou a testa do homem. «Conhece-o!»

O homem pareceu atónito. «Quando é que conheceu a minha filha?»

«A sua filha! Oh, meu Deus!»

Elham, antes que alguém a pudesse deter, desapareceu do café. Reheimy sentou-se, e, com a sua voz calma, disse: «Agora diga-me o que quer.»

A tremer, Saber sentou-se. Automaticamente, tirou a fotografia, a certidão de nascimento e a certidão de casamento. O homem observou cada um dos documentos calmamente, colocou-os numa pilha ordenada sobre a mesa e do mesmo modo calmo rasgou-os em bocados. Saber deu um salto e agarrou no homem pelo casaco, gritando: «Está a negar a minha existência!»

«Saia da minha vista! Não quero nunca mais ver a sua cara! Você não presta para nada, tal como a sua mãe. Não tenho nada a ver consigo!» Empurrou-o violentamente; Saber cambaleou para trás, caiu e bateu com a cabeça no balcão.

Acordou ensopado em suores frios, respirando pe-

nosamente. Estava no seu quarto de hotel, nu debaixo da roupa da cama. O sol infiltrava-se pelas persianas fechadas. A busca; seria uma esperança quimérica? Uma fantasia, como dizia Karima? Teria muitos mais sonhos como este.





## Sexto capítulo

Todas as noites os sonhos assombram-no. Acorda cansado e deprimido, um silêncio rodeando-o continuamente. Um silêncio profundo, como um túmulo. Semelhante a uma vaga antes de se enrolar e quebrar. E depois? Outra vaga que se segue. O pai aparece-lhe em todos os sonhos. Mas a busca já não é o principal objectivo da sua vida. Em vez disso, são os momentos de amor arrebatado. Amor no escuro, selvagem, apaixonado, de um desejo animal. A escuridão devolve-lhe recordações dos seus primeiros anos de juventude, em que ele se encontrava quase fatalmente enfermo.

Entrara em pânico ao encarar a morte. Fora esse pânico que se tornara a sua força de vingar, que o conduzira a uma vida de violência; mergulhando, talvez afogando-se, num mar de pecado, luxúria e prazer, tendo de usar continuamente os punhos para afirmar e defender a honra fictícia da mãe.

Dirigiu-se à redacção do jornal e foi recebido pelo sorriso calmo de Elham. Que refrescante está ela. Um rochedo no seu mar tempestuoso.

«Há notícias?», pergunta ela.

«Vim renovar o anúncio, muito embora duvidando se vai servir para alguma coisa.»

«Já pensou noutro método?»

Ele sorriu. Mal sabia ela que a busca tinha agora uma importância secundária na vida dele.

«Tenho uma surpresa para si», disse Tantawi. Sentou-se, a curiosidade despertara-se-lhe.  
«Uma mulher perguntou por si.»  
«Uma mulher?»  
«Interrogou-nos sobre o anúncio.»  
«Quem era ela?»  
«Não disse nada; só fez perguntas sobre o anúncio.»

«Talvez ela o conheça. Quero dizer: Reheimy», disse Saber, esperançoso.

«Talvez, ou talvez...»

«Qual é o outro talvez?»

«Talvez ela o conheça a si.»

«Ou talvez seja alguém a pregar-me uma partida. Já me aconteceu», disse ele amargamente. Seria a mulher dele? A viúva? Talvez tivesse sido Karima, só por curiosidade. Aquela mulher era uma mistura volátil de paixões e emoções, manha e destruição.

Saber e Elham sentaram-se à mesa habitual, no café vizinho. Ele recordou-se do seu estranho sonho.

«Já não parece andar tão entusiasmado», reparou ela.

Se ao menos ela soubesse o verdadeiro motivo! «É melhor assim», disse ele, «não devo afoitar-me a grandes esperanças.»

«Sim», concordou ela, «deixe que o tempo seja o seu aliado nesta busca.»

«Por favor, deixe-me pagar-lhe o almoço, ao menos uma vez:»

«É você o convidado e não eu.»

Comeram em silêncio. Ele pressentiu um milhar de perguntas atravessando o pensamento dela, espelhando-se-lhe nòs olhos. Pensou na noite precedente. Que estranho era ser duas pessoas ao mesmo tempo, dividido entre duas mulheres, uma sendo um fogo ardente, a outra uma suave brisa primaveril.

«Tirou férias para fazer a sua busca?»

Ela está a sondar, agora. Sentiu-se pouco à vontade. «Não sou um empregado no verdadeiro sentido da palavra. Tenho meios próprios.»

«Terras?»

«O meu pai tem umas propriedades.» Via que ela não se dava por convencida. «Dirijo as propriedades por ele. Acredite que é mais difícil do que ter qualquer emprego.» A segunda mentira! Como ele detestava mentir-lhe.

«Bem, desde que tenha alguma coisa para fazer. O ócio é o pior inimigo do homem.»

«Isso é bem verdade. Estas últimas duas semanas têm-no provado. Mas o que sabe a Elham sobre o ócio?»

«Imagino como seja. De qualquer modo, já li sobre isso.»

«Tem de experimentar para ficar realmente a compreender», disse ele em tom amargo.

«Isso é verdade.»

«É difícil que uma pessoa da sua idade tenha passado por bastantes experiências, pelo menos do modo como eu passei.»

«Se pensa que ainda sou uma criança, é melhor pensar outra vez!»

Que deliciosa ela é. Creio que a amo. Reuniu mais coragem e disse: «Já sabe tudo sobre mim. Agora fale-me um pouco sobre si mesma.»

«O que sei eu de si?»

«Sabe o meu nome, o que eu faço, porque estou aqui. E também como eu gosto de si.»

Ela sorriu. «Não misture factos com ficção!».

É esse o único facto, disse ele consigo mesmo. Uma nuvem sombria ocultou momentaneamente o sol e mergulhou o café em profunda obscuridade. «Bem, sei qual é o seu nome e o seu emprego», disse ele.

«Que mais quer saber?»

«Quando foi que começou a trabalhar?»

«Há três anos, quando me licenciiei. Mas ainda ando a estudar. Estudos superiores, sabe.»

Graças a Deus que ela não me pergunta sobre as minhas habilitações. É demasiado delicada para fazer tal coisa.

«Você... vive em Giza?»

«Vivo com a minha mãe. A nossa família está em Qalyoub. O meu tio vive em Heliopolis. Também nos desapareceu uma pessoa na família.»

«Quem?», perguntou ele, surpreso.

«O meu pai», disse ela, tentando esconder um sorriso.

Que inacreditável. Lembrou-se do seu sonho. Há pais perdidos em abundância, ao que parece. Talvez andem à procura do mesmo. «Como foi que perdeu o seu pai?»

«Não foi como o seu irmão. Não acha que estou a revelar-lhe coisas a mais?»

Ele fitou-a com ar de censura, porém, com curiosidade.

«Na verdade os meus pais separaram-se quando eu era ainda uma criança de colo», continuou.

«Ele abandonou-as?»

Ela soltou uma gargalhada sonora, tornando-o consciente da sua intensa curiosidade. «Quero dizer, ele desapareceu?», apressou-se a acrescentar.

«É um advogado famoso em Assiut. Talvez tenha ouvido falar dele. Amr Zayed.»

Ele ficou aliviado de imediato.

«Pensei que ia dizer Sayed Sayed el Reheimy!»

«Gostava de ser meu tio?», perguntou ela, rindo-se.

«Não», retorquiu ele com firmeza.

Ela enrubesceu. «A minha mãe», continuou, «in-

sistiu em ficar comigo. Isso calhava bem ao meu pai pois ele tencionava voltar a casar-se. Pagou-lhe a pensão e nós partimos para casa do meu avô, no Cairo. Ele morreu e nós agora vivemos sozinhas, a minha mãe e eu.»

Ele escutou-a atentamente, porém, com algumas dúvidas. Sempre recebera as mulheres, especialmente as mães. Era evidente que Elham nunca ouvira falar do tipo de vida dele. Prostitutas, chulos, vigaristas e muitas outras variedades. Poderia ele contar-lhe pormenores, como ela fizera? Assombraram-no nuvens de desespero e tristeza. Elham ainda estava a falar. «Um dia o meu tio disse que eu devia conhecer o meu pai. A minha mãe ficou furiosa. 'Ele não merece' protestou ela. 'Nunca quis saber de ti uma vez que fosse.' Mas o meu tio insistiu, dizendo que eu crescia de dia para dia e que ia decerto precisar de um pai.»

Ele murmurou, irreflectidamente: «Liberdade, honra e paz de espírito.»

Ela encolheu os ombros e disse: «A minha mãe insistiu para que eu não o visse. Concordei com o ponto de vista dela, que o meu trabalho era mais importante que um pai, pelo menos mais permanente. Ela receava que ele decidisse levar-me para longe dela.»

Oh, escutem só a conversa dela, a deliciosa menina. Que trabalho ou carreira poderia alguma vez substituir a liberdade, a honra e a paz de espírito?

«Prosegui os meus estudos e candidatei-me para este emprego e agora estou a seguir os estudos superiores na escola nocturna.»

«Nunca pensa no seu pai?», perguntou ele.

«Não. Para mim ele não existe. A escolha foi dele.»

«É por que não necessita dele?»

«Não. Também não preciso da minha mãe, mas amo-a e não posso imaginar-me no mundo sem ela.»

É evidente que não te encontras à beira do desespero, minha menina. Não tens sede de liberdade, honra e paz de espírito. Não estás ameaçada por um passado marcado, que podia tornar-se o teu futuro de um dia para o outro.

«Sinto-me feliz com o meu trabalho, mesmo não tendo meios próprios, como você.» Ela acertava-lhe onde doía, sem querer, naturalmente. Como desejava poder contar-lhe tudo. Mas não se atrevia. A solidão apoderou-se dele quando ela o deixou para regressar ao escritório. Não obstante o charme e a gentileza dela, despertava nele instintos animais. Imaginou o choque e o horror dela se ele a seduzisse e a subsequente vergonha e derrota dele. Mas para ele a sedução era um instinto normal, podia-se mesmo dizer uma tradição abençoada. Era esse o seu mecanismo de defesa. Destruir todas as virtudes possíveis. Elham era um farol luminoso na sua vida, mas também uma ameaça ao seu *ego*. Ela abalava o mundo a que ele estava habituado. Só conseguia esquecer a sua tortura no fogo de Karima. O farol iluminava a outra metade da vida dupla que acabara de descobrir.

Mergulhou na noite agreste de Novembro e caminhou de regresso ao hotel. O novo cenário familiar recebeu-o; Khalil debruçado sobre a sua secretária e Sawi dormindo na cadeira junto à porta.

Sentou-se no salão durante cerca de meia hora, fumando e folheando os jornais.

Levantou-se, foi até ao telefone e discou um número. «Elham, posso vê-la amanhã no café?»

«Com prazer. Passa-se alguma coisa errada?»

«Não, não, de modo nenhum. Quero vê-la sempre que seja possível.»

## Sétimo capítulo

As noites de paixão passadas com Karima. O som de respiração em eco, o ritmo selvagem da selva. Esquece-se então de si. Transcende esta Terra e o universo, muito além de todos os receios e preocupações. Karima oferece os prazeres e as dores de uma refeição pesada, em contraste com a solidão deixada por Elham ao separarem-se em cada noite.

As visitas nocturnas de Karima tinham sido ininterruptas desde aquela primeira noite em que o suave bater de porta o acordara do sono embriagado. A influência dela dominava-o, não lhe permitia hipótese de fuga a estes momentos de paixão. Ele fingia ser o companheiro dominante, mas não se enganava a si nem a ela. Nunca uma mulher o dominara assim. E, contudo, ele duvidava sempre de tudo o que ela dizia.

«Não posso viver sem ti», murmurou ela numa noite em que repousava nos seus braços. Que familiares eram estas palavras! Ouvira-as em todos os cabarés e bordéis que haviam sido a sua vida em Alexandria. Lutou contra a maré de paixão e influência dela. Em vão. Ela era tudo para ele. Amor, a esperança que o impelia a procurar o pai que perdera. Noutras noites, ela limitava-se a deitar-se silenciosa e quieta, submetendo-se calmamente e sem muita paixão nem ansiedade. Então ele costumava chamar por Elham em seu



espírito, a brisa fresca que o aliviasse deste inferno com Karima. Porém, era um inferno sem o qual ele não podia viver.

Que simples tinha sido naquela noite na praia, junto aos barcos de pesca. Ainda teimas em agarrar-te a uma recordação há muito desaparecida sem deixar rasto, como as vagas. Karima não só representa o amor como também uma poção mágica que mitiga as agônias desta busca infrutífera e a confusão de ansiedades causada por Elham.

«Não estás a ser tu mesma», disse ele, uma noite.

«Por vezes achas-me diferente?», perguntou ela, com a ingenuidade de uma criança. Que manhosa criatura. Já se tinha esquecido das apaixonadas confissões de amor por ele? Lembrou-se de sua mãe numa ocasião. Um homem tinha vindo para a «visitar» e ela, em fúria, tinha corrido com ele; depois de ele se ir embora ela sucumbira num choro histérico. Era assim que as mulheres se portavam.

Num tom de indiferença, disse: «Pensei que não te sentias bem.»

«Estou bem», disse ela simplesmente. E ele detectou-lhe um desafio na voz.

«Fico contente.»

Ela acariciou-lhe o rosto, dizendo baixinho: «Não vês que és tudo para mim?»

Palavras vazias. «Tu também és tudo para mim e mais ainda», disse ele com astúcia. «E é esse o motivo da minha tristeza pela minha partida eminente.»

«Estás a falar em partir?»

«Não falar nisso não quer dizer que não vá acontecer.»

«Havemos de adiá-la tanto quanto possível. Infelizmente, o instinto do dinheiro está fortemente enraizado nos homens.»

«Não existe outra solução.»

«Ele pode ajudar-te, quando for necessário?».

«Ele é muito cuidadoso com os assuntos financeiros?»

«Muito. Ainda se preocupa mais com a forma como o dinheiro é gasto.»

«É ciumento?»

«Até mais não poder. Chegámos a um acordo sobre esse assunto. Eu tenho de me manter no meu lugar, ou perco tudo. Mas tu, que vais tu fazer? Só te resta esperar por um telefonema?»

«Um telefonema podia resolver tudo.»

«O meu pai nunca significou muito para mim.»

«Bem, o meu significa tudo.»

«Como foi que o perdeste?»

«É uma velha história. Um dia conto-ta.»

«Por que não entra ele em contacto contigo?»

É essa a questão. A causa da sua tortura. Tantas possibilidades. O que te vai acontecer se não o encontrares? Desastre, calamidade, uma vida sem esperança, sem ele, sem trabalho.

«Como foi que viveste até aqui?», perguntou ela, interrompendo-lhe os pensamentos.

«Ganhei milhares, em tempos; agora só restam dezenas.»

«Qual era o seu trabalho?»

«Não era trabalho.»

«Por que não procuras trabalho?»

«Qualquer trabalho que faça deve ser através do meu pai. De outro modo não tem valor.»

«Não compreendo.»

«Acredita-me.»

«Abre um negócio.»

«Não tenho capital nem experiência.»

«Um emprego?»

«Não tenho habilitações.» Depois, após uma pausa, disse com amargura: «Não sirvo para nenhum trabalho.»

«Só para amar», murmurou ela, passando um dedo pelo cabelo dele.

Ele sorriu. «O que será que o futuro nos reserva?»

«A situação é complicada e não posso depender do meu marido.»

«Mas ele é tão velho!»

«Isso é bem verdade. Penso que a morte passou por ele sem fazer dele grande reparo.»

«De qualquer modo, ele há-de viver mais do que o meu dinheiro há-de durar.»

«E ele podia sentir a presença de um rato e nunca mais nos veríamos.»

Ele chegou-a mais a si. «Havemos de fugir quando as esperanças se esgotarem», sussurrou ele com ardor.

«Estou pronta. Mas o que faremos então?»

«Hum... Até o nosso amor não vale nada sem o meu pai.»

«Sê prático e pára de sonhar.»

«Isso quer dizer que temos de esperar?»

«Como vamos suportar a espera? E depois de esperarmos, o que nos espera?»

«A morte», foi a sinistra resposta dele.

«Por vezes penso que ainda me há-de enterrar. Tem uma saúde de ferro. E eu tenho problemas de fígado e rins.»

«Que irónico.» Ele soltou um riso amargo.

«Ele é uma velha raposa. À primeira suspeita deixo de te ver.»

«Vou ficar louco», quase gritou ele.

«Também eu. Mas o que podemos fazer?»

«Esperar é inútil, fugir não conduz a nada, o telefonema é uma ilusão; o que fazer?»

«Sim. O que fazer?»

«Penso que a fuga é a única saída.»

«Nunca», disse ela num fôlego.

«Então esperamos.»

«Isso também não», disse ela, quase incitando-o a proferir algum pensamento oculto.

«O quê, então?»

«Oh. Bem», disse ela em tom de resignação, «se não conseguirmos fazer nada, o melhor é parar de nos vermos.»

Ele tapou-lhe a boca firmemente com a mão. «Preferia morrer», disse ele.

«A morte», suspirou ela. Então, como que a falar consigo mesma, repetiu: «Sim, a morte.»

Ele sentiu o coração bater mais depressa e a sua respiração pesada tornou-se ensurdecadora no silêncio que se seguiu. «Por que ficaste calada?»

«Estou cansada», respondeu ela. «Chega de conversa.»

«Mas voltámos ao ponto de partida.»

«Deixa estar.»

«Mas deve haver uma solução», quase suplicou ele.

«Qual?»

«Estou a perguntar-te.»

«Esperava uma sugestão tua, uma palavra, qualquer coisa.»

«Não. Não tenho sugestões. É um sonho. Tal como o teu telefonema. Se eu pudesse herdar o dinheiro e o hotel, vivíamos juntos para sempre.»

Ele suspirou. Ela prosseguiu: «O problema é que sonhamos sempre que não conseguimos encontrar uma saída, uma fuga. Os sonhos são a nossa única fuga.»

«Mas o sonho pode realizar-se.»

«Como?»

«Por si mesmo.»

«Não acreditas nisso, ou acreditas?»

«Não!»

«E agora a manhã está a romper e já dissemos tudo o que pode ser dito», murmurou ela numa voz quase indistinta.

Ele observou o vulto dela, vestindo-se no escuro. Um último beijo apaixonado e ela saiu. Sozinho no escuro, uma vez mais. Um negrume de morte e túmulo. O túmulo da tua mãe. Só com os teus pensamentos. Só, no frio, no escuro. No tribunal, quando pronunciaram a sentença, ela gritou: «Sei quem é o monstro que está por detrás disto. Hei-de matá-lo.» Mas o tempo de cadeia matou-a, lenta, mas seguramente.

Oh, se ao menos pudesse contar tudo a Elham. As coisas seriam tão mais fáceis. Ela contou-me tudo, eu só lhe contei mentiras. Ah, pai, por que insistes em permanecer perdido?

A tua mãe pensou que me tinha morto. Mas fui eu que a matei.

Então és um criminoso, um assassino; mas hei-de encontrar-te.

A sedução de Elham. A luta sangrenta. Os gritos dela: «Hei-de matar-te!» O vestido dela rasgado, deixando ver um corpo nu e violentado.

O almuadem chamado para a oração da manhã. Outra noite de insónia? Mas não, ali estava o sonho, sua mãe, o pai e a sedução de Elham.

Levantou-se às sete, abriu a janela e ouviu o mendigo no largo, entoando os seus versos absurdos. Oh, tu do rosto belo! Cristãos e judeus abraçaram a tua fé. Viu Khalil a ser ajudado na descida das escadas pelo porteiro, Aly Seriakous.

Sentou-se no salão, observando o velho. A mão trememente dele somando o dinheiro no livro de registo. O dinheiro. Ah, se ao menos morresses, velho! Que alegrias pode a vida oferecer-te agora? A beleza de Karima desperdiçada pelo teu amor estéril. O único prazer que ganhas é vê-la despir-se e esfregar-te as costas para te adormecer. Ou morres tu ou aparece o meu pai. Lembrou-se dos seus dias de violência. Naquela noite, num dos sombrios cabarés. Quase matou um polícia, numa briga.

«Nunca mais te metas em brigas», tinha-lhe dito a mãe. «Não suporto a ideia de te perder. Se alguém te causar problemas, diz-me. Tenho meios de o mandar para a cova.» Era verdade. Ela uma vez despachara uma das suas rivais. Um dos seus homens tinha dado conta dela e depois fugira para a Líbia. Toda a gente dizia que Basima Omran a tinha morto. Mas não havia provas. Quanto a ti, Khalil, a morte não há-de fazer-te lá muita diferença!



## Oitavo capítulo

«Não me parece que valha a pena continuar com o anúncio», disse Saber a Tantawi na manhã seguinte. Tantawi concordou. «Não tenho dúvidas de que ele deve já ter visto o anúncio, por esta altura», continuou Saber.

«Sim, isso é quase certo», disse Tantawi.

Elham juntou-se à conversa. «Então ele recusa-se a aparecer.»

«Talvez ele esteja fora», disse Saber. «De qualquer modo, o anúncio já não pode servir para nada.»

O entusiasmo de Elham aumentou. «Tudo já só depende dele. O tempo é a única coisa em que podemos confiar. Ele há-de voltar quando quiser. Lêem-se muitos casos semelhantes.»

Mal sabe ela que ele precisa mais do pai do que o pai precisa dele. Precisa dele não só pelo seu futuro como também por temer o seu próprio passado, obscuro e marcado. Uma vida de crime. O que vai acontecer quando o dinheiro se lhe esgotar, a todo o instante? Não há ninguém a quem ele possa recorrer. A única coisa que o impele é o temor de um regresso ao passado. Parar a busca vai significar um novo mergulho numa vida de crime.

Estes pensamentos negros levaram-no a dizer, resignado: «Bem, vamos renovar o anúncio.»



Esperou por ela no café. O encontro diário de ambos tornara-se um ritual sagrado, a ser aguardado com ânsia antecipada. Depois as noites de amor com Karima, esquecendo os calmos momentos de ternura com Elham, só se voltando a lembrar deles ao romper do dia. Um pêndulo como a vida, balouçando entre o desejo animal e o amor ternurento, nenhum deles suprimindo o outro.

Sente-se atraído e repellido por ambas. Uma e outra exercem um forte domínio sobre ele, despertando-lhe um sentimento de protesto. E, contudo, ele não pode prescindir de nenhuma. A escolha nunca pode ser feita. Elham representando céus limpos, sem nuvens, Karima o trovão e a chuva, mas também como os céus de Alexandria. Bem-amada Alexandria. As noites que ele passara na sua Alexandria, bebendo sob um céu enevoadado, aquecendo-se com criaturas de luxúria e desejo. Por que nega ela ser a voz que o clama do passado? Ela, que é reminiscente daquelas noites selvagens picantes do ar salgado, selvagem como o mar tempestuoso. Ela que, tão como ele, é ardente, apaixonada, violenta. Elham, tão contrária, remota, sobre uma colina fora de alcance.

Ela reparou no silêncio dele e assim ele disse, numa voz arrastada: «Quando esta busca terminar, de uma maneira ou de outra, já não vai haver razão nenhuma para eu ficar.»

Ela pregou os olhos no chão e disse: «Já decidi quando parte?»

«Não suporto a ideia de viver longe do Cairo.»

«É um belo pensamento. Espero que o realize», disse ela seriamente, fixando nele um olhar directo.

«Não penso em mais nada.»

«Mas e a sua família e o seu trabalho?»

«Há sempre uma solução. Por vezes penso...»

Ficou calado uns instantes, depois prosseguiu: «Por

vezes penso que não vim aqui para procurar Sayed Sayed el Reheimy, mas sim para te encontrar. Por vezes perseguimos qualquer coisa e durante a perseguição deparamos com aquilo que realmente procuramos.»

Um ar de ternura e calor transpareceu nos olhos dela e disse num tom sério: «Nesse caso estou em dívida para com Sayed Sayed el Reheimy.»

A barreira cedeu. «Elham, amo-te. O meu amor tem crescido desde que te conheci. És tudo para mim, a razão e a causa da minha existência. Nunca me senti assim. Cada palavra que digo vem-me do fundo do coração.»

Os lábios dela moveram-se, silenciosos.

«Não se passa o mesmo contigo?», perguntou ele, forçando-a a quebrar o silêncio.

«Sim e mais do que isso», disse ela baixinho. Ele aflorou-lhe a mão, acariciando-a devagarinho. Cada fibra do seu corpo cantava; depois lembrou-se de Karima e do encontro próximo de ambos, dentro de umas horas. Nuvens vieram toldar-lhe o espírito. Já amara mais de uma mulher, mas agora, quando estava do lado de Karima, Elham puxava-o e vice-versa. Se ao menos as pudesse tornar uma pessoa, uma alma, um corpo!

«Já alguma vez estiveste apaixonada?», perguntou ele, tentando abafar os pensamentos.

«Não, nunca. Talvez uns romances infantis. Uma vez apaixonei-me por um artista de cinema que já morreu. Não, Saber, nunca estive apaixonada. Estive noiva, uma vez, mas rompemos quando ele me pediu que eu abandonasse o emprego. Os meus colegas de trabalho já tentaram fazer-me a corte, isso é inevitável. Depois conto-te tudo, se me prometeres não partir; bem, se me prometeres ao menos não esquecer o Cairo.»

«É bom ouvir isso. Agora diz-me: o que sabes tu sobre o amor?»

«Nunca pensei que pudesse ser assim.»

«Sei umas coisas sobre a vida e quando te olho nos olhos vejo uma pessoa de grande bondade.»

Ele disfarçou rápido a sua surpresa. «O que queres tu dizer?»

«Não sei. Por favor não me faças explicar. Tu... tu... é qualquer coisa no teu olhar. É confortante, tranquilizante.»

Oh, estes belos olhos azuis, tão cegos. Eu, um bom carácter? E os velhos tempos? Para onde foram as noites selvagens? Desapareceram sem deixar rasto? Oh, pai, por favor vem e salva-me desta situação.

«Não quero fazer um auto-elogio, mas o meu amor por ti, Elham, prova-me que sou uma pessoa melhor do que aquilo que eu julgava», disse ele, mal acreditando em si próprio.

«És melhor que isso. Só o modo persistente como procuras o teu irmão! Chegaste a conhecê-lo?»

«Não»

«E no entanto, procura-lo como se o tivesses conhecido toda a tua vida. Isso já me prova a pessoa nobre que és.»

Raios! Todas as minhas mentiras. As palavras de Elham são tão vazias como o silêncio.

«Só me pediram que eu o procurasse, como qualquer outra missão.»

«Não. Mesmo que o encontres, a vantagem não será tua, pelo menos materialmente; não negues as tuas boas qualidades.»

Karima, como ele, arrastara-se na lama durante muito tempo. Tinham isso em comum. Podiam comunicar, mesmo à distância. No clímax do seu amor ela costumava murmurar: «Quando desaparecerá o obstáculo ao nosso amor?» Isso enchia-o de medo, um medo construído no escuro ninho de amor, uma escuridão que facilmente induziria ao crime.

Karima não ia adivinhar que ele era capaz de matar só para vingar outra mulher. No entanto ele fizera-o antes. Tinha sangue nas mãos; não era uma experiência nova para ele.

O velho que se agarrava à vida não tinha qualquer significado excepto estar a conduzi-lo a um fim inevitável. Elham, apaixonaste-te por um criminoso. Enlouqueço se continuar a mentir-te.

O assassínio ocupa-te o pensamento. Já o fizeste uma vez. Confessa... Confessa que não vales nada, és pobre e Reheimy é teu pai, não o teu irmão. Confessa que sem ele não vales um punhado de pó. Confessa o teu passado. Ela há-de gritar de susto e dor. O brilho dos olhos dela apagar-se-á. Depois ela há-de descobrir a verdade. Se a tua mãe tivesse cuidado de ti como devia ser, a estas horas eras um chulo bem sucedido. Mas não... ela protegeu-te na sua gaiola de ouro e agora sofres a tortura eterna. Ela ressuscitou o teu pai e assim roubou-te o conforto do desespero e do desaire.

«A minha mãe acha que devias abrir um negócio no Cairo. Ela sabe muitas coisas de ti», disse Elham, interrompendo-lhe os pensamentos.

Mãe! Ele temia as mães. Como a mãe dele, podia descobrir a verdade. Não ia deixar-se enganar pelo olhar dele.

«Que espécie de negócio?»

«Isso depende do que sabes fazer.»

Beber, dançar, lutar e fazer amor.

«Administração de propriedades é tudo o que sei fazer.»

«Não sei de nada sobre os teus estudos.»

Lembrou-se daquela fase transitória na sua vida. As breves temporadas em escolas árabes e estrangeiras.

«O meu pai não me deu oportunidade de acabar os meus estudos. Precisou que eu o ajudasse, principalmente quando adoeceu.»

«Pensa em qualquer negócio. Tenho uns amigos que te podem ajudar.»

«Está bem. Mas primeiro tenho de consultar o meu pai.»

Levantaram-se para sair. «Quem me dera poder beijar-te, Elham, mas aqui é impossível.»

Todos os seus sentidos gritavam: deixa Elham. Ela é como o teu pai, cheia de promessas, mas apenas uma quimera. Karima é justamente uma extensão da tua mãe. Representa prazer e crime. Volta para Alexandria. Torna-te um chulo frente aos teus inimigos. Mata. Leva Karima; leva o dinheiro dela. Saca Reheimy do escuro. Casa com Elham. Os Invernos no Cairo são cruéis. As ruas estão apinhadas, um mercado de humanidade. Aqui perdes-te numa busca infrutífera. Podes ter todas as mulheres que quiseres, oferecendo-te uma vida de prazer, sem preocupações. Mas em vez disso escolhes Reheimy. Talvez ele não passe de um charlatão que convenceu a tua mãe de que era alguém.

Deves ter visto o teu pai um milhar de vezes por dia enquanto sondavas os rostos sem conta das ruas do Cairo. Ele rejeita-te, ou talvez te tema. Talvez esteja morto? O Inverno instiga a escuridão. Surge sobre ti de repente e fecha-se sobre ti, impelindo-te.

O porteiro do hotel tinha-lhe falado de um adivinho; talvez ele pudesse ajudar. Tinha ido ter com ele e acabara por descobrir que ele tinha sido preso como intrujão. Desde quando era isso um crime? O hotel tornara-se uma cadeia. O salão estava cheio de gente, fumo e barulho. Os rostos mudavam, mas as conversas permaneciam as mesmas. Ouviu um homem perguntar: «Mas isso não significa o fim do mundo?»

«Ao diabo o fim do mundo», disse outro.

Riso e fumo enchiam o salão. Um homem perguntou-lhe: «É pelo oriente ou pelo ocidente?».

«Nem um nem outro», respondeu ele, desinteressado. Depois lembrou-se da sua situação e disse: «Sou pela guerra...»



## Nono capítulo

Karima não veio naquela noite. Ele ficou-se na cama, num entorpecimento alcoólico, imaginando o amor ausente, tentando reprimir o desejo. Já passava da meia-noite e nada de Karima. Até agora ele não perdera uma única noite nos seus braços. Manteve vigília constante a noite toda, perdendo gradualmente a esperança de ela aparecer. O orador da manhã anunciou o fim da ansiosa espera. Dormiu algumas horas e acordou às dez.

Enquanto Saber tomava o pequeno-almoço no salão, observou o velho a tagarelar com o porteiro. Quando irá ele acordar e descobrir que o velho não está à secretária? Como ia ele interrogar Karima sobre a ausência dela na noite anterior? Uma discussão acalorada eclodiu entre dois dos hóspedes. Observou as gesticulações vigorosas e as ameaças vãs. Profundamente aborrecido, levantou-se e saiu do hotel.

Ao almoço Elham apresentava um ar sério. Ele sentiu-se muito melhor que anteriormente. Sentia-se assim sempre que a via. «O nosso encontro de cada dia é a única coisa de significado na minha vida», disse-lhe ele, num tom de voz de clara felicidade.

«Não páro de pensar em nós», disse ela, fitando-o com um olhar de amor e ternura. Ele sentiu uma opressão no peito perante as inocentes tentativas dela



para o capturar. Sentiu-se perturbado com as derrotas nocturnas que Elham sofria nas mãos da sua poderosa inimiga. «Fico contente por saber isso. Eu também não penso noutra coisa.»

«Então conta-me lá», disse ela, provocadora.

«Penso em trabalho e em casamento.»

«Então finalmente convenceste-te com a minha sugestão?»

«Sim, mas primeiro tenho de terminar a minha missão aqui, de uma maneira ou de outra; depois parto e combino as coisas com o meu pai.» Desprezava-se a si mesmo de tantas mentiras. Como desejava ser capaz de confessar tudo, acontecesse o que acontecesse. O dilema era algo totalmente novo para ele, um tormento constante. «Vamos ao cinema», disse ele, quase desesperado.

Deram as mãos no escuro. Sempre no escuro. Mas ele sentia-se em paz e beijou a mão dela; a exalação suave e intoxicante do perfume dela instigava-lhe as paixões. Lembrou-se da tortura que lhe estava reservada para a noite. Karima. Desesperado, tentou estancar os pensamentos.

«Que crueldade», sussurrou Elham, referindo-se à cena do filme. Ele não estava a seguir e assim disse rapidamente: «Um instante longe de ti é muito mais cruel.»

Olhou para a cena que se desenrolava no ecrã. Um homem violava uma rapariga. O diálogo parecia-lhe desconexo e desprovido de significado. Era como observar a vida das pessoas a partir de um contexto, despegados, desinteressados. Rimo-nos quando deviam brotar lágrimas e choramos quando o riso devia ecoar. Andares em busca do teu pai, por exemplo, deve parecer divertido para as pessoas que lêem o anúncio. Karima virá esta noite? Vai ser outra noite de agonia e tortura? Estudou o rosto de Elham; ela seguia o filme

com atenção. Tentou esquivar a sua mão da dela, mas ela prendeu-o fortemente.

Caminharam até à paragem de autocarro; ela subiu e ele ficou uns instantes parado a ver o autocarro desaparecer na curva. Dirigiu-se à tasca vizinha ao hotel, pediu uma sardinha e uma sanduíche de carne defumada e acompanhou tudo com uma meia garrafa de conhaque. A vigília no quarto iniciou-se pouco depois da meia-noite. Oh, a humilhação que ele sofria. Nunca se sentira assim. Um pavor esfaimado, um pavor de uma busca fútil, um pavor do próprio medo. A noite passou lentamente e nada de Karima.

Lá estava ela, na tarde seguinte. Sentada ao lado do marido. Tal como ele a vira pela primeira vez. Ela evitou-lhe o longo olhar ávido quando ele se sentou no salão. Desconhecia a loucura da paixão dele, de outro modo não o provocaria tanto. Ela levantou-se e subiu as escadas. Quando os olhos de ambos se encontraram por um instante, havia um aviso claro na expressão dela. O que significa aquele olhar? O velho não tinha alterado o comportamento em relação a ela. Era velho demais para esconder emoções. Saber pensou em segui-la, mas como se lhe tivesse lido os pensamentos, ela correu escada acima.

O dinheiro esgotava-se-lhe. A busca não passava de uma farsa sem sentido. As noites seguiram-se da mesma forma monótona. Uma refeição e muita bebida. A esperança da meia-noite. A espera no escuro, noite após noite.

«Alguém lhe telefonou hoje», disse o porteiro numa noite em que Saber regressava bêbedo, como de costume. O telefone. O toque não ostentava a excitação e expectativa que tivera antes. Mesmo assim, um milagre podia sempre ocorrer.

«Voz de mulher», continuava o porteiro, reparando na indiferença de Saber.

«A propósito do anúncio?»

«Não. Só perguntou se você estava cá.»

Elham. Já não a via há uns dias. A sua má disposição era tal... Deitou-se no escuro. Bateram à porta. Saltou como um louco, abriu a porta e puxou-a violentamente para dentro.

«Tu!», quase gritou. Arrastou-a selvaticamente para a cama, incapaz de conter a paixão. «Tu, maldita, és um demónio!»

«Estás a arranhar-me», exclamou ela.

«Arrasaste-me os nervos.»

«Então e eu? Não sabes como me tenho sentido?»

Tentou arrancar-lhe o robe, mas ela esquivou-se.

«Não, não. É perigoso. Tenho de te dizer uma coisa e depois devo ir-me embora.»

«Nem o diabo te salva agora», rosnou ele.

«Cala-te! Estás bêbedo. Um passo em falso e estragas tudo.»

Sentou-se na cama. «O que foi que aconteceu?»

«Quando regresssei ao meu quarto, da última vez que estive aqui, ele estava acordado. Dei as desculpas do costume por ter saído do quarto. Mas parece-me que Aly Seriakous, o porteiro, viu-me. Não tenho a certeza, mas estou muito assustada.»

«Estás a imaginar coisas.»

«Talvez sim e talvez não. Não podemos arriscar. Vamos perder tudo. O amor, a esperança, o nosso futuro. Uma palavra dele basta para nos condenar à pobreza e à miséria eternas. Nunca te esqueças disso.» Ela soltou um suspiro profundo e a seguir continuou. «Foi por isso que parei de vir ter contigo. É evidente que até aqui não te pude explicar. Imaginei a tua tortura pela minha. Mas o meu marido deu-me toda a riqueza na condição de que eu lhe seja absolutamente fiel. Ele disse-me que eu sou as mãos, os olhos, a filha e a mulher dele; de facto, tudo. Devo ser-lhe leal durante os dias que lhe restam.»

«Então o que vamos nós fazer?»

«Tenho de parar de vir aqui.»

«Mas isto é uma loucura!», lamuriou-se ele.

«É a única coisa sensata a fazer.»

«Quanto tempo tenho eu de esperar? Até quando?»

«Não sei», suspirou ela.

«O meu dinheiro vai-se acabar e terei de partir.»

«Posso dar-te algum para te manter aqui tanto quanto possível.»

«Isso não vai alterar o inevitável.»

«Eu sei. Mas o que podemos nós fazer? Estou num sofrimento tão grande quanto o teu.»

«A minha situação é pior. Estou ameaçado de tortura e pobreza.»

«Eu tenho sofrido por nós dois. Como é que ainda não te apercebeste disso?»

«Quando é que o velho morre?», resmoneou ele.

«Pensas que eu é que sei? Não sou uma vidente.»

«Então o que és?», cortou ele.

«Uma mulher infeliz. Mais infeliz do que possas imaginar.»

«Talvez a morte responda à nossa chamada e ele morra de repente.»

«Talvez.»

«Ele é um velho; não pode viver para sempre.»

«Podia morrer esta noite ou daqui a vinte anos. A irmã mais velha dele morreu há dois anos», disse ela num suspiro. O amanhecer, o galo a cantar, o almua-dem chamando os fiéis à oração. «Não há nada que possamos fazer. Tenho de ir.»

«Não te verei a menos que ele morra?»

«Não há nada que possamos fazer.»

«Há, sim», disse ele numa voz forçada. O silêncio era ensurdecedor. Continuou: «Até aqui temos falado por adivinhas, no escuro. Agora vamos falar com franqueza. Tenho de o matar!»

O corpo dela tremeu e também a sua voz. «Não podes acreditar naquilo que estás a dizer. Eu não sou cruel nem selvagem. O meu único defeito é amar-te sem limites. Temos de esperar.»

«Para que ele viva tanto como a irmã?», retorquiu ele, desdenhoso.

«Ou quando for que o Todo-Poderoso decida.»

Ele já tinha decidido. O sangue fervia-lhe e sentia calor apesar da sua nudez e da noite fria de Inverno. Deu umas passadas furiosas no quarto. «O que vai acontecer depois do crime?», perguntou ele num tom casual. Ela permaneceu silenciosa. A escuridão era opressiva. «Não percas tempo», cortou ele. «O que vai acontecer depois do crime?»

Ela soltou uns suspiros ligeiramente ofegantes, como que sufocada pelas palavras, depois disse baixinho: «Esperamos um tempo. Podemos encontrar-nos em segredo, depois serei tua. Eu e o dinheiro.»

Ele cerrou os punhos. «Não temos alternativa. O desespero arrastou-nos para isto.»

«Sim, infelizmente é verdade.»

«Como havemos de o fazer?», perguntou ele.

Ela respondeu mais depressa do que ele esperava: «Observa bem o edifício vizinho.»

Com que então. Ela tem tudo planeado. Mas não importa, é tudo por causa do amor dela por mim.

«O apartamento do lado oposto ao hotel é usado como armazém de roupas em segunda mão. Está sempre vazio à noite. E é de fácil acesso. O telhado do edifício é contíguo ao nosso telhado», prosseguiu ela numa voz sussurrante. «Podes atravessar facilmente para o outro lado. Deves esperar por ele no quarto.»

«Ele sobe às oito e meia, nove?», perguntou Saber.

«Sim. Escolhe a data em que vou visitar a minha mãe. Vou lá regularmente, uma vez por mês.»

«É inacreditável que eu já esteja aqui há quase um mês», disse ele.

«Depois podes atravessar de volta para o outro telhado e sair do edifício sem que ninguém te incomode.»

A voz dele tremeu ligeiramente ao dizer: «Ouve-se falar desses crimes muitas vezes, mas são descobertos.»

Fria, ela replicou: «Mas nunca ouvimos falar dos que não são descobertos.»

Ela era tal e qual como a sua mãe. Completamente implacável. «Há mais alguma coisa que não tenhamos prevenido?», perguntou ele.

«Sim. Tens de roubar qualquer coisa como motivo do crime.»

«O que hei-de eu roubar?»

«Deixa isso comigo. Mas toma cuidado para não deixares vestígios.»

«É melhor que eu tenha cuidado, não é?», resmungou ele.

«As nossas vidas estão agora unidas. Se alguma coisa te acontecesse, também seria o meu destino. Não temos outra escolha.»

Ele abanou a cabeça, como se não acreditasse em toda a conversa. «Que loucura... que loucura... pensas que tudo isto irá realmente acontecer?»

«Observa o edifício cuidadosamente. Toma cuidado para que ninguém te veja. Restam alguns dias até que eu vá ter com a minha mãe. Tens a coragem necessária. Agora vamos recapitular tudo, passo a passo.»

Ele não ouvia, perdido em pensamentos profundos e negros.



## Décimo capítulo

Tomou um pequeno-almoço de ovos, queijo, fruta e um copo de leite. Observou os outros hóspedes no salão. Olha bem para eles; dentro em pouco um vasto abismo há-de separar-te deles.

Quando a noite cair vais assinar um pacto de sangue como a tua passagem para o crime. Ali vai o velho Khalil, enfrentando a manhã fria, a mão tremendo-lhe sem parar, sem desconfiar da morte. Vais parar de viver às dez desta noite. Não sabes disso, mas eu sei. Segue o conselho de alguém que já perdeu a esperança; não te preocupes mais com assuntos triviais. Eu partilho com Deus o reino dos desconhecidos. O telefone tocou. Saber deu uma gargalhada sonora. Seria o seu pai a telefonar às onze?

Sawi atendeu: «Não, não, é engano.»

Não, não. E não para ti, Sayed el Reheimy! Negaste o teu filho e agora o teu filho nega-te. O teu filho há-de partir em busca de liberdade, honra e paz de espírito. Não bocejes, Khalil. Em breve hás-de dormir para sempre. Por que teimas em seguir um destino inevitável? Explica-me o que tudo isto significa; eu, teu assassino, hei-de gozar a tua fortuna, a minha mãe imersa nas mais baixas profundezas, o meu pai num silêncio impiedoso, as minhas esperanças dependentes de destruição. Explica tudo isto. De que se trata?



Passou-se uma semana e só penso em crime. Que diferentes eram os meus sonhos quando o comboio partiu de Alexandria. Estes outros homens, os hóspedes, nenhum deles cometeu um crime? Toda esta conversa de dinheiro, guerra, sorte, nunca irá acabar? Comentam o futuro e, no entanto, são tão ignorantes daquilo que se vai passar mesmo aqui, debaixo do nariz deles.

Saber saiu do hotel às dez, dirigindo um aceno de cabeça a Khalil ao sair. SAÍ DO HOTEL ÀS DEZ E SÓ VOLTEI À UMA DA MANHÃ, não se cansava ele de repetir a si mesmo. Olhou para a entrada do edifício vizinho. Tal como um mercado movimentado, com gente a entrar e a sair. O telhado estava vazio e mais nenhum dava para aquele. Ia escurecer depois das cinco.

Pensou em visitar Elham, mas a ideia foi-lhe invadida de pensamentos imediatos. Não suportava falar com ela enquanto tivesse sangue a contemplar. O que ia ele dizer-lhe antes de a deixar para sempre?

Passou pelo edifício do jornal e uma tristeza assombiante apossou-se dele. Lembrou-se dos encontros de ambos, da atenção dela para com o problema dele, da sua incapacidade de corresponder ao amor dela. Matou o tempo caminhando sem rumo, almoçou na tasca da Rua Clot Bey e resumiu o almoço com dois copos de aguardente.

«Que tempo terrível», disse o empregado.

«Sou um criminoso, descendente de criminosos», gritou ele ao sair da loja. O empregado riu-se; a aguardente faz coisas estranhas às pessoas!

Subitamente decidiu que tinha de ver Elham. Ela não estava no café; o empregado disse-lhe que ela partira logo após o almoço. O súbito desejo de a ver desvaneceu-se. Esperou até às cinco horas e depois caminhou de regresso à rua de arcadas, parando no

escuro, do lado oposto à entrada para o edifício contíguo ao hotel. Reparou no porteiro do edifício, ocupado em conversa com um vendedor de rua. Aproveitou a oportunidade para atravessar a estrada e entrar no edifício. Estava cheio de gente. Muitos olhos poisaram nele, mas nenhuns o viram. Olhou cuidadosamente para cada rosto, para o caso de algum dos hóspedes do hotel se encontrar neste edifício por um motivo qualquer.

Finalmente chegou ao telhado. Havia luz suficiente para se ver que o telhado estava deserto. Olhou em volta e viu que mais nenhum edifício dava para este. Os olhos poisaram-lhe no telhado do hotel. Karima estava ali, apanhando a roupa do arame. Vê-la subitamente, fê-lo estremecer. Ela devia ter estado à espera dele. Talvez até o tivesse visto a atravessar a rua e a entrar no edifício.

Incitou-o a aproximar-se. Ele fê-lo; vendo-a, renovava-se-lhe a determinação de prosseguir a tarefa.

«Ninguém te viu?», perguntou ela, virando-lhe as costas.

«Ninguém.»

«Aly Seriakous está lá em baixo. Espero por ti no cimo da escada até atravessares.»

Partiu com a roupa e desapareceu na esquina. Ele aguardou um momento, olhou em torno, depois saltou para o telhado do hotel. Prosseguiu cautelosamente até que chegou à porta do quarto.

«A porta está aberta; entra», murmurou ela.

Ele respirou fundo e entrou, dando com uma entrada escura. Ela veio ao encontro dele, fechando a porta atrás de si e acendendo a luz. Tinha os olhos faiscantes, mas o rosto apresentava uma palidez de morte. O seu ar sedutor desaparecera. Abraçaram-se, nervosos e sem paixão, fitando-se com uma certa perplexidade, como duas crianças assustadas e perdidas.

«Um só deslize e estamos perdidos», disse ele.  
«Domina-te», disse ela. «Ninguém suspeita de nada. Vai correr tudo conforme planeámos.»

Ela levou-o a atravessar o apartamento. A entrada dava para um grande quarto, com uma porta lateral para uma pequena sala de jantar. Deu uma vista de olhos à mobília do quarto. A cama grande, o sofá, o divã turco, tudo parecia contemplá-lo com olhos desinteressados. Ia revelar a ela os seus sentimentos, depois pensou melhor.

«Que quarto tão feio», disse em vez disso.

Ela parecia estar a recuperar da tensão do momento. «Sim. Tens de te esconder aqui, no quarto. Assim que ouvires a porta da frente mete-te debaixo da cama.»

«O chão é de madeira?»

«Sim, está todo atapetado.»

«É claro que ele vai fechar a porta da frente?»

«Sim. Sawi trá-lo cá acima. Principalmente quando eu cá não estou. Ele mesmo tranca a porta e ou deixa a chave na fechadura ou em cima da mesa, aqui. Abres a porta e sais.»

«Podia encontrar alguém no telhado.»

«Não. Seriakous, o porteiro, retira-se depois do meu marido vir para cima. O quarto dele fica no terceiro andar.»

«Vão perguntar como foi que...»

«As janelas vão ficar fechadas, portanto, ou ele se esqueceu de trancar a porta quando Sawi o deixou ou então alguém bateu à porta e ele abriu», disse ela rapidamente.

«Seria possível que ele abrisse a porta a alguém sem perguntar quem era?»

«Talvez ouvisse uma voz conhecida.»

«Então a suspeita vai cair sobre os que ele conhece dentro do hotel?»

Fria e impacientemente, ela respondeu: «Não vão apanhar uma pessoa inocente. O importante é que fujas.» Apontou para a mala dela: «Tirei o dinheiro e algumas jóias. Abri o armário com uma faca e espalhei umas roupas no chão. Arranjaste luvas?»

«Sim.»

«Muito bem; aqui tens a barra de ferro.» Ela apontou para a mesa no meio do quarto. «Não lhe toques sem teres calçado as luvas e tem cuidado para não deixares cair nada debaixo da cama.» O rosto dela parecia ainda mais pálido, em contraste com os olhos faiscantes. «Tenho de ir», disse ela. Beijaram-se.

«Fica um bocadinho», suplicou ele, agarrando-se a ela.

«Não, tenho de ir.»

«Não te esqueceste de nada?»

«Espevita essa coragem e reage calmamente e...»

«O quê?»

Ela lançou-lhe um olhar estranho e distante. «Nada», murmurou ela. «Mete-te debaixo da cama.»

Beijaram-se uma terceira vez. Ela separou-se dele rapidamente e deixou-o, chamando alto por Aly Seriakous. Rápido, ele escondeu-se debaixo da cama. Karima voltou com o criado e mandou-o fechar as janelas. Esperou até que ele as fechasse, depois apagou as luzes e saiu do quarto.

Saber saiu de debaixo da cama. Estava escuro como breu. Calçou as luvas, tateou a mesa e encontrou a barra. Agarrou-a com firmeza, atravessou o quarto e sentou-se à beira da cama. Nada mais existia naquele momento. Só o volume da cama, o cheiro do perfume dela e um silêncio crescente. Agora não havia modo de escapar. Um golpe mortífero. Um golpe é melhor que toda esta espera interminável e a busca fútil. O amor de Karima, como uma nuvem ténue e contudo mais perigoso do que a tarefa que ele ia

executar. O mendigo ainda cantando sem descanso. Ele descansaria alguma vez? Era um apelo perdido. Tal como o anúncio, e a riqueza de sua mãe, e aqueles dias de outrora. Quando voltaria ele a ver Karima? A beijá-la apaixonadamente e em segurança.

Ouviu o criado Seriakous cantarolando baixinho no telhado. A seguir, silêncio e escuridão. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, ouviu uma chave virar-se na fechadura. Esgueirou-se rapidamente para debaixo da cama. Sons de passos aproximavam-se, a porta abriu-se e o quarto ficou inundado de luz. Mal conseguia respirar e pensou que o bater do seu coração se ouviria a milhas de distância. Seis pés apareceram-lhe. O velho dizia: «Podes ir, Aly, e não te esqueças do canalizador.»

Dois pés desapareceram. Khalil sentou-se à beira da cama, com os pés a umas meras polegadas da cara de Saber. «Vou ter com ele amanhã. Mas não admito disparates», dizia Khalil.

«Sim, concordo», dizia Sawi, o porteiro.

«Ele é um espertinho. Esteve perto da morte quatro vezes e ainda não aprendeu a lição.»

«O meu amo é um homem generoso.» Ao fim de um breve silêncio, Sawi perguntou: «Posso deixá-lo agora, Sr. Khalil?»

«Não. Fica um pouco. As minhas costas estão a doer-me e tenho uma terrível dor de cabeça.»

Quanto tempo vai ele ficar? Irá ele passar a noite com o velho? Saber estremeceu com o pensamento. Khalil ocupava-se com as suas preces. Que apropriado. Quando terminou, disse: «Ajuda-me a pôr o robe e os chinelos, Sawi.» Seguiram-se sons de alguém arrastando-se e movimentando-se e então: «Tira-me os comprimidos para dormir da gaveta.»

Onde fica a tal gaveta?! Se fosse no armário, o falso roubo seria descoberto. Susteve a respiração.

ansioso. Voltou a respirar quando ouviu o velho a beber água, engolindo o comprimido. Depois sentiu Khalil deitar-se na cama e puxar os cobertores em torno de si.

«Sawi, não consigo levantar-me. Fecha a porta e abre-a à hora do costume amanhã de manhã. Boa noite.»

Escuridão, depois a luz fraca de uma pequena lanterna. Hás-de encontrar o teu amo transformado num cadáver amanhã de manhã. Como foi que o assassino entrou? Como vai ele escapar a seguir? A janela, a que dá para o telhado. Como vão eles reconstruir o crime? Ia explodir de tensão e medo. Todos aqueles pensamentos, tantos planos. Tens que acabar. Tens que conseguir. O bater do teu coração é ensurdecedor. Não consegues parar.irá ele adormecer antes de eu explodir? Ouviu ressonar. Tal como sua mãe na última noite. O sudário da morte, os céus lacrimosos em Alexandria. Esquece isso agora. Saiu a rastejar de debaixo da cama. Levantou-se, segurando a barra com firmeza na sua mão de luva calçada.

Khalil estava escondido debaixo da roupa. Apenas a cabeça se descobria ligeiramente, debaixo da almofada. Sentiu-se melhor por não lhe ver a cara. Aproximou-se, retomando coragem. Ergueu a barra. De repente o velho virou-se, inquieto. Saber ficou colado ao chão, de braço erguido, a barra acima da cabeça. O velho abriu os olhos. Os olhos de ambos encontraram-se. Nenhum sinal de reconhecimento nos olhos de Khalil. Saber apercebeu-se da situação e lançou o braço para baixo. Ficou espantado com a força do golpe e o som repugnante do impacto. O velho largou um grito fraco, depois um uivo e depois foi o silêncio. O corpo estremeceu uma vez com violência, depois ficou quieto. Saber não se preocupou em certificar-se que ele estava morto. Correu para a janela,

abriu-a, olhou para fora e saltou rapidamente para o telhado, fechando a janela atrás de si.

A barra de ferro estaria suja de sangue? Estaria o telhado deserto? Que horas eram? Atravessou o telhado. Por que não lavava ele a barra na casa de banho? Deveria arremessá-la do telhado do edifício? Isso seria idiota. Ouviu vozes nas escadas. Espreitou por cima do corrimão. O terceiro andar estava escuro, mas havia luz a brilhar no segundo andar. Limpou a barra com a luva esquerda, depois desceu as escadas sorrateiramente. Chegou ao segundo andar. A luz brilhava de um quarto de porta aberta. Três homens saíram e seguiram-no escada abaixo. Abrandou até que eles o ultrapassassem. Chegou ao rés-do-chão e saiu do edifício com os três homens, como se fosse um deles. Reparou no porteiro do edifício, sentado num pequeno quarto, à entrada. Cá fora respirou fundo. Alguém o teria reconhecido? As suas roupas estariam manchadas de sangue? Viu um táxi do outro lado da rua. Mas não se atreveu a atravessar. Alguém o podia ver do hotel. Virou as costas ao edifício e atravessou a rua, depois voltou atrás, em direcção ao táxi. O mendigo tinha terminado o dia. Levantava-se e vinha em direcção a ele. Esperou a uns dois metros do táxi.

O mendigo passou por ele. Pela primeira vez, observou-o bem. Que repulsivo. Uma cara magra e amarela, um nariz curvo e vermelho e olhos injectados de sangue. Uma barba suja e esfarrapada e a cabeça coberta por um solidéu preto remendado. O que tinha este homem para cantar? E não obstante cantava, o dia todo. O mendigo passou por ele com o mau cheiro que era de esperar da sua aparência. Apressou-se para o táxi e pediu ao motorista que o levasse para o Nilo, para um lugar onde estavam ancorados uns barcos. Alguém o teria visto sair do edifício? Alguém teria reparado na luva e na barra? Por que seguia o táxi tão

devagar? O motorista irritava-o com uma tagarelice sem sentido.

«Não é verdade?»

«Hã...»

«Quero dizer, em vez desta loucura, digo cá pra mim: a paciência é uma virtude.» Porque não se cala este idiota. O que está ele para ali a dizer, afinal? As margens do Nilo estavam imersas na escuridão. Ninguém veria a luva, a barra, o sangue. Remar a esta hora deve parecer mesmo estranho. Mas não é estranho em comparação com outras coisas.

Agora podes desembaraçar-te da luva e da barra. Lava as tuas mãos com cuidado nas águas lamacentas do Nilo. De repente sentiu-se extremamente exausto. Deixou o barco deslizar com a corrente. Nada em terra valia a pena. Que agradável era deslizar com a maré. Os olhos e a expressão dele, o grito; nunca conseguiria esquecê-los. Os olhos do mendigo, desses brotariam lágrimas ou sangue? Agora nada importava, nem sequer a busca pelo seu suposto pai. Mas para onde vogas tu?

De súbito um som penetrante acordou-o do transe. Uma embarcação do rio, uma daquelas a vapor, passou a umas polegadas dele. O barco balançou-lhe violentamente, apanhado na esteira do outro. Pegou nos remos e remou de volta ao local de atracagem. O céu estava escuro como breu. Não havia uma única estrela à vista. Estremeceu de repente e, pela primeira vez, sentiu o frio de Inverno. Caminhou com vivacidade ao longo da ilha, para se manter quente.

Aconteceu quando ia a atravessar a Ponte Kasr el Nil. Uma carrinha grande estava parada nos semáforos. Um homem ia ao volante. De aspecto digno e claramente abastado. Aquele rosto. Será possível? As luzes mudaram e o automóvel avançou.

Sayed el Reheimy! O grito rasgou o ar frio da noite.



Lançou-se em perseguição do automóvel, correndo que nem um louco. Mas o automóvel ganhou velocidade e perdeu-se de vista. Parou de correr, ofegante. É ele. Reheimy. Ao fim de trinta anos. Nem sequer conseguiu ver a matrícula do automóvel. E para quê, agora? Como podia ele confiar nos seus olhos se nem sequer era capaz de sentir o frio? Os seus sentidos tinham-no abandonado. Reheimy não significava nada para ele, agora. A sua única esperança estava em Karima.

Ela deve estar acordada agora, a pensar. Um laço forte unia-os, e contudo como ele desejava ver Elham e confessar-se. O relógio do largo indicava a meia-noite. Decidiu regressar ao hotel. Que perspectiva odiosa. Estremeceu ao passar pelo edifício contíguo ao hotel. Lembrou-se do mendigo repulsivo e pensou onde iria procurar refúgio.

Sawi, o porteiro, estava sentado na cadeira de Khalil, ainda acordado. Não se atrevia a entrar. Mas sair outra vez podia levantar suspeitas.

«Tem um ar exausto», disse Sawi.

«Está muito frio lá fora», disse ele, prudente.

«Ela ligou outra vez», disse o porteiro, com um sorriso cúmplice.

«Quem?»

«Você sabe melhor que eu.»

Elham! Cobarde! Tal como Reheimy.

«A vossa cidade só dá problemas», disse ele com amargura.

«A vida não é outra coisa senão problemas. Há novidades?»

Apercebeu-se que Sawi estava a interrogá-lo sobre a busca. «Amanhã procuro-o. No cemitério.»

Fez um aceno de cabeça e subiu as escadas, para o quarto. Quarto número 13!

## Décimo primeiro capítulo

Saiu da cama às seis da manhã, sem ter dormido um único instante. Toda a noite numa perseguição de sonhos, sonhos e mais sonhos. Uma discussão entre ele e Karima em frente do velho, que parecia não reparar nele. Mas, se ele tinha sonhado, então devia ter adormecido. Faz muito frio. Mas podes suportá-lo. Afinal, és um criminoso endurecido. Acendeu a luz e assustou-se ao ver a sua luva direita ainda calçada! Ficou-se a olhar para ela, estarecido. Devia ter-se desfeito da barra e da luva esquerda e tinha-se esquecido desta. Regressará à margem do rio, passeara pela ilha, correrá atrás do automóvel, atravessara ruas, acenara ao porteiro, e todo aquele tempo de luva calçada!

Sentiu um calafrio de terror. O que é feito de todos os teus planos cuidadosos? Que vestígios deixaste marcados? Tens de verificar tudo, os lençóis da cama, o cobertor, o chão, os teus sapatos, meias, casaco, camisa, lenço. Sentia um mal-estar físico, de medo e dúvida. Os olhos investigadores não hão-de deixar escapar nada. Tem de se ver livre da luva. Embrulhou-a numa toalha, pegou no sabonete e saiu para a casa de banho; levou a tesoura pequena no bolso do pijama. Cortou a luva em pedacinhos e atirou com eles pela sanita. Depois lavou a cara e saiu da casa de banho, regressando ao quarto, não sem que deparasse com Aly Seriakous no corredor.

«Bom dia, Sr. Saber, esta manhã levantou-se cedo.»

Raios... Que fazes tu aqui... O hóspede do quarto 13 levantou-se mais cedo que o costume, foi a única coisa em que reparei, senhor guarda. Há-de ser exactamente isso o que o patife vai dizer. Raios! Raios! Era um mau sinal. Teria limpo o chão depois de se ter desfeito da luva? Maldição! Dirige-se à casa de banho. Pensou que tinha visto o que pareciam manchas de sangue, junto ao lavatório. Ficou plantado no chão, de olhos colados na porta da casa de banho. O porteiro saiu de lá.

«Posso servi-lo em alguma coisa?»

Não lhe prestou atenção e entrou de imediato na casa de banho, à procura de manchas de sangue.

«Esqueci-me do sabonete», desculpou-se, tentando parecer calmo, ao sair de novo da casa de banho. O homem sorriu.

«Tinha-o na sua mão esquerda».

Que catástrofe! Soltou uma risadinha de nervoso: «São os riscos de acordar cedo. Não consegui dormir, havia uma terrível algazarra lá fora.» Entrou no quarto ainda a rir-se nervosamente. Mas que mau começo. Não era necessário estar a exagerar o perigo. Inspeccionou as roupas com cuidado enquanto se vestia. De olhos no tecto, imaginou Khalil deitado na sua cama. Estremeceu. Assassínios acontecem todos os dias, pensou, tentando acalmar-se. Seria uma loucura partir agora para Alexandria. Será que me esqueci de alguma coisa? Podiam ser encontradas provas nos mais estranhos lugares. Pensou em levar o casaco à lavandaria. Mas como ia ele embrulhá-lo? Isso certamente que atrairia as atenções. Provavelmente, nessa tarde já ele estaria a responder a um interrogatório. Os perigos da situação pesavam bem sobre ele. Tinha de deixar o hotel antes que descobrissem o crime. Isso era mais importante que o casaco. Passou uma última revista ao

quarto. Iria traí-lo? Mohamed al-Sawi rezava as suas orações da manhã quando Saber entrou no salão. Já ali estavam algumas pessoas quando ele se sentou para o pequeno-almoço. O porteiro, Aly Seriakous, veio ter com ele.

«Esqueceu-se disto, Sr. Saber.»

A carteira! Devia ter-lhe caído do casaco quando o revistava. Abriu-a.

«Muito obrigado, Aly», disse, dando-lhe dez pias-tras.

«Encontrei-a no chão junto à sua cama.»

Quantos erros estariam ainda por ser descobertos?, pensou. Esta força cega que te impele há-de em breve deixar-te desprotegido perante o mundo. Hás-de ficar despido, tal como quando nasceste. Tal como a tua mãe te entregou ao mundo. A tua mãe, a verdadeira assassina! Khalil tinha risonado, tal como ela fizera na sua última noite. Reparou que um dos hóspedes sorria para ele, como se lhe estivesse a ler os pensamentos. O salão tornou-se insuportável. Saiu do hotel e foi recebido pelo canto do mendigo. Que repulsivo está ele. Talvez se sinta feliz só por cantar todo o dia, dia após dia, sem parara. Sawi, o porteiro, a subir aos aposentos do telhado. A bater à porta do quarto.

«Sr. Khalil! Acorde! Acorde! Sr. Khalil, são quase oito horas. Sr. Khalil! Sr. Khalil!» Abre a porta e espreita cautelosamente. «Sr. Khalil», chama de mansinho. Depois: «Oh, meu Deus! Sr. Khalil! Meu amo! Meu amo! Socorro! Socorro! Aly! Aly! Socorro! O Sr. Khalil foi assassinado! Guardas! Guardas! Socorro!»

A minha mãe desapareceu, para nunca mais ser encontrada pelo meu pai. O meu pai desapareceu, para nunca mais ser encontrado por mim. Talvez eu possa também desaparecer. Sumir-me sem deixar rasto. Então, um dia, num lugar qualquer, Karima estará nos

meus braços, a promessa de uma vida agradável, feliz e segura, finalmente realizada.

Caminhou, sem ver ninguém, sem ouvir ninguém. Simplesmente caminhou, sentando-se de quando em quando num café, para um breve descanso. Mas para ele não podia haver descanso. Passou pelo edifício do tribunal. Nuvens negras passavam no horizonte. Nuvens reminiscentes de Alexandria.

Tinha de ver Elham. Pelo fim da tarde dirigiu-se ao café, seu lugar de encontro habitual. Hoje parecia-lhe estranho. Hoje tudo era estranho. Sentiu uma súbita vontade louca de confessar tudo. A verdade! De uma vez por todas!

Ela fitou-o com ar de censura. «Por que havia eu de te cumprimentar, se me tens evitado?», disse ela, olhando-o com aqueles olhos muito azuis, fingindo estar zangada. Sentou-se, fixando nele um olhar de incompreensão. «E nem sequer dizes nada», acrescentou.

«Desculpa, Elham. Andei muito ocupado e completamente exausto.»

«Nem sequer um telefonema?»

«Nem isso. Não vamos agora discutir isso. Deixa-me ver-te bem.»

Ficaram em silêncio. Só ali sentados, olhando um para o outro. O canto do mendigo ecoando nos ouvidos dele. Por que insistiria ele em vê-la? Talvez aquele encontro fosse um abrigo temporário da tempestade que estava prestes a rebentar. Ela sorri, mesmo tendo apertado a minha mão suja de sangue! Sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos. As lágrimas de despedida.

«Tens um ar exausto.»

«Vi-o», disse ele baixinho, quase num murmúrio. Ela abriu os olhos. «O teu irmão?»

«Sayed. Sayed el Reheimy.»

«Então terminou a tua missão?», exclamou ela de alegria.

Ele voltou a contar a história, cansado.

«É possível que seja ele», disse ela, esperançosa.

«E também é possível que não seja», retorquiu ele.

«Quando é que isto tudo vai acabar?», perguntou ela, lastimando-se.

«Considero o assunto arrumado.»

«Tens mesmo um ar cansado».

«Encontrei-me com muita gente nos últimos dias.»

«Por causa do teu irmão?»

«Sim.»

Beberam o sumo em silêncio. Um sorriso veio aos lábios dela e perguntou: «Não tiveste tempo para pensar em mim?»

«O tempo todo.»

«O que foi que pensaste?»

Quando vais tu confessar? Quando, quando? Poupa-te a tanta mentira.

«Diz qualquer coisa», disse ela, ainda a provocá-lo. «Da última vez falámos de um emprego novo aqui no Cairo.»

Confessa. Confessa. É só nisso que pensas. De outro modo vais rebentar.

«Sim, sim», apressou-se ele a dizer. «Não me esqueci.»

«Apesar das tuas preocupações?»

«Pensei nos vários aspectos do novo emprego».

Já não podia resistir por muito mais tempo. «Elham. Amo-te. Amo-te de todo o coração. Tenho-te andado a mentir todo este tempo.»

«O que estás tu a dizer?», perguntou ela, confusa.

«O meu amor por ti foi o que me induziu à mentira.»

«Não compreendo». A perplexidade estampava-se-lhe no rosto.

«Disse-te que andava à procura do meu irmão. Bem, a verdade é que ando à procura do meu pai.»

«Do teu pai.»

«Sim, sim. Do meu pai.»

«Como foi que ele desapareceu? Talvez tenha sido como o meu pai?»

«Não. Sempre acreditei que ele tinha morrido. Mas a minha mãe, antes de morrer, disse-me que ele estava vivo e que eu tinha de o encontrar.»

«Bem, isso não muda nada», disse ela, fitando-o nos olhos.

«Mas estou sem dinheiro», exclamou ele. «Não tenho nada. A minha mãe era rica e eu sempre tive uma vida abastada. Mas quando ela morreu tudo o que me deixou foi a certidão de casamento e a fotografia como provas. Fora isso, não valho nada.»

Inquietação e perplexidade espelharam-se nos olhos dela. E se ele lhe dissesse a verdade sobre a mãe dele?

«Pareces preocupada», disse logo.

«Não, não. Só estou surpreendida», balbuciou ela.

«Não te mereço, Elham. Nunca me hei-de perdoar a mim mesmo por te ter enganado.»

«Compreendo tudo. Compreendo porque mentiste.»

«O que não posso suportar é ter-te feito apaixonares-te por uma pessoa que não te merece.»

«O teu amor por mim é mentira?»

«Nunca. Nunca. Amo-te de todo o coração.»

Ela suspirou. «Foi o teu amor por mim que te forçou a dizeres-me a verdade, não foi?»

«Sim, foi. Isso é verdade.»

«Então não fizeste nada de mal em esconder a verdade.»

«Mas tenho que te deixar.»

«Porquê?», exclamou ela, angustiada.

«Não tenho um tostão; não tenho ninguém; não sei fazer nada.»

«O dinheiro não é tudo. Quanto a não teres família, para que precisamos nós de uma família? E além do mais há muitas coisas que podes tentar fazer.»

«Duvido. Não tenho estudos, não tenho experiência, nunca tive um emprego. Como vês, não me resta uma esperança, a não ser que encontre o meu pai.»

«E o teu pai vai ser o substituto de tudo isso?»

«A minha mãe disse-me que ele era um homem de posses consideráveis.»

Ela fez uma pausa breve, e então: «Mas o anúncio... nome... a lista telefónica... quero dizer...»

«Sim, tens razão. Já não acredito que ele seja um homem de posição, nem sequer que se encontre no Cairo. Mas podia estar em qualquer uma das outras cidades. Não necessariamente no Cairo».

«Dizes que o viste ontem?»

«Pensei que sim. Mas já perdi a fé em tudo.»

«Quanto tempo vais ainda esperar?»

«Essa é uma boa pergunta. Já não tenho dinheiro para andar em buscas, nem para esperar.»

«E então?»

«Não sei. Todas as avenidas parecem dar num beco sem saída. Tenho de voltar para casa e procurar emprego, senão... senão mato-me.»

«E dizes tu que me amas», soluçou ela, mordendo os lábios.

«Sim, Elham. Amo-te. Com todas as fibras do meu ser.»

«E falas em partir e suicidares-te?»

«Agora está tudo perdido. Sinto-me como se estivesse a ser estrangulado lentamente até à morte.»

«Mas amas-me. E eu também te amo.»

Dor e desespero cobriam o rosto dele. «Mas, Elham, eu estou muito abaixo de ti.»

«Tens de ter paciência, Saber», suplicou ela. «Eu estarei a teu lado.»



«Oh, para quê? Eu estava a sonhar quando pensei que havia de encontrar o meu pai. Foi por isso que permiti que entrasses na minha vida. Foi por isso que me apaixonei por ti.»

«Um trabalho. É isso que há-de resolver o nosso problema.»

«Mas já te disse, não há nada que eu saiba fazer.»

«Dá-me uma *chance* para pensar. Vais ver que tudo acabará da forma como desejamos.»

E o assassínio! Como podem as coisas modificar-se para melhor? Agora está tudo acabado. Como é possível que a confissão não tenha trazido o holocausto?

«As coisas não vão acabar como queremos, Elham», disse ele devagar.

«Dá-me só uns dias», disse ela, resoluta. «Não tomes decisão nenhuma. Eu sei o que queremos.»

Conta-lhe sobre a tua mãe. Diz-lhe o que fizeste ontem. Confessa que te casaste com outra mulher, um casamento que ficou selado e consumado em sangue. Diz-lhe que queres gritar e gritar e gritar.

## Décimo segundo capítulo

Aí vêm eles. A polícia e a calamidade. Tal como imaginaste o dia todo. O crime foi descoberto e só resta descobrir o criminoso.

Não resta outra alternativa senão continuar em frente. Controlares-te. Esquece o olhar, a última expressão no rosto de Khalil. Esquece também o último grito emitido pelo homem ao morrer, um homem assassinado. O regresso ao hotel fora uma experiência aterradora. Tal como uma confissão. Os teus planos cuidadosos, inúteis. Devias ter abandonado o hotel muito antes do crime. Já chega de nervoso. O mendigo ainda canta, apesar de tudo. Abriu caminho através de uma multidão de espectadores. Um polícia deteve-o.

«O que foi que aconteceu? Sou hóspede aqui.» Viu Sawi, o porteiro, de cara sulcada de lágrimas, pálido. «O que aconteceu, Sawi?»

Sawi desatou a chorar. «O Sr. Khalil foi assassinado!»

«Assassinado!»

«Encontraram-no morto na cama. Que as maldições de Deus caiam sobre o assassino.»

A entrada estava apinhada de polícias e detectives. Na cadeira de Khalil estava sentado o oficial de polícia e, à direita, na cadeira de Karima, estava outro homem. O oficial examinava uns papéis. Um dos hóspedes

des estava sentado diante do oficial. O oficial lembrava-lhe muito o seu pai. De repente o pensamento fê-lo vacilar, mas depois reparou que o oficial era um homem muito mais novo. Que tolice, pensou; é como se toda a gente se parecesse com o meu pai. Deveria esperar ou ir direito ao quarto? Estava prestes a subir quando o homem sentado na cadeira de Karima disse: «Por favor, espere no salão.»

Entrou no salão e sentou-se com um grupo de hóspedes. «O que aconteceu?», perguntou.

«O Sr. Khalil foi encontrado morto.»

«Como?»

«Quem sabe? A polícia pediu que todos nós ficássemos aqui para o inquérito. Andaram a investigar por todo o lado.»

Ouviu uns soluços abafados. Do lado oposto do salão estava Karima, sentada entre uma velhinha e um homem de idade. Como é que não tinha reparado nela ao entrar? Que devia ele fazer? Depois de uma breve hesitação, dirigiu-se a ela. «Os meus mais profundos sentimentos, minha senhora. Tem de ser forte.»

Ela não ergueu os olhos e continuou a soluçar. Ele voltou para o seu canto, abanando a cabeça como se estivesse abalado com o crime. Seria um erro, o que ele acabava de fazer? Seria esta velha senhora a mãe da namoradinha de Alexandria? O que pensará a polícia? Investigaram sobre o hóspede do quarto 13? Já seria ele um assunto de inquérito? Eles percebem de criminosos como ele percebe de mulheres da vida? Detestava-os a todos. Detestava-os a ponto de conseguir matar!

«E agora?», perguntou ao grupo.

«Só cá está há uns minutos. Nós estamos aqui desde manhãzinha.»

«Eles já interrogaram os outros hóspedes?»

«Sim, e deixaram-nos ir. A nossa vez ainda não

chegou. Também interrogaram a mulher, a mãe dela e o tio.»

«Mas creio que ela não estava cá.»

Fora uma precipitação! O hóspede continuou: «Isso não significa nada. Este lugar está cheio de surpresas. Encontraram uma grande quantidade de haxixe no quarto 6 e prenderam o homem que lá estava hospedado. Além disso, no quarto 3 descobriram um ladrão profissional.»

«Ah! Talvez.»

«Sim, é bem possível. Tudo depende do motivo.»

«Sem dúvida que foi roubo.»

Outra precipitação. É melhor acautelares-te. Teriam eles descoberto alguma pista? pensou. Queria estar junto de Karima, nem que fosse por uns instantes. Não olhes na direcção dela. Ela deve ter alguma informação importante para ele. Não é como imaginas. Raios partam o mendigo e o seu canto incessante. Visito a minha mãe nesta altura, todos os meses.

Desapareceram dinheiro e jóias. Aly Seriakous fechou as janelas na minha frente. Eu próprio tranquei a porta. Não, não creio que ele tenha inimigos.

Por que será que este homem lhe faz lembrar o pai? Um hóspede interrompeu-lhe os pensamentos. «Estamos inocentes e no entanto estamos nervosos e tensos. O que sentirá o culpado?»

Disse outro: «O que é pior é que uma frase em falso ou expressão errada podem desencadear sarilhos intermináveis.»

«Mas jamais se enforcou um inocente.»

«Oh!»

Mas o culpado pode escapar. A tua mãe, e o homem que fugiu para a Líbia. Foste um louco em voltar para o hotel. Devia haver outra saída. A tua necessidade de encontrares o teu pai torna-se mais urgente à medida que cresce o perigo.

Os hóspedes foram chamados um por um. Chegou a vez dele. Sentou-se diante do investigador, detestando-o intensamente. Tem de o derrotar a todo o custo. O homem olhou para o bilhete de identidade de Saber.

«Está aqui há mais de um mês, como demonstra o registo do hotel.»

Não, não se parece com o pai dele. «Levantei-me como de costume, vesti-me e desci para tomar o pequeno-almoço.»

«Não foi exactamente como de costume. Acordou cedo.»

«Não acordo a uma hora fixa.»

«O porteiro disse que nessa manhã em particular o senhor levantou-se mais cedo que o costume.»

«Provavelmente ele não me viu noutras ocasiões.»

«OuvIU alguma coisa fora do vulgar durante a noite?»

«Não. Adormeço profundamente assim que vou para o quarto.»

«Não reparou em nada fora do vulgar quando acordou?»

«Não.»

«Quando é que viu o porteiro, Aly Seriakous?»

«Quando ia a sair da casa de banho.»

«Ele não lhe pareceu diferente em nada?»

«Não. Tinha o mesmo ar de todos os dias.»

«E você? Diga-me, há alguma coisa a seu respeito que não me tenha dito?»

«Não.»

«Não se esqueceu da sua carteira?»

«Sim, sim. Esqueci. Aly Seriakous trouxe-ma ao salão.»

«Qual foi a impressão que teve nessa altura? Quero dizer, depois de se ter encontrado a carteira.»

«Naturalmente que fiquei contente.»

«E que mais?»

«Foi tudo.»

«Não ficou surpreendido com a honestidade dele?»

«Talvez. Não me lembro. Provavelmente não me ocorreu.»

«Mas era natural que lhe ocorresse.»

«Talvez tenha ficado ligeiramente surpreendido.»

«Ligeiramente?»

«Quer dizer, não fiquei espantado, nem nada do género.»

«Até que ponto é que o julga honesto?»

«Nunca reparei em nada nele que pudesse indicar desonestidade.»

«Onde foi desde a altura em que saiu até ao seu regresso?»

«Vagueei por aí.»

«Não tem emprego, claro. Isso está claramente indicado no seu bilhete de identidade. Mas também não tem amigos?»

«Não tenho ninguém aqui no Cairo.»

«Quanto a ontem. Quando é que saiu do hotel?»

«Por volta das dez da manhã.»

«Quando é que regressou?»

«À meia-noite.»

«Não regressou a nenhuma altura do dia?»

«Não.»

«Costuma fazer isso?»

Como foi que modificaste os hábitos ontem? Porquê?

«Talvez uma ou duas vezes.»

«Ninguém aqui se lembra disso.»

«Mas lembro-me eu!», disse ele, indignado.

«Uma ou duas vezes, diz você?»

«Provavelmente duas.»

«E como é que passa o dia, então?»

«A passear por aí. Sou de fora, e todo o lado por onde passo por aqui constitui novidade.»

«O que foi que encontrou quando regressou?»  
«Vi o recepcionista, Mohamed Sawi, e o porteiro, Seriakous, diante da porta do meu quarto.»  
«O que estava ele a fazer?»  
«Perguntou-me se eu precisava de alguma coisa.»  
«Encontrou algum dos outros hóspedes?»  
«Não.»  
«O que fez ontem das dez da manhã até à meia-noite?»  
«Andei a passear até à hora do almoço.»  
«Onde é que almoçou?»  
«Comi uma sanduíche na tasca da Rua Clot Bey.»  
«Isso é estranho para uma pessoa com as suas posses.»

O seu ódio ao oficial crescia intensamente. «Deparei com essa tasca quando cá cheguei pela primeira vez. Pode dizer-se que lhe ganhei apego.»

«O que fez a seguir?»  
«Dei um passeio à beira do Nilo.»  
«Com este tempo?»  
«Sou de Alexandria, lembra-se?», disse ele com uma gargalhada, tentando disfarçar o medo e a irritação.

«E depois?»  
O café? Não. Não devia meter Elham nisto tudo. Em Alexandria vi o filme que está a passar no cinema Metro. «Fui ao cinema Metro», disse rapidamente.

«Quando?»  
«Às seis horas.»  
«Que filme estava a passar?»  
«*Além das Nuvens.*»  
«E depois das nove, o que fez?»  
«Andei a pé por aí, como de costume. Também apanhei o autocarro de Heliopolis e fui até ao fim da linha. Só para matar o tempo.» Matar! Que escolha de palavras.

«Onde é que jantou?»

Cuidado! «No cinema. Comi uma sanduíche com um cacau.»

«Não se encontrou com ninguém?»

«Não.»

«Não conhece ninguém aqui?»

«Ninguém.» Fez uma pausa, depois acrescentou: «Contactei com o director de publicidade do jornal *Esfinge*. Por puros negócios, sabe.» Seria um erro? Poderia implicar Elham?

«Por que motivo veio de Alexandria para o Cairo?»

«Em visita. Pode chamar-lhe visita turística.»

«Mas este hotel não é apropriado para um turista com as suas posses.»

«É muito económico.»

«Possui realmente meios privados?»

«Sim, claro.»

«O turismo é o verdadeiro propósito da sua visita?»

O círculo está a fechar-se. Agora as mentiras não te levam a lado nenhum. Nunca imaginaste estas perguntas quando planeavas tudo. «Tenho um outro propósito, para além do turismo.»

«Diga-me.»

«É um assunto de família.»

«Diga-me qualquer coisa sobre os bens de que é proprietário.»

«É apenas dinheiro.»

«Não tem terras nem casas?»

«Só dinheiro, em notas.»

«E a sua morada em Alexandria. É a que vem indicada no bilhete de identidade?»

Perguntas. Inquéritos. A casa dele, os cabarés. Basima Omran. Hás-de herdar a suspeita, não podes escapar.

«Sim, é onde vivo.»

«Qual é o seu banco?»



«Banco?»

«Sim. Onde é que tem o dinheiro depositado?»

«Não uso bancos.»

«Onde é que guarda o dinheiro?»

«No... no meu bolso.»

«No seu bolso? Não tem medo de o perder?»

«Resta muito pouco», disse ele baixinho, com amargura.

«Mas o seu bilhete de identidade indica que você é rico.»

«Fui.»

«O que tenciona fazer?»

Não hesites. Vou desafiá-lo com a verdade, ou apesar dela.

«Andava à procura do meu pai. É esse o meu futuro.»

«Anda à procura do seu pai?»

«Sim. Ele deixou-nos quando eu era ainda uma criança de colo. Já lhe disse que tinha problemas de família; não têm qualquer importância, não vale a pena mencioná-los. Agora que gastei o meu dinheiro, não tenho outro recurso senão encontrá-lo.»

«Faz alguma ideia de onde ele possa estar?»

«Não. O anúncio no jornal é a minha única esperança.»

«Talvez seja essa a verdadeira razão por que está aqui no Cairo.»

«Talvez.»

«Quanto tempo vai ainda durar o seu dinheiro?»

«Um mês no máximo.»

«Posso ver?»

Com um ódio crescente mas refreado, Saber entregou-lhe a carteira. O oficial revistou-a e a seguir devolveu-lha. «O que vai fazer quando o dinheiro se esgotar?»

«Estava a planear encontrar um emprego.»

«Quais são as suas habilitações?»

«Nenhumas.»

«Que espécie de emprego?»

«Qualquer espécie de negócio comercial.»

«Acha que vai ser fácil?»

«Tenho amigos em Alexandria; eles hão-de ajudar-me.»

«Deve dinheiro ao hotel?»

«Não. Paguei esta semana adiantada.»

«Não. Paguei esta semana adiantada.»

«Como é que descobriu este hotel?»

«Por mero acaso. Andava à procura de um sítio barato onde pudesse ficar.»

«Conhecia alguém deste hotel antes de vir para cá?»

«Não.»

«Mas desde então. Conhece muita gente aqui, sem dúvida.»

«Mohamed al-Sawi, Aly Seriakous.»

«O Sr. Khalil, quero dizer. O defunto, Khalil abul Naga?»

«Naturalmente.»

«O que pensava dele?»

«Um homem muito idoso, muito bondoso.»

«E no entanto alguém julgou bem matá-lo.»

«É muito triste.»

«Sabe onde ele vivia?»

«Nuns aposentos nas águas-furtadas, creio.»

«Não tem a certeza?»

«Não.»

«Como é que sabe?»

«Disse-me Aly Seriakous.»

«Ou perguntou-lhe?»

«Talvez.»

«Gostava de saber porquê.»

«Não me lembro bem. Costumava dar dois dedos de conversa com o porteiro sempre que o via.»

«Fez-lhe mais algumas perguntas?»

O coração batia-lhe violentamente. «Talvez. Não consigo recordar-me de nenhuma pergunta em particular. Foram conversas superficiais, sabe.»

Sentia o cerco a fechar-se. O oficial perguntou: «Quanto tempo vai ficar no Cairo?»

«Até encontrar o meu pai, um emprego, ou até se me esgotar o resto do dinheiro.»

O oficial acendeu um cigarro e largou uma grande baforada, depois perguntou: «Tem alguma coisa a acrescentar?»

«Não.»

«Podemos precisar de si mais tarde; por favor não saia sem nos informar.»

«Sim, claro.»

Que plano mais idiota e incompleto tinha sido. Fugir agora seria loucura. Vais ser vigiado a cada minuto do dia. É melhor que reflectas bem sobre cada pergunta e que tentes descobrir a posição em que te encontras.

## Décimo terceiro capítulo

A tua posição é precária, obscura, tal como a morte. O mais provável é que já estejam a inquirir sobre ti, a observar de perto cada um dos teus gestos. Não te hás-de aperceber. Tal como Khalil antes do golpe fatal. Mede cada um dos teus gestos. Não podes arriscar-te a um passo em falso. O hotel está agora mais sossegado. O cheiro da morte repeliu muitos hóspedes. Mas outros virão. O salão é frio, frio como o túmulo. Nada de novo no jornal de hoje. Conversa sobre algodão, a cotação da moeda e a guerra. O vento rugindo lá fora como fazendo coro ao cântico perpétuo do mendigo.

Ouviu passos, ergueu os olhos e viu Sawi a cumprimentar Karima. Sentiu o estômago dar voltas de emoção. Karima sentou-se com a velha mãe e Sawi. Viria tomar a posse do hotel? Encontrar-se iam os seus olhos? Sentiu-se melhor de a ver. Quando nos vamos encontrar? De algum modo ela há-de contactar contigo. Está ainda mais bela e sensual com o seu vestido de luto.

Necessitas desesperadamente das apaixonadas condolências dela, que te apoie na tua situação. Ela estava a falar discretamente com Sawi. Ouviu-o dizer: «Não sei quando nos vão permitir entrar nos aposentos.»

Onde dorme ela? Seria uma loucura segui-la. Como

te podes ter esquecido de lhe pedir a morada da mãe? Ela tem de te contactar por telefone. Deve lembrar-se de como necessitas desesperadamente de dinheiro.

«O telefone, Sr. Saber.»

Maldito telefone. O que será agora? Terá Reheimy aperfeiçoado a arte de trocar de mim? Dirigiu-se ao telefone e, ao passar por ela, estendeu a mão: «Repito, minha senhora, as minhas mais sinceras condolências.»

Ela deu-lhe um aperto de mão sem erguer os olhos. Ele não tirou os olhos dela enquanto falou ao telefone.

«É Elham, Saber.»

Por que não é Reheimy? Por que vim eu para o Cairo? Porquê justamente para este hotel?

«Como estás, Elham?»

«Estás bem?», falou ela numa voz ansiosa.

«Sim, obrigado.»

«Por que não vieste ontem?»

«Desculpa, estava muito cansado.»

«Bem, não te vou censurar agora. Vens hoje?»

«Não, hoje não. Assim que me livrar da constipação.»

«Bem, não te incomodo. Sabes onde encontrar-me.» Ela parecia magoada.

«Adeus.»

«Adeus.» Não pousou o auscultador e fingiu continuar com a conversa, com os olhos postos em Karima.

«Tens de contactar comigo de qualquer modo. Talvez por telefone.»

Ela desviou os olhos; deve ter entendido a mensagem.

«Quero saber várias coisas», prosseguiu ele. «Tenho a certeza que estás ciente da minha situação; temos de falar e não te esqueças que estou a ficar sem dinheiro.»

Ela lançou-lhe um olhar de aviso. «Estou perfeitamente ciente dos teus problemas», acrescentou ele

calmamente, «mas tenho a certeza que hás-de encontrar uma solução.» Voltou para o seu lugar no salão, sentindo-se um pouco aliviado, se bem que ainda muito apreensivo. Karima levantou-se, seguida pela mãe. Sentiu que a via pela última vez. O crime não fazia sentido sem ela.

Aguardou, na esperança do telefonema. Não houve telefonema. Um silêncio terrível ficara na esteira dela. O salão estava vazio à excepção da sua presença. Reparou que Sawi estava a observá-lo, por isso fez-lhe um aceno de cabeça, sorrindo. O homem perguntou: «Por que está aí sozinho?»

«É a minha constipação. Tomei umas aspirinas. Se me sentir melhor saio.» Dirigiu-se para a cadeira que tinha sido ocupada por Karima e sentou-se. «O telefone provocou-me um grande desespero.»

«Bem, tenho a certeza que deve haver uma razão para ele não telefonar.»

Saber olhou para Sawi e disse com uma certa piedade: «Você tem atravessado horas difíceis.»

O rosto do velho contorceu-se de dor e desgosto. «Oxalá nunca tenha de passar por aquilo que estou a passar agora.»

«Deve ter sido um espectáculo terrível. Nunca vi um morto. Até com a minha mãe fechei os olhos.»

«Sim, mas um assassinio é outra coisa.»

«Sim, é verdade. Assassinio, sangue, selvejaria.»

«Uma selvejaria inacreditável. Nenhum castigo é suficiente.»

«Já me perguntei muitas vezes que razões podiam conduzir ao assassinio.»

«Sim, também pergunto.»

«E o assassino. Que espécie de pessoa poderá ser?»

«Vi um assassino uma vez, um moço de recados. Sempre o tinha achado bastante prestativo e gentil.»

«É inacreditável.»

«Bem, o que podemos fazer?»

«É bem verdade. O que fazer. Em breve vamos saber que ele foi preso.»

«Quem?»

«O assassino.»

«O assassino! Mas não ouvimos falar nada disso.»  
O velho fez um aceno afirmativo.

«Quem é?», perguntou Saber, quase num sussurro.

«Aly Seriakous.»

«Aquele... aquele idiota.»

«Tal como o moço de recados.»

«Foi por isso que não o vi por aí ontem à noite, nem hoje?»

«Que o meu Deus tenha piedade de nós todos.»

«A mulher já foi informada?»

«Naturalmente.»

«O homem é verdadeiramente um enigma.»

«Encontraram o dinheiro nele.»

«Podia ser dinheiro dele.»

«Ele confessou o roubo.»

«E o assassínio?»

«Não sei.»

«Mas acaba de dizer que eles prenderam o assassino.»

«Isso é o que diz Karima.»

«Quer dizer que o roubo foi o motivo?»

«Penso que sim.»

«Ele podia ter roubado sem matar.»

«Provavelmente o Sr. Khalil acordou e viu-o, portanto, ele teve de o matar.»

«Ele era amável quase até ao ponto de ser idiota.»

«Como você mesmo disse, o homem é enigmático.»

«É mais que isso», disse Saber em tom avisado.

«Sabe que este pobre mendigo, aquele que ouvimos cantar todos os dias, como sabe, foi em tempos o durão cá do sítio?»

«Aquele velhinho decrépito?»

«Perdeu tudo, dinheiro, riqueza, a vista. Não teve outro recurso senão mendigar.»

«Mas Aly Seriakous mostrou-me uma grande honestidade quando me devolveu a carteira que eu tinha perdido.»

«Ele é mais esperto do que pensamos.»

Estas coisas acontecerão tão facilmente? Ou será só a nossa imaginação alimentando-se do vazio? Nada, absolutamente nada.

«Não era mais fácil para ele fugir?», perguntou o velho.

«A fuga seria o mesmo que confessar.»

«Como pode ele ter escondido os artigos roubados no seu quarto?»

«Talvez os tenham encontrado em casa dele.»

«Levá-los para lá era uma loucura.»

O velho suspirou. «Tal é a vontade do Altíssimo.»

«Quando o vi na manhã do crime, quero dizer, antes do crime ser descoberto, ele parecia calmo e amável como de costume.» O coração de Saber batia.

«Algumas pessoas matam e vão ao funeral da vítima!» Tem cuidado. Não deixes os teus receios ocultos virem à superfície. O telefone podia clarificar a questão.

O velho continuava, sempre numa voz triste e cansada: «Fui o primeiro a ser interrogado pela polícia.»

«Você.»

«Sim, claro. Fui o último a vê-lo vivo na noite passada e o primeiro a entrar nos aposentos dele esta manhã.»

«Mas quem iria imaginar...»

«Fui bombardeado de perguntas. Eu próprio tinha fechado a porta. As janelas estavam fechadas, mas encontrei uma janela entreaberta.»



Talvez ele se tivesse esquecido de a fechar.

«Não. Ela insistiu que todas as janelas estavam fechadas.»

«Seriakous teria forçado a janela?»

«Não, é impossível. O barulho teria acordado toda a gente, certamente que acordava o Sr. Khalil.»

«Talvez ele tenha batido à porta e o Sr. Khalil abriu-a.»

«Mas para quê abrir a janela? E além disso ficou estabelecido que ele foi morto durante o sono.»

Saber ficou de olhos fixos, em silêncio. Depois disse com uma certa esperança: «Talvez ele se tenha escondido no quarto.»

«Não. Sabei dos aposentos antes de mim. Eu mesmo tranquei a porta.»

«Bem, talvez...» A frase morreu-lhe abruptamente. Ficou sufocado por um pânico súbito. Ia dizer que talvez Seriakous tivesse fingido que fechara as janelas. Foi por pouco! Deixou-o transido de medo.

«Talvez o quê?», perguntou o homem.

«Talvez ele tenha usado outra chave para abrir a porta.»

«É possível. Mas para quê abrir a janela?»

«É bem provável que as tivessem deixado abertas. Esquecidas.»

«Só Deus sabe.»

«Deve ter sido difícil para si», disse Saber, atencioso.

«Não compreendo como me deixaram vir embora. Mas eles sabem o que fazem.»

«Já não se fala mais do assassinio nos jornais. Todas as notícias pararam de repente.»

O velho estava prestes a chorar. «Que Deus dê descanso à sua alma, Sr. Khalil. Conheci-o durante sessenta anos.»

«Que idade tinha ele?»

«Para cima de oitenta.»

«Quando é que casou?»

«Há dez anos.»

«É um casamento estranho, não acha?»

«Casou-se quando era novo. Teve um filho; depois, tragicamente, perdeu a família. Ficou solteiro durante muito tempo até que ela apareceu. Amava-a como um pai ama uma filha, acima de tudo.»

«Parece razoável, pensando bem.»

«Era um bom homem, prestável e generoso. Ajudou-me a criar e a educar os meus filhos.»

«Como é que ele casou?»

«Costumava fazer viagens frequentes a Alexandria.»

«Alexandria! Ela é de Alexandria?»

«Não. Ele costumava ficar com um amigo dele que vive em Tanta. Ela era casada nessa altura.»

«Casada?»

«Sim, com um primo dela, um falhado. Ele conheceu-a em casa do amigo.»

Estou a falar demasiado. «Como é que eles se casaram?» A curiosidade de Saber fê-lo persistir com as perguntas.

«Ela conseguiu o divórcio e eles casaram-se.»

«Ela casou com um homem de mais de setenta anos?»

«Por que não? Ele dava-lhe honra e segurança.»

«E paz de espírito», interrompeu Saber numa voz martelada. Lembrou-se das últimas palavras da mãe. «Mas um falhado, como descreve o marido dela, não se iria divorciar de uma mulher tão bela. Por que se divorciou ele?»

«Tudo tem o seu preço.» O velho lamentou de imediato este comentário.

Saber reparou e disse logo: «Seja como for, essas coisas pertencem ao passado.»

«Já disse mais do que devia. Desde que o vi deitado sobre o seu próprio sangue que estou fora de mim. Que Deus me perdoe.»

Uma prostituta de um chulo. Uma escrava comprada. Uma criminosa de cabeça fria, um recipiente de prazeres inacreditáveis, a tua tortura até ao fim. Intuição infundada, nada mais, foi o que te trouxe a este maldito hotel e te lançou no crime, assassínio, sangue. Tal como a intuição que te fez correr atrás do automóvel que nem um louco.

## Décimo quarto capítulo

Café e mais café para mitigar os rigores de uma noite sem sono. Observava o telefone através de uma nuvem de fumo de cigarro. Quando irá Karima telefonar? Um aguaceiro forte durou alguns minutos, deixando as ruas ensopadas e lamacentas. Karima, silenciosa como os mortos, sem se aperceber da agonia dele. Muita bebida, noites de insónia — pesadelos. Tudo isto deixará marcas em ti, fáceis de notar por olhos vigilantes. Quanto a Karima, ela não se importa. Um dos hóspedes aproximou-se da mesa dele e perguntou-lhe se podia partilhá-la. O salão estava muito cheio. Este devia ser o último dos hóspedes que lá tinham estado quando o crime acontecera. Era evidente que vinha com o interesse de novos mexericos. As dúvidas cedo lhe foram confirmadas.

«Prenderam o assassino», disse o homem.

«Sim, eu sei», disse Saber, ocultando o medo e a irritação com um sorriso.

«Aly Seriakous?»

«Sim.»

«O motivo foi o roubo, creio eu», disse o homem, instalando-se confortavelmente na cadeira. «Eu estava enganado.»

«O que foi que pensou?»

«Bem, para ser franco, sempre suspeito das mulheres.»

Saber fixou os olhos nele de repente; o homem prosseguiu: «Uma mulher nova e bela, que está em posição de herdar uma fortuna razoável.»

«Pensei no mesmo», disse Saber, sentindo os nervos quase a vibrarem de medo. O investigador sentiria o mesmo? Mas Karima permanece silenciosa, como a morte. O telefone não toca. A chuva, o frio e a lama não silenciaram o canto do mendigo. Mohamed al-Sawi chamou-o, apontando para o telefone. Ergueu-se e avançou a passos de tortura.

«Está?»

«Saber?» Nunca tinha ele pensado que ainda ouviria a voz dela num tal estado de desespero. «Elham. Como estás?»

«Incomodo-te?»

«Não. Não. Verás por ti mesma que tenho estado doente. Hoje espero por ti.»

Tem que abandonar esta vida, por mais penoso que seja. Tem que sair da lama em que se afundou. Encontraram-se. Lá estava ela, ignorante de tudo, com um sorriso de censura. Como podia ele amar tão profunda e sinceramente?

«Não te sentes culpado?», perguntou ela, sorrindo. Ele não era capaz de responder. Ela tirou as luvas e sentou-se.

«Aquele frio deve ter-te mesmo afectado.»

«Foi uma terrível epidemia de gripes.»

«E ninguém tomou conta de ti?»

«Absolutamente ninguém.»

«Foste a um médico?»

«Não. Só deixei que seguisse o seu curso.»

«Bom, debes beber muito sumo. Faz-te bem.»

Comeram em silêncio, sem que os olhos dela o largassem.

«Pensei muitas vezes em ir visitar-te.»

«Graças a Deus que não foste», quase cortou ele.

Ela encolheu os ombros, mas não prosseguiu com o assunto. Depois, cheia de entusiasmo, disse: «Não perdi um minuto.»

Oh! A dor que me causas, Elham! Por que é que não te vais embora? «És um anjo», disse ele serenamente.

«Não acreditas em mim?», chilreou ela, os olhos dançando-lhe de alegria. «Bem, estás só a começar; NÓS estamos a começar uma nova vida. O que dizes tu a isso?»

Ele tentava desesperadamente superar a tristeza. «Digo que és um anjo e eu, eu sou uma fera mutilada.»

«O capital de que precisas», continuou ela, impassível, «está agora disponível.»

«Capital?»

«Sim. Tudo o que reservei para o futuro. E também algumas jóias que nunca uso. Não é uma fortuna, mas é bem suficiente. Perguntei a pessoas entendidas e, acredita-me, vamos começar em terra firme.»

Tais milagres serão possíveis? Nos teus sonhos mais loucos nunca pensaste que isto podia acontecer. Dinheiro sem crime e amor para coroar tudo. Ressuscita o velho e acorda do teu pesadelo! Soltou um suspiro de amargura. «Elham, quanto mais fazes por mim, tanto mais me convenço que não te mereço.»

«Pára de tentar ser um poeta. Não há tempo.»

A felicidade dela arde como uma chama viva. Extingui-la seria o teu segundo crime. Mas ela está a tentar alcançar algo que não existe. Nunca sonhaste que houvesse uma solução tão simples para os teus problemas. Bem, aqui tens amor, liberdade, honra, paz de espírito. E em que posição te encontras tu? Tanto e tão tarde.

«Por que estás tão pensativo? Esperava que pulasses de alegria.»

Chegou a hora! «Disse-te muitas vezes que não te merecia; por que não acreditaste em mim?»

«Esperava que pulasses de alegria.»  
«É tarde de mais», quase gemeu ele.  
«Oh, meu Deus, não me amas.»  
«Elham. As coisas são muito mais complicadas.  
«Apaixonei-me por ti à primeira vista. Mas quem sou eu?»  
«Não me fales do teu pai, da tua pobreza ou do que não mereces.»  
Oh, o diabo se eu não digo tudo. Não há outra saída senão contar a verdade.  
«Ainda estás com gripe. Estás sentado ao meu lado, mas onde está Saber? O Saber que eu conheci quando nos encontramos pela primeira vez?»  
«Nunca mais voltas a fazer essa pergunta.»  
«Se estás doente...»  
«Não. Não é doença.»  
«Então o que é? O que se passa? Por que disseste que é tarde de mais?» Ela estava à beira das lágrimas.  
«Eu disse isso?»  
«Há apenas uns instantes.»  
«Só quero dizer uma coisa. Não te mereço.»  
«Não sejas idiota. Eu amo-te», disse ela, indignada.  
«É esse o meu crime. Infelizmente só pensámos em amor.»  
«E por que razão é isso um crime?»  
«Porque eu devia ter-te dito a verdade sobre mim.»  
«Mas disseste. E eu aceitei.»  
«Falei do meu pai, mas...» Depois continuou amargamente: «Mas agora é sobre a minha mãe.»  
Ela fitou-o com uma expressão de desafio. «Amo-te a ti. O teu passado não tem nada a ver com isso.»  
«Tens de ouvir.»  
«Por amor de Deus, deixa-a descansar em paz.»  
«Toda a Alexandria sabe o que te vou dizer.»  
Então, numa veemência misturada com amargura e desgosto, ele desabafou: «Ela terminou os dias na prisão!»

Ela ficou atónita, incrédula, como se estivesse a olhar para um louco.

«Compreendes agora?» Engolindo em seco, continuou: «O governo confiscou-lhe todas as propriedades e é essa a razão da minha pobreza. Ela deixou-me com uma esperança que me destruiu.» O choque foi brutal. Mas ela há-de recuperar. «Não tenho o direito de amar alguém como tu. Só as mulheres dissolutas que conheci toda a minha vida. Mas que podia eu fazer? Fiquei desesperado com o meu amor por ti.»

Ela calou-se. Muda de espanto. Ainda bem. Sem perguntas. De outro modo, terias de voltar a contar a história toda.

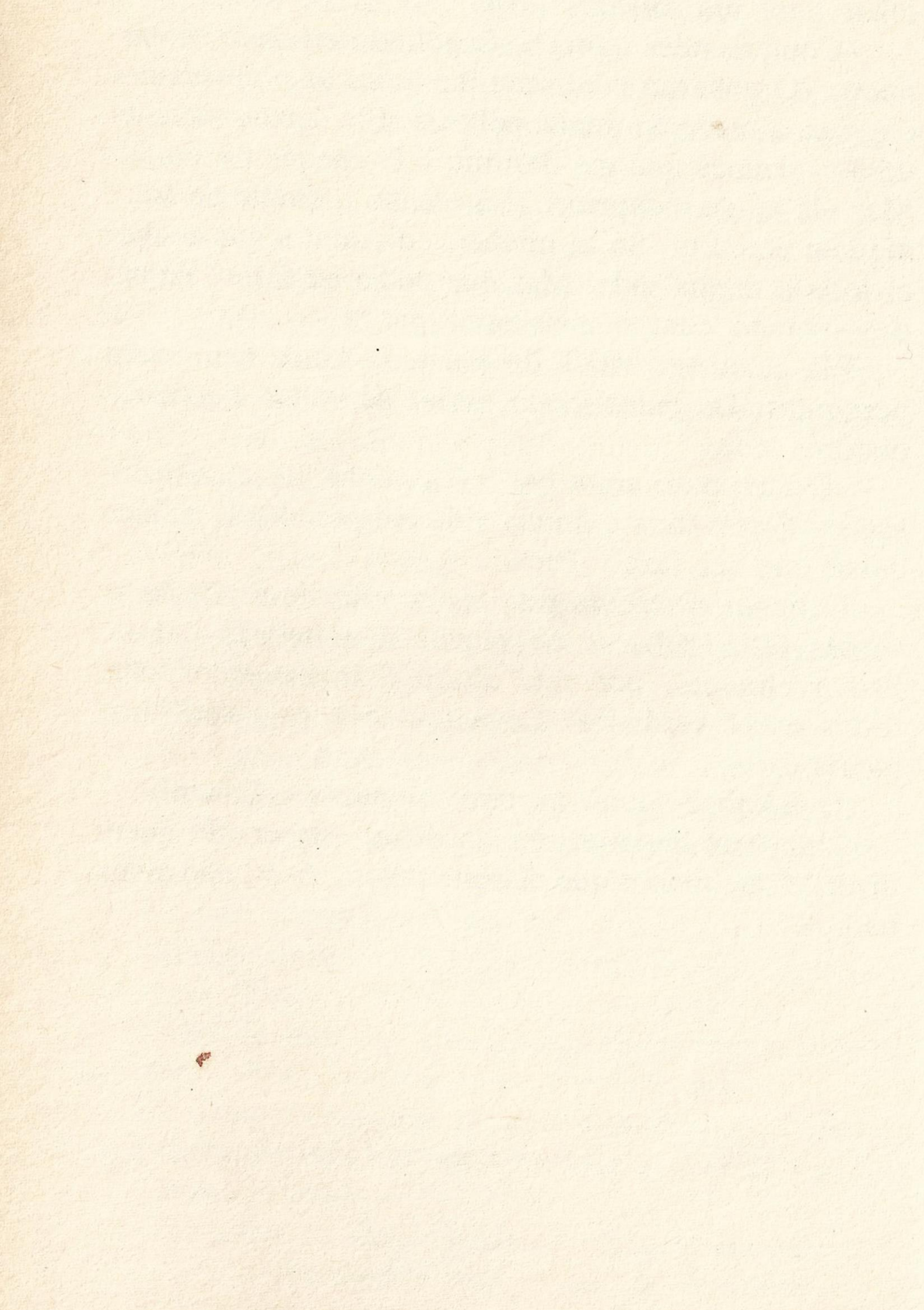
«O meu puro amor por ti é a minha única compensação. Passei toda a minha vida em pecado. É a única coisa que sei fazer. Pecar.»

O maior obstáculo está agora atrás de ti. Quase te sentes feliz. Oh, se ao menos a noite não caísse. Provavelmente, por esta altura o investigador sabe todas estas verdades. Levantou-se e saiu sem uma palavra.

O telefone tocou na tarde seguinte. «Elham!»

Uma voz baixa e tremida disse: «Saber. Só quero dizer-te que tudo o que disseste ontem, bem, não altera nada.»





## Décimo quinto capítulo

Elham. Não passas de uma dor torturante e constante. Quanto a Karima, estás-lhe ligado num nó sangrento que só se quebrará com a morte. A tua necessidade dela é como uma fome enlouquecedora que te mantém num inferno constante. Hás-de encontrar um meio de contactar com ela. Tens de conseguir!

O melhor que podemos fazer, então, é vender o hotel e viver numa outra cidade. Hás-de levar uma vida apaixonada, espontânea, desafogada, não com Elham, cuja voz suplica uma mudança na tua vida e te causa dor interminável. Mas quando irá Karima contactá-lo? O que acontecerá depois do dinheiro se esgotar? Aceitaria qualquer trabalho, mesmo o de Seriakous, só para esperar por Karima. Será que o vão enforcar? Pobre Seriakous! Mataste um homem com as tuas próprias mãos; não há mal em matares outro, mas usando mãos diferentes. Quando, quando acabará este pesadelo?

Antes que saísse do hotel, Elham telefonou-lhe. «Vais renovar o anúncio?» Ela parecia deprimida.

«Não», respondeu ele, aborrecido.

«Pedi a uma pessoa que descobrisse se ele tem número sem estar inscrito na lista», disse ela, meiga.

«E é claro que ele não descobriu nada.»

«Não, infelizmente.»

«Não te preocupes com isso», suspirou ele.

«Temos correspondentes noutras cidades. Andam a investigar o paradeiro dele.»

«Não sei como te agradecer, Elham.»

«Não estás a pensar em vir fazer-nos uma visita?», perguntou ela a medo.

«Não», respondeu ele com firmeza. «Estou a pensar no teu bem.»

«Gostava de saber como é que isto te faz sentir.»

«Já te disse, não tem importância para mim.»

«Tem para mim», murmurou ela.

Perderam o contacto depois disto. A dor era insuportável. De que serve a beleza num mundo manchado de sangue? Os olhos dela só vêem o que é belo. São cegos à fealdade.

Sawi viu-o quando ia a sair e sorriu. Saber retribuiu-lhe com um sorriso nervoso. O homem ofereceu-lhe uma cadeira. Ele sentou-se, ocultando a impaciência e a tensão.

«Está com pressa?», perguntou o velho recepcionista.

«Não, de modo nenhum. Não tenho nada para fazer.»

«Então fique aqui um bocado. Para lhe dizera verdade, sinto-me muito só depois da morte do Sr. Khalil. Não tenho ninguém com quem falar.»

«E os seus filhos?»

«Não estão no Cairo.»

Só estavam dois hóspedes no salão. Os ruídos do tráfego abafavam o canto do mendigo.

«Não surgiu nada de novo?», perguntou Saber.

«Tenho um amigo na polícia. Ele parece saber, embora seja um tanto fanfarrão.»

«O que diz ele?»

«Aly Seriakous. Não encontraram mais ninguém.»

«Talvez ele tenha confessado?»

«Não sei.»

«Foi tentado por um vil roubo.»

«Ele negou o roubo.»

«Mas já o tinha confessado», disse Saber, como que defendendo-se.

«Sim, mas depois negou-o.»

«Mas encontraram o dinheiro em casa dele.»

«Ele disse que a mulher lho deu.»

«A mulher do Sr. Khalil?»

«Sim.»

«Mas porquê?»

«Por esmola, talvez.»

«Mas ela dava esmola aos outros criados?»

«Não. Todos os outros foram interrogados. Ele é o único.»

«É muito estranho», disse Saber, engolindo em seco.

«O que ainda é mais estranho é que ele depois voltou a confessar o roubo.»

«E quanto à tal esmola?»

«Ele disse que ela costumava dar-lhe gorjetas por trabalhos que lhe mandava fazer. Ele viu onde ela guardava o dinheiro e isso tentou-o.»

«Foi roubar e matou.»

«É isso, penso eu.»

«O que pensa o investigador?»

«Quem sabe? Mas eles parecem convencidos de que ele é o assassino.»

«Ele provavelmente confessou», disse Saber, esperançoso.

«Provavelmente.»

«Sem dúvida que a senhora costumava dar-lhe gorjetas.»

«Talvez.»

«Mas por que negou ele e depois confessou?»

«Quem sabe?»

«Deve haver outro lado da questão.»

«Ah. Quem poderá saber?»

Pela primeira vez reparou no rosto do velho. Verde, de olhos baços. Quanto mais de perto olhava mais sentia que estava a ver um rosto novo, esquecendo-se do antigo. «Pensa que haverá outro lado na questão?», perguntou Saber.

«Como posso eu saber?», retorquiu Sawi, não demonstrando interesse pelo assunto.

Sim! É assim que os homens se devem sentir ao aproximarem-se das portas do inferno! «Sabe muito mais do que me quer dizer», disse Saber manhosa-mente.

«Receio que o oposto seja mais correcto.»

«Eles fizeram mais perguntas à mulher?»

«O oficial chamou-a mais de uma vez.»

«A declaração de Seriakous teve alguma coisa a ver com isso?»

«Sim.»

«Tem confiança no seu amigo? O que lhe deu estas notícias?».

«Mas ela própria o disse.»

«A mulher?»

«Sim. Esteve aqui ontem à noite.»

Escolheu a altura em que ele estaria ausente! A manhosa, malvada feiticeira! Que consequências poderá trazer a investigação comparada com este perigo? Tem cuidado; o velho podia ler mais que simples curiosidade nas tuas perguntas. Mas como posso evitar estas perguntas ardentes?

«Ela falou do presente que deu a Seriakous?»

«Sim, foi só uma esmola, claro.»

«É razoável.»

«Porquê?»

«Aly Seriakous não me parece um homem...»

«Apercebeu-se dessas coisas?», perguntou Sawi.

«Nem todos os homens são capazes.»

«Mas eu vivi mais tempo que você», disse o velho em tom avisado.

«Duvida do carácter dela?»

«Não disse isso.»

«Então está convencido da honestidade dela?».

O velho fechou os olhos tristemente. «Não duvido dela, sei.»

Observa como as coisas estão a ser descobertas. A tua investigação está a revelar-se mais bem sucedida que a verdadeira investigação!

«Então ela é desonesta?»

«Infelizmente... Sim...»

«Sabia isso antes da morte do seu amigo?»

«Sim. Mas preocupei-me com a paz de espírito dele mais que a verdade.»

«Deu a sua opinião na investigação?»

«Claro.»

«Referiu a relação entre ela e Aly Seriakous?».

«Aly Seriakous... Não estou a pensar nele.»

Seria esta a armadilha? E estaria ele a cair nela?

«Estávamos a falar dele.»

«Sim, mas depois falámos dela.»

«Como o outro partido.»

«Não. Há outro homem.»

Poderá o fogo dela consumir mais que um homem? Claro que sim! É conhecido por inferno!

«Outro homem?»

«O anterior marido.»

«O homem que a vendeu», disse Saber, sem fôlego.

«Foi meramente um negócio.»

«Mas como sabe isso tudo?»

«Vi-o muitas vezes em casa da mãe dela, quando estive lá.»

As portas do inferno estavam bem abertas. «E não disse isso a ninguém?»

«O conhecimento de tal coisa teria morto o meu amo.»

«Foi morto apesar de tudo.»

«Sim e é essa a tragédia.»

«Como é que ele permitia aquelas visitas?»

«A idade destruiu-lhe a habilidade para duvidar.»

«Também se referiu a isto durante o inquérito?»

«Também.»

«Eles interrogaram o outro homem?»

«Não estava no Cairo na noite do assassinio.»

«Isso não quer dizer que não o tenha planeado.»

«Sim, é verdade. Mas deixaram-no ir.»

«Como?»

«Imagino que têm as suas razões.»

«Devem ter usado o criado com uma astúcia incrível.»

«Ou qualquer outro idiota como ele.»

Saber engoliu em seco. «Talvez tudo isto sejam dúvidas infundadas.»

«Talvez», disse Sawi, sem se comprometer.

«Mas disse que tinha a certeza.»

«Talvez tivesse usado a expressão errada.»

«Bem, voltamos ao ponto de partida.»

O homem abanou a cabeça com gravidade. «O meu coração diz-me que as minhas dúvidas são bem fundadas.»

«Mas podia não haver ligação entre o adultério dela e o crime.»

«É possível. De outro modo não os teriam deixado partir.»

«De qualquer modo, Seriakous serviu-os bem», disse Saber, desdenhoso.

«Se ele é o assassino.»

«Duvida disso?»

«Tudo é possível.»

«Por vezes penso que você não acredita nisso.»

«E por que não? Lembra-se do que lhe disse sobre aquele moço de recados?»

«Talvez ele seja o assassino.»

O velho suspirou. «Penso que o assassino há-de voltar a atacar. Mesmo que não o faça já. Mas há-de voltar a atacar.»

Não há-de pregar olho até a interrogares por ti próprio. Que diabo de mulher. Mas ela é louca se pensa que te pode iludir. Sabe que és capaz de matar. Mas como encontrá-la?

«O antigo marido dela», disse o velho, «não planeou o assassinio, caso contrário eles não o iam largar tão depressa, mas o outro crime...»

«Ele é primo dela», interrompeu-o Saber, «e não é estranho que a quisesse visitar.»

«Na verdade, comecei a ter suspeitas há muito tempo. A mãe vivia aqui perto e o marido levava-a lá sempre que ela queria. E de repente a mãe mudou-se para o número 20 da Rua Sahil, em Zeitoun, a milhas daqui. Porquê? Não conseguia encontrar nenhum motivo lógico a não ser que a mulher usava isso como uma desculpa para passar uns dias em casa da mãe. O Sr. Khalil a princípio recusou, mas depois cedeu.»

Que fácil tinha sido! Número 20, Rua Sahil, Zeitoun. Sem nenhum esforço.

Saber estava agora perdido numa violenta tempestade de loucura. O cheiro a sangue chegava-lhe forte às narinas.





## Décimo sexto capítulo

Sabia que estava a ser vigiado; de outro modo teria ido imediatamente para Zeitoun. Paciência e um plano eram ambos necessários. Sawi estava sentado na cadeira do velho, do morto. Por momentos pareceu a Saber que era Khalil, depois, pela primeira vez, a verdade do que fizera atingiu-o com um impacte feroz: tinha roubado uma vida.

Estará Khalil a pensar em mim agora? Se o pode fazer, que pensamentos lhe passarão pelo espírito?

Cumprimentou Sawi, que lhe devolveu rapidamente o cumprimento e voltou a mergulhar os olhos no livro de registo, como se tivesse esquecido a conversa do dia anterior.

Tomou o pequeno-almoço no salão, sem alento nem apetite. Karima. Ninguém vai fazer de mim um palhaço. Karima não me há-de escapar. Pode tentar o que quiser, mas as cordas do carrasco estão nas minhas mãos. Nada parecia ter mudado no salão, com a conversa de sempre sobre guerra e dinheiro e, lá fora, o mendigo a cantar. Elham estava ao telefone.

«Podes ver-me hoje só por uns minutos?»

«Não posso.»

«Explica lá por que não.»

«Não posso.»

«Mesmo tendo a ver com o teu pai?»

«Com o meu pai.»

«Sim.»

«Que queres tu dizer?»

«Vamos encontrar-nos hoje.»

«Não posso.» Nem o seu pai o podia salvar daquele turbilhão de fúria.

«Mas é sobre o teu pai. O objecto da tua busca.»

«E então?»

«Vou ter contigo?»

«Não», disse ele impaciente. Que notícias poderia ela ter? De qualquer modo, que diferença lhe fazia agora a ele? Zeitoun, é esse o objectivo. O seu pai. Era provavelmente um truque para que ele a fosse ver. Bebeu muito. Vinho barato. Andou por ali a tentar inventar um plano que enganasse os olhos da vigilância.

Vou até ao meu quarto. Mas não vou dormir. O detective há-de dormir. Pela madrugada, desceu as escadas sorratoiro. Um criado dormia à entrada, diante da porta, da porta trancada. Não se atreveu a acordar o homem. Podia ser o detective. De mansinho, voltou a subir as escadas. De repente, ocorreu-lhe uma ideia. Correu escadas acima, até ao telhado. Um arrepio percorreu-lhe o corpo ao passar pelos aposentos fechados. Atravessou o telhado até ao muro do edifício contíguo e, sem hesitar nem por um instante, saltou para dentro do edifício. Ofegante, desceu as escadas, até à entrada. O quarto do porteiro estava fechado. A porta da frente estava fechada. Raios! Eram só obstáculos. Experimentou a chave que estava na fechadura. Não funcionou. Porquê? Experimentou o puxador da porta. Funcionou. A porta não estava trancada. Porquê? Abriu a porta devagar, silenciosamente. De súbito um homem bloqueou a porta agora aberta. «Quem está aí?», gritou uma voz.

Sem hesitar, lançou o punho com violência à cara

do homem e deu-lhe um golpe no estômago assim que ele se dobrou. O homem caiu, mudo, imóvel. Precipitou-se na madrugada fria e deserta. Atravessou a estrada num ápice e correu para o largo. Sem que nada o avisasse, chocou contra qualquer coisa.

«Oh! Socorro! Por favor, por favor, sou cego.»

«Desculpe, está muito escuro», disse, continuando a correr. Estremeceu. Aquele mendigo maldito. Está em toda a parte.

O táxi partiu em direcção a Zeitoun. O detective vai ter de esperar muito. Saiu do táxi no começo da Rua Sahil. Dirigiu-se ao pequeno bangaló. O romper do dia começava a filtrar-se devagar através da escuridão.

Bateu à porta da frente, sem se importar com o que o esperasse. Karima! Lá estava ela, tal como lhe aparecera na sua primeira visita nocturna. Empurrou-a, entrando.

«Estás louco?»

Estavam diante um do outro sob uma lâmpada desnudada e ofuscante.

«Deves estar louco.»

«Talvez.» Fitou-a com olhos injectados de sangue.

«Não medes as consequências deste acto?»

«É melhor do que esperar no desespero», disse ele num sopro.

«Tens de esperar. Não vês que a minha situação é muito mais crítica que a tua?»

«E quanto tempo terei eu de esperar? Até à morte? Por que não telefonaste?»

«Sawi reconhecia logo a minha voz.»

«Qualquer pessoa podia ter falado por ti.»

«Fizeram-me tantas perguntas. Fiquei apavorada.»

«Tu, apavorada! Planeias assassínios na cama, enquanto fazes amor.»

«Não ergas a voz. A minha mãe está a dormir.»

«Ela não é tua cúmplice?»

«Estás louco. Tens um ar tão estranho.»

«Tenho de ver o teu quarto.»

«É um quarto como todos os outros.»

«Não brinques, tenho de ver quem o partilha contigo.»

«Perdeste a cabeça?»

«O teu primo. O teu anterior marido. Não está aqui?», gritou ele.

«Quem disse isso? Não está ninguém aqui. Fizeste a desgraça cair sobre nós ao vires aqui.»

«Não me importo. Tenho de ir ver por mim mesmo.»

Empurrou-a brutalmente para fora do caminho e abriu a primeira porta que viu. Uma velhota dormia profundamente. Outra porta, outro quarto. O dela, muito provavelmente. Procurou em todos os quartos. Não havia vestígios. «Puseste-me louco», gritou ele, voltando à entrada. «Tens de o evitar durante a investigação.»

«Saber, penso que há alguém por detrás de tudo isto. Alguém com muita manha», disse ela, tentando acalmá-lo.

«Não foste casada com o teu primo?»

«Fui.»

«E ele não te vendeu ao homem que planeaste matar?»

«Eles vêm prender-nos, meu idiota. Hoje.»

«Responde-me.»

«És um idiota. Eu arrisquei a minha vida porque te amava.»

«Ele veio dormir contigo neste... bordel!»

«Não consegues perceber a verdade? Esqueceste-te do que houve entre nós?».

«Todas as mulheres são umas perfeitas atrizes na cama.»

«Por favor, por favor, acredita-me. Isso são tudo mentiras!»

Ela estava quase histérica.

«Pensas que tenho medo da força? Nunca te hei-de deixar pertencer a outro homem.»

«Não há outro homem. Acredita-me. Senão eles apanham-nos antes do amanhecer.»

«Putá! Mentirosa! Destruíste a minha vida com uma mentira.»

«Acredita-me, peço-te. Eu amo-te. E fiz tudo por ti!»

«Destruíste-me para usufruíres dos frutos do meu crime com o teu amante.»

«Tu és o meu amante! Acredita-me antes que seja tarde de mais. Esse homem saiu da minha vida há anos!»

«Calculaste as coisas como só o diabo sabe fazer. Eu fico com o assassínio e tu com o dinheiro.»

«Oh, de que serve tudo isto. Estamos acabados. Mais uma vez, não queres acreditar em mim?»

«Não.»

«Então o que queres tu?».

«Matar-te.»

«E morrer enforcado?», vociferou ela.

«Já não me ralo nada!»

Uma chuva de passos, seguida de um ribombar de pancadas na porta. Karima gritou: «A polícia! É tarde de mais!».

Ele lançou-se selvaticamente sobre ela, cego, as mãos fechando-se-lhe em volta do pescoço. Gritos, pancadas na porta, mais gritos, a porta abrindo-se com estrondo.



## Décimo sétimo capítulo

E onde estás agora, Saber? Na prisão, sozinho. Ninguém te visita. Não tens ninguém. Elham é agora um sonho distante, uma visão. Deve ter superado a paixão dela. Deve estar a amaldiçoar-te!

Os jornais trazem a história toda, Karima, o Sr. Khalil, Mohamed Ragab, o primeiro marido. A tua fotografia. A fotografia de casamento, até Elham e, naturalmente, Basima Omran. Os jornais não deixam escapar nada.

Mas na prisão estás livre das vicissitudes da vida, tal como no útero. Saber, preso quando assassinava a sua amante. Saber, há uma história por detrás dele. Basima Omran, rainha da vida nocturna de Alexandria. No meio da sua pobreza e desespero ela ofereceu-lhe um pai desconhecido, uma esperança perdida. Partiu em busca de Sayed Sayed el Reheimy. Amor. Assassinio. As aventuras e conquistas amorosas de Saber. Saber, símbolo de crueldade e corrupção. Admiraram o seu amor por Elham. Que nobre era no meio de uma história sórdida.

A mãe permitira-lhe uma curta vida de luxo; quando isso inevitavelmente se desmoronou, ele passou a ter de encontrar um pai ou matar. O investigador suspeitou de ti desde o início. Eras constantemente vigiado. Sawi falou-te da infidelidade de Karima. A velha raposa! Que idiota fui!



O primeiro marido dela, Mohamed Ragab, negou ter qualquer ligação com a vítima. Fora o amante que caíra na ratoeira. Estaria Ragab a mentir ou a dizer a simples verdade? Os jornais não trazem nenhuns pormenores sobre a parte que resultou na tua destruição. Irás descobrir a verdade depois da morte?

Mohamed al-Sawi, o porteiro, teceu a teia de mentiras que te armou a cilada. A morada que tão facilmente obtiveste dele. O porteiro do edifício que quase te apanhou quando ias ter com ela. O detective reconheceu a tua voz quando pediste desculpa ao mendigo ao chocares com ele. Maldito mendigo!

Os jornais exibem a tua vida escandalosa tal como fazem à da tua mãe. Uma revista fez um exame do teu caso. Estudiosos deram as suas opiniões. Casamento incompatível entre o velho e Karima. A causa principal do crime. A pobreza é a causa. O primeiro marido de Karima vendeu-a por causa da pobreza. Karima é uma mártir da luta de classes. O meio em que Saber cresceu é um antro de pecado. O complexo de Édipo de Saber. Em Karima via de novo a mãe e Khalil, que matou, era o símbolo de poder que ele tinha de destruir.

Vingou a confiscação da riqueza da mãe. É uma questão de perder a fé religiosa. Se Saber tivesse feito muito menos esforço em busca de Deus, em vez do esforço que fizera em busca do seu pai, tudo isto teria sido evitado.

Saber encolheu os ombros ao ler todos estes comentários. Ninguém sabe se Karima mentia ou dizia a verdade, ou se Reheimy existiu ou não, dizia ele consigo mesmo.

Um dia, um advogado apareceu de visita a Saber. Pensou que já o vira em qualquer lado. Mas onde e quando, não conseguia lembrar-se. Sentia-se consolado na presença do advogado. Era um homem de uma certa idade, de aspecto distinto.

«É você o advogado que o tribunal designou para me defender?»

«Não.» Então, numa voz serena, o advogado disse: «Sou Mohamed el Tantawi.»

Saber não reconheceu o nome. «Quem foi que lhe entregou o meu caso?»

«Considere-me um amigo.»

«Mas não tenho dinheiro.»

O homem sorriu. «Sou o irmão mais velho de Ihsan Tantawi. Conheceu o director de publicidade do jornal Esfinge.»

«Ah! Compreendo. Pensei que já o tinha visto antes.» Depois, acrescentou tristemente: «Vai defender-me?».

«Sim. Se me permitir.»

De repente, Saber exclamou: «Elham!»

O advogado sorriu sem dizer nada.

«E o seu pagamento?»

«Só as despesas necessárias.»

Seria possível? O amor dela pagando-lhe o funeral!

«Receio que o senhor venha perder o seu tempo.»

«O conceito de 'desespero' não existe no nosso vocabulário.»

«Mas matei duas pessoas, premeditei um assassinio, confessei.»

«E assim...»

«E Elham. Porquê?»

«Não tem família, mas isso não significa que não tenha uma pessoa amiga.»

«Mesmo depois de eu ter confessado?»

«Ela aceitou tudo.»

Ele limpou as lágrimas. «A segunda vez que choro na minha vida.»

«Não há nada de mal em chorar. Vamos pôr-nos ao trabalho.»

«Eu confessei tudo.»

«Há as circunstâncias.»

«Que circunstâncias poderiam ajudar-me?»

«O meio em que cresceu, o amor, os ciúmes, os seus sentimentos por Elham!»

«Isso só vai fazer correr mais tinta nos jornais.»

«Não vamos desistir.»

«É tudo como um sonho estranho. Vim de Alexandria em busca do meu pai e depois aconteceram coisas estranhas que me levaram a esquecer os meus objectivos iniciais e que finalmente me conduziram à prisão.» Soltou um suspiro e continuou: «E agora esqueci-me de tudo e só me lembro das minhas intenções iniciais. Bem, não vale de muito pensar nisso agora.»

«Podia usar isso na defesa. Direi que isso foi o primeiro crime. Um crime que aconteceu antes de você nascer.»

«Mas agora estou a lembrar-me de uma coisa. Elham chamou-me um dia, dizendo que tinha notícias do meu pai.»

«O que foi que ela disse?».

«Não fui ter com ela. Estava ocupado, a tentar vingar-me!».

«Bem, garanto-lhe que ela não sabe nada dele.»

Saber abanou a cabeça, confuso e desesperado. «A cobertura que os jornais deram ao crime é o melhor anúncio que se pode fazer. Talvez produza algum resultado.»

«Tenho a certeza que nenhuma atenção que o seu pai tenha por si fará qualquer diferença agora.»

«Talvez algum milagre aconteça se ele aparecer.»

«Como?»

«Se ele é realmente alguém importante e de influência.»

«Ele não pode alterar a lei.»

«Ouça, senhor advogado, a minha mãe em tempos exerceu influência e era capaz de mudar a lei mesmo nas barbas dos homens de lei!»

«Então, por favor, explique-me como poderia o seu pai auxiliá-lo.»

Saber hesitou, e então: «Talvez me ajudasse a fugir.»

«A sua imaginação está a fazê-lo sonhar! Pare de pensar nessas possibilidades; só lhe vai trazer dores de cabeça.»

«Bem, de qualquer modo, senhor advogado, agradeço-lhe e estarei ao seu dispor sempre que quiser. Quanto às minhas esperanças indomáveis, bem, senhor advogado, como disse, 'desespero' não é uma palavra do meu vocabulário.»

O juiz pronunciou a sentença. Enforcamento. Saber seguiu o julgamento atentamente e aguardou a sentença. Apesar de tudo, ficou perplexo.

«Vamos ter a oportunidade de fazer um apelo», disse o advogado.

«Como está Elham?», perguntou Saber numa voz abatida.

«Não está muito bem. A história nos jornais, ao que parece, fez com que o pai viesse de Assiut e ele insistiu em levá-la de volta com ele, para que mudasse de ares.»

«Então ele saiu da toca!», exclamou Saber. «Mas o meu pai...»

O advogado sorriu. «Isso faz-me lembrar uma coisa. Quer crer que eu tenho notícias do seu pai?»

«Não!»

«Sim.» O advogado prosseguiu: «Já alguma vez ouviu falar de um cronista de jornais que costumava assinar a coluna com 'O Velhor Jornalista'? Claro que não; isso foi há muito tempo antes de você ter nascido. Ele parou de escrever há vinte anos. Bem, ele é meu vizinho em Heliópolis. Também foi meu professor na Faculdade de Direito. Estávamos a falar do seu caso e eu mencionei o seu pai. Ele interrompeu-me logo e

disse: 'Está a falar de Sayed Sayed el Reheimy? Ora, eu conheço-o. O ricoço e atraente Reheimy. Tinha uns vinte e cinco anos. Isso deve ter sido há mais de trinta anos.'»

«Mas o seu amigo não viu a fotografia no jornal?»

«Ele não lê um jornal há vinte anos. E além disso é cego!»

«Mas o nome, a descrição, a idade.»

«Sim, isso é verdade.»

«Onde está ele agora?»

«Receio que ele não saiba.»

«Ele falou-lhe do primeiro casamento do meu pai?»

O advogado sorriu. «Disse-me que o único prazer dele era o amor.»

«Mas a minha mãe abandonou-o. Decerto que isso é algo que ele nunca esqueceria.»

«Na vida de um homem como Reheimy, as mulheres mudam diariamente. Não há diferença entre o que abandona e o que é abandonado.»

«A minha mãe nunca me falou nesse aspecto da vida dele.»

«Talvez ela não soubesse disso.»

«Mas não se pode ocultar o casamento.»

«O meu amigo Aly Borhan, quero dizer, 'O Velho Jornalista', disse-me que ele se casava frequentemente com todas as espécies de mulheres, velhas, novas, ricas, pobres, viúvas, casadas, divorciadas, até com criadas e prostitutas.»

«É espantoso!»

«Tem razão.»

«Mas isso não lhe levantava problemas?»

«Para ele não havia obstáculos.»

Saber não podia acreditar no que ouvia. «Que trabalho fazia ele?»

«Ele era um milionário. O amor era a sua única profissão. Cada vez que se via em apuros, limitava-se a mudar para outro sítio.»

«Mas ainda tenho a certidão de casamento da minha mãe.»

«Deve poder descobrir inúmeras como essa.»

«Ele foi alguma vez processado em tribunal?»

«Quem sabe? Ele é divorciado, isso basta.»

«Então e a lei?», disse Saber, sarcástico.

«Nunca foi apanhado. O Sr. Bohran disse que ele uma vez teve problemas com uma jovem virgem de uma família rica. Deixou o país na hora certa.»

«Quando é que ele voltou?»

«Não voltou. O mundo tornou-se um palco para ele. Tinha meios de continuar com o seu passatempo em qualquer sítio.»

«Como é que o seu amigo soube disto tudo?»

«Costumavam corresponder-se de tempos a tempos.»

«Ele faz alguma ideia de onde podia estar o meu pai agora?»

«Não. Ele nunca deu a morada dele. E nunca ficava muito tempo no mesmo sítio.»

«Deve ser muito conhecido no estrangeiro.»

«Todos os milionários são muito conhecidos. Mas provavelmente ele usou nomes diferentes. É mais prudente na sua linha de trabalho!».

«Quando foi que o seu amigo recebeu a última carta dele?».

«Sabe, o meu amigo tem agora mais de noventa anos. Não se lembra das coisas com muita clareza. Só se lembra que recebia cartas de todos os cantos do Globo.»

«Mas certamente que sabe tudo sobre a família dele.»

«Ele não tem família no Egipto. O pai era um emigrante da Índia. O meu amigo conheceu o pai dele e, através do pai, conheceu o filho único, Sayed. O pai morreu há quarenta anos, deixando a fortuna ao único

herdeiro. Esse recebeu uma fortuna feliz. Não tem herdeiros no Egito, excepto os que possam ter resultado das suas aventuras amorosas.»

«Como eu.»

«Sim, como você, se ele é realmente seu pai.»

«Não duvido, agora que me contou sobre os hábitos dele.»

O advogado sorriu e não disse nada.

«Sim, os hábitos dele são os meus hábitos. Mas enquanto ele os continua à volta do mundo, aqui estou eu na prisão, à espera do carrasco.»

«Mas ele nunca matou.»

«O seu velho amigo cego não sabe tudo», disse Saber com amargura.

«De todas as maneiras ele é milionário.»

«O que é mais importante é que a lei não o pode desafiar.»

«Mas você sabe que é pobre e sujeito à lei.»

«E também sei quem era o meu pai.»

«E com que vantagem?»

«Sim, infelizmente. A minha mãe conheceu-o melhor do que o seu velho amigo. Fez a fortuna dela através dele e conseguiu desafiar a lei; não teve sorte.»

«Mas ele nunca conheceu o infortúnio.»

«Era impossível para mim aceitar um trabalho de chulo depois de descobrir a minha verdadeira origem.»

«Infelizmente, não viveu de forma correspondente à sua origem.»

«Eu procurei-o.»

«E esqueceu-se dele. Você mesmo o disse.»

«Por causa de uma mulher. Ele teria compreendido isso.»

«Ele não é o seu juiz.»

«Mas foi ele que me abandonou.»

«Podia ter pensado que você era tão capaz como ele e que não precisava dele.»

«Se a minha mãe não o tivesse abandonado, talvez.»

«Mas ela abandonou-o mesmo.»

«Não é da minha culpa.»

«Não, isso é verdade.»

«Foi esse o verdadeiro motivo do crime.»

«Não. Isso é muito forçado.»

«Mas é um motivo melhor que a descoberta fortuita de alguém como Karima.»

«A lei é a lei.»

Saber soltou um suspiro profundo. «Talvez fosse melhor se eu negasse o facto de ele ser meu pai.»

«Era essa a minha opinião. Mas vi como estava desejoso de saber alguma coisa sobre ele.»

«E o que fiquei eu a saber? Nada de útil.»

O advogado acenou a cabeça afirmativamente.

«Agora está tudo perdido; liberdade, honra, paz de espírito, Elham, Karima. Só resta a corda do carrasco», disse ele com um suspiro profundo.

«Ainda podemos fazer um apelo», disse o advogado. «Há mais uma coisa que o Sr. Bohran me contou.»

«O quê?»

«Um dia, para sua surpresa, Reheimy veio bater-lhe à porta!»

«O quê! Quando?»

«Em Outubro passado.»

«Outubro!»

«Sim.»

«Nessa altura eu andava em busca dele em Alexandria.»

«Ele passou seis dias em Alexandria.»

«Isto é uma perfeita loucura! Perguntei por ele por todo o lado. Não publiquei nenhum anúncio em Alexandria; receava que os meus inimigos troçassem de mim.»

«Encontrá-lo seria sem dúvida mais importante do que preocupar-se com a troça dos outros.»



«Sim, sim! Oh, sim!», lastimou-se ele.

«Não se atormente. Talvez ele não tenha lido os jornais.»

«Oh, não tente aliviar o meu desespero.»

«Lamento ter-lhe dito tudo isto.» O advogado olhou o rosto de Saber em agonia, depois, tentando consolá-lo, disse: «Ele ia a caminho da Índia. Ofereceu ao meu amigo um livro sobre como permanecer jovem por cem anos. E também uma grade do melhor uísque.»

«Provavelmente era ele que ia no automóvel naquela noite. Ele assinou o livro?»

«Penso que sim.»

«Posso ver?»

«Vou trazê-lo.»

«Posso ficar com ele por um tempo?»

«Não creio que o meu amigo lhe recusasse isso.»

«Obrigado. Que mais disse o seu amigo?»

«O Sr. Bohran disse que Reheimy estava ainda tão jovem e viril como há trinta anos. Contou-lhe como viajava pelo mundo e que não era capaz de se considerar entre os vivos sem ter feito amor nos quatro cantos do Globo.»

«Ele fez menção de algum filho?»

«Pode ter feito. Mas só fala de amor. Passaram o serão a beber e Reheimy contou-lhe histórias sem fim. Até cantou uma canção que tinha ouvido no Congo.»

«Beber e cantar e nem um comentário sobre os filhos?»

«Talvez a paternidade se modifique quando é praticada em excesso.»

«Mas os filhos permanecem filhos, a despeito do número.»

«Muitas vezes acontecem estranhas contradições, quando um pai valente acredita que os filhos seguirão o seu exemplo.»

«Mas que desculpa», disse Saber, desdenhoso.

«Perdoamos a pessoas pervertidas desvios que não perdoaríamos a outros, portanto, decerto que perdoaríamos uma pessoa tão incrível como ele.»

«Oh! A minha cabeça! Está a dar voltas. Não posso acreditar nisto tudo.»

«Lamento ter-lhe contado.»

«Talvez ele ainda esteja no Egipto.»

«Não. Mandou um postal do estrangeiro.»

«Talvez me visite antes de eu ser enforcado.»

«Nada é impossível.»

«Sabe, eu costumava visitar Elham e o seu irmão Ishan todas as semanas e mal sabia eu que um dia ia estar perto de si, você, vizinho de Bohran, o amigo de Reheimy.»

«Por vezes a vida é assim.»

«Que oportunidade única podia ter sido.»

«Ainda há esperança.»

«Como... que esperança?»

«Podíamos conseguir-lhe uma sentença vitalícia em vez da morte.»

«Mas que esperança!»

«Ainda vai ter mais uma oportunidade de apelar.»

«E se o apelo é recusado?»

O advogado não respondeu. Fechava e abria os punhos, nervoso. Saber continuou: «Se o apelo for recusado e se eu ainda tiver algum tempo, agradecia-lhe que me fizesse o favor de tentar contactar o homem.»

«Meu filho, a lei é a lei. O meu dever é estudar o seu caso, e não partir numa busca insensata.»

«Mas tudo o que ouviu falar dele não o convence de como ele é misterioso?»

«Sou advogado. Sei que só a lei vai decidir o seu destino.»

«Podia haver uma oportunidade, eu podia estar a

ser insensato, mas durante o pouco tempo que me resta, por favor faça o que eu lhe peço.»

«Não tenho meios de o encontrar.»

«Você é um homem experiente. O seu vizinho parece...»

«Contactá-lo não é impossível, mas requer muito tempo, uma coisa de que não dispomos. Temos de contactar todas as nossas embaixadas no estrangeiro. Entretanto, ele podia ter partido para outro lado.»

A memória que enfraquece, dissipando-se. Tão longe e, contudo, quase lá, quase. As nuvens aglomeradas no céu, empurradas pelo vento, ao acaso. A dor que te dilacera atrás das grades da prisão. As perguntas vãs que só conduzem à resposta: «Parece que não vale a pena confiar em ninguém.»

O advogado sorriu, compreensivo: «Só as coisas sensatas valem a pena.»

Saber encolheu os ombros e suspirou: «Ah! Deixem que tudo me aconteça agora.»







## **EM BUSCA**

**Autor:** NAGUIB MAHFOUZ

**EDITORA DIGITAL**

**"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

**Projecto gráfico**

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

**NAGUIB MAHFOUZ**

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

**"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL**

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL  
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

**Não é permitido modificar esta obra.**

**Não pode fazer uso comercial desta obra.**

**Não pode criar obras derivadas.**

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



◆

O Prémio Nobel de Literatura de 1988 teve o importante mérito de nos «obrigar» a descobrir um grande escritor cujo nome, fora do seu país, pouco era conhecido. A verdade é que Naguib Mahfouz é claramente, para quem já pôde ler os seus livros, um autor indispensável de uma obra que merece (e deve) passar a fazer parte da nossa vida e permanecer no nosso horizonte.

Os seus romances constituem, como diz John Fowles, *a formidable body of work* e começaram por ser históricos (os chamados romances «faraónicos») passando depois para o nosso conturbado tempo numa visão muito subtil e complexa e num modo simultaneamente realista e alegórico. *Em Busca* é uma amostra incisiva e exemplar da produção deste grande escritor egípcio que é, sem sombra de dúvida, um grande escritor universal e que deverá ser conhecido e apreciado tão amplamente quanto possível. O considerável êxito dos seus livros nos países mais diferentes comprova bem a sua enorme capacidade de encontrar leitores fiéis em todo o mundo.

*Em Busca*, na sua tragédia e na sua cor, introduz da melhor maneira o leitor angolano na obra de Naguib Mahfouz.



◆

Caminhos de África

